

XX Congresso da  
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

**Caderno de Programação**  
**e**  
**Resumos**

Universidade Federal de Ouro Preto  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
Mariana – MG

16 a 20 de novembro de 2015

Diretoria da SBEC

Presidente: Prof. Fábio Faversani - UFOP  
Vice-Presidente: Prof. Jacyntho José Lins Brandão - UFMG  
Secretário Geral: Prof. Rodrigo Tadeu Gonçalves - UFPR  
Secretário Adjunto: Prof. Fábio da Silva Fortes - UFJF  
Tesoureiro: Prof. Fábio Duarte Joly - UFOP  
Tesoureira Adjunta: Profa. Maria Aparecida Montenegro – UFC

Comissão organizadora local

Alexandre Agnolon  
Ana Paula Scarpa Pinto de Carvalho  
Caroline Coelho Fernandes  
Caroline Morato Martins  
Daisy Hubner  
Fábio Duarte Joly  
Fábio Faversani  
Giovani Silveira Duarte  
Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin  
Jéssica Honório de Oliveira Silva  
Juliana da Rosa  
Mamede Queiroz Dias  
Marice Aparecida Gonçalves  
Nathália Sacha de Araújo Guimarães Medeiros  
Paulo Henrique Franco Cavalheiro  
Stephanie Martins de Sousa  
Thiago Paschoal Perpétuo  
Ygor Klain Belchior

Comissão Científica

Delfim Leão, UC  
Fábio da Silva Fortes, UFJF  
Fábio Vergara Cerqueira, UFPEL  
Francisco Marshall, UFRGS  
Gabriele Cornelli, UnB  
Henrique Fortuna Cairus, UFRJ  
Jacyntho José Lins Brandão, UFMG  
José Luís Brandão, UC  
Marcelo Pimenta Marques, UFMG  
Marcos Martinho dos Santos, USP  
Maria Aparecida de Paiva Montenegro, UFC  
Maria Isabel D'Agostino Fleming, USP  
Neiva Ferreira Pinto, UFJF  
Regina Maria da Cunha Bustamante, UFRJ  
Rodrigo Tadeu Gonçalves, UFPR  
Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha, UnB

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

### **Reitor**

Prof. Marcone Jamilson Freitas Souza

### **Vice-Reitora**

Profª Célia Maria Fernandes Nunes

### **Chefe de Gabinete**

Prof. José Armando Ansaloni

### **Coordenador de Assuntos Internacionais**

Prof. Carlos Magno de Souza Paiva

### **Pró-Reitor de Graduação**

Prof. Marcílio Sousa da Rocha Freitas

### **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Prof. Fábio Faversani

### **Pró-Reitora de Extensão**

Profª Ida Berenice Heuser do Prado

### **Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis**

Rafael Magdalena

### **Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento**

Prof. Rodrigo Fernando Bianchi

### **Pró-Reitora de Administração**

Sílvia Maria de Paula Alves Rodrigues

## **INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

### **Diretora**

Profa. Margareth Diniz

### **Vice-Diretor**

Marco Antônio Melo Franco

### **Chefe do Departamento de História**

Prof. Francisco Eduardo de Andrade

### **Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História**

Prof. Marcelo Rangel

### **Chefe do Departamento de Letras**

Profa. Leandra Batista Antunes

### **Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras**

Prof. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior

### **Chefe do Departamento de Educação**

Prof. Marcelo Donizete da Silva

### **Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação**

Prof. José Rubens Jardimino

# Apresentação

O XX Congresso da SBEC será realizado na cidade de Mariana, entre 16 a 20 de novembro de 2015, e será sediado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Por sugestão da atual Diretoria, o XX Congresso da SBEC terá por tema central “Público e Privado na Antiguidade”.

Este tema remete a questões centrais que estão na ordem do dia e acerca das quais o passado sempre é esgrimido com capacidade explicativa. Na Antiguidade, as fronteiras entre público e privado bem como a natureza desses universos não correspondiam àquelas delimitações contemporâneas. Ainda mais, como ocorre contemporaneamente, as definições do que é público e privado estavam expostas a variações importantes conforme os diferentes espaços sociais e contextos. Definir o que é espaço público é um campo de disputas que envolve os diferentes aspectos da vida social e impacta fortemente a conduta esperada em uma sociedade. Vivemos tempos em que as fronteiras entre público e privado estão em evidência e os padrões de conduta são fortemente questionados com base no entendimento das fronteiras entre público e privado. Tais questionamentos emergem desde a crítica com relação à corrupção até o papel que crenças religiosas das pessoas devam normatizar condutas coletivas, com reflexos especiais no debate sobre a laicidade do Estado. Convidamos a todos para repensar sobre esse tema a partir da importante contribuição que a Antiguidade pode aportar a esse debate.

# Programação

## CONFERÊNCIAS E CERIMÔNIAS DE ABERTURA E ENCERRAMENTO

**Abertura, 16 de novembro, 19 horas – Auditório Francisco Iglesias**

Prof. Dr. Aloys Winterling (Humboldt-Universität zu Berlin) - “City” – **Political Integration – Involution. Considering a redescription of Greco-Roman antiquity**

**Encerramento, 20 de novembro, 19 horas – Auditório Francisco Iglesias**

Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG) - **Grécia e o Médio-Oriente antigo: recepção e transmissão**

## MESAS REDONDAS

**Mesa redonda 1, terça-feira, dia 17 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

**Auditório Francisco Iglesias**

Mediação: Alexandre Agnolon (UFOP)

Representações da imagem do autor e sua persona poética na poesia augustana

Paulo Sérgio de Vasconcellos (Unicamp)

Lucano leitor de Hesíodo

Alessandro Rolim de Moura (UFPR)

**Mesa redonda 2, terça-feira, dia 17 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

**Auditório da sala de estudos**

Mediação: Fábio da Silva Fortes (UFJF)

O sonho como experiência entre o público e o privado em Homero e Platão

Maria Aparecida Montenegro (UFC)

"Sempre o mesmo acerca do mesmo": Retórica e Filosofia em Platão

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (UFMG)

**Mesa redonda 3, quarta-feira, dia 18 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

**Auditório Francisco Iglesias**

Mediação: Alexandre Agnolon (UFOP)

Augusto como Mercúrio enfim

Paulo Martins (USP)

A beleza clássica: reflexões sobre a arte grega

José Geraldo Costa Grillo (Unifesp)

**Mesa redonda 4, quarta-feira, dia 18 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

**Auditório da sala de estudos**

Mediação: Jacyntho Lins Brandão (UFMG)

O *ethos* de generais em Heródoto e em Tucídides

Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (UnB)

Passado e presente: Sicília e Mileto, Afrodísias e Roma no romance de Cáriton

Adriane da Silva Duarte (USP)

**Mesa redonda 5, quinta-feira, dia 19 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

**Auditório Francisco Iglesias**

Mediação: Fábio da Silva Fortes (UFJF)

Legitimações do etnocentrismo pelo *Corpus hippocraticum*

Henrique Cairus (UFRJ)

Legislação moral augustana e a publicização da família

Manuel Rolph Cabeceiras (CEIA-UFF/PLURALITAS-UFRRJ)

**Mesa redonda 6, quinta-feira, dia 19 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

**Auditório da sala de estudos**

Mediação: Fábio Duarte Joly (UFOP)

As Moedas Romanas no Museu Paranaense: reflexões sobre ensino, pesquisa e extensão.

Renata Senna Garraffoni (UFPR)

Culto a Apolo-Hyakinthos em Tarento: identidade grega e laconismo na Apúlia em fins do século IV e início do III

Fabio Vergara Cerqueira (UFPeI)

**Mesa redonda 7, sexta-feira, dia 20 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

**Auditório Francisco Iglesias**

Mediação: Fábio Faversani (UFOP)

Entre os amantes: um mar de distância

Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)

Arte Assíria no Espaço Público

Katia Maria Paim Pozzer (UFRGS)

**Mesa redonda 8, sexta-feira, dia 20 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

**Auditório da sala de estudos**

Mediação: Rodrigo Tadeu Gonçalves (UFPR)

Saturno e Marcial ou o riso epigramático nas Saturnais romanas

Alexandre Agnolon (UFOP)

Comicorum senarii: a valorização de um verso desvalorizado

Beethoven Barreto Alvarez (UFF)

# COMUNICAÇÕES ORAIS

DIA 16 DE NOVEMBRO

Sessão 1  
Sala I 25  
09h30 – 12h

**A Culpa de Agamêmnon.**

Fernanda Mattos Borges da Costa – Universidade de Coimbra

**O sonho das Erínies nas *Eumênides* de Ésquilo.**

Beatriz Cristina de Paoli Correia – UFRJ

**Iconografia, função apotropaica e reinterpretação de Huwawa/Humbaba.**

João Rafael Chió Serra Carvalho – UFMG

Sessão 2  
Sala 7 (Reuni)  
09h30 – 12h

**(Des)respeitando fronteiras: público e privado nos *Libri* de Marco Valério Marcial.**

Joana Catarina Mestre da Costa – Universidade de Aveiro

**Práticas sexuais nos epigramas homoeróticos de Marcial.**

Diogo Moraes Leite – USP

**A arte epistolográfica em Plínio: uma breve reflexão.**

Lucas Matheus Caminiti Amaya – UFRJ

Sessão 3  
Sala 12 (Reuni)  
09h30 – 12h

**Religião funerária, *status* social e simbolismo no Egito Romano: Alexandria e Hermópolis Magna.**

Marcia Severina Vasques – UFRN

**A *Domus* das Carvalheiras de *Bracara Augusta*.**

Paulo Pires Duprat – UFRJ

**Moedas provinciais romanas: uma visão a partir das margens.**

Vagner Carvalheiro Porto – USP

**A cerâmica do Norte da África e sua exportação para a Palestina no período imperial tardio: contatos e tradições compartilhadas.**

Maria Isabel D'Agostino Fleming – USP

Sessão 4  
Sala de Reuniões – ICHS  
14h00 – 16h

**Confissões no quarto: o privado em Meleagro.**

Flavia Vasconcellos Amaral – USP

**Antifonte e o uso do argumento da mácula nas *Tetralogias*.**

Priscilla Gontijo Leite – UFPB

**Píndaro e seus patronos nas *Nemeias* 1 e 9: um estudo comparativo.**

Roosevelt Araújo da Rocha Junior – UFPR

**A polissemia de *ιδέα* no discurso *Antídose* de Isócrates.**

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda – USP

**Νόμος e φύσις na epistolografia cínica pseudepígrafa.**

Olimar Flores-Júnior – UFMG

Sessão 5  
Sala I 25  
14h00 – 16h

***Actio oratoria et actio scaenica.***

Jefferson da Silva Pontes – UFJF

**A formulação do período oratório na retórica romana.**

Carlos Renato Rosário de Jesus – UEA

***In Catilinam*, de Cícero: breve análise das estratégias textuaisdiscursivas com foco na argumentação.**

Rívia Silveira Fonseca – UFRRJ

**A sabedoria pelo avesso – A presença do provérbio burlesco na paródia medieval.**

Daniel Padilha Pacheco da Costa – UFU

Sessão 6  
Sala 22 (Reuni)  
14h00 – 16h

**Attila, rex hunnorum, in *Getica* Iordanis.**  
Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin – UFOP

**São João Damasceno: defensor das imagens e do poder imperial na primeira fase da controvérsia iconoclasta.**  
Caroline Coelho Fernandes – UFOP

**Procópio de Cesareia e as Guerras de Reconquista de Justiniano: um estudo comparado dos líderes políticomilitares na *História das Guerras*.**  
Stephanie Martins de Sousa – UFOP

**O estoicismo antigo como filosofia do corpo.**  
Mariana Monteiro Condé – UFMG

Sessão 7  
Auditório da sala de estudos  
14h00 – 16h

**Acervos digitais e a socialização do conhecimento arqueológico: o caso do Labeca.**  
Regina Helena Rezende Bechelli – Iphan; Rodrigo Prior Bechelli – FEI

**Participando do consórcio internacional *Sunoikisis Digital Classics 2015***  
Anise Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira – Unesp; Michel Ferreira dos Reis – Unesp

**Projeto Minimus: Grego e Latim no Ensino Fundamental**  
Sílvia Maria Marinho Galvão Anderson – USP

**Aspectos filológicos e tradutórios das epístolas XVIII e LVII de São Jerônimo.**  
Maria Cristina da Silva Martins – UFRGS; Alexandra Mariano – Universidade do Algarve

## **DIA 17 DE NOVEMBRO**

Sessão 8  
Sala I 25  
09h30 – 12h

**Sobre o público e o privado na caracterização de Alcibíades.**  
Jovelina Maria Ramos de Souza – UFPA

**Percursos mitográficos em busca de fontes para uma Biblioteca.**

Luciene Lages Silva - UFS

**Filhos para quem? Para quê?**

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa – UFMG

**Segunda Sofística: um segundo engodo?**

Oswaldo Cunha Neto – Unicamp

Sessão 9  
Sala 7 (Reuni)  
09h30 – 12h

**A formação e a autonomia do homem na constituição da sociedade.**

Liliane Barros de Almeida Cardoso – PUC-GO

**O espaço da palhaçaria no gênero trágico: análise da obra *Édipo Rei* de Sófocles e sua adaptação para a linguagem do palhaçaria.**

Denivaldo Camargo de Oliveira – UnB

**Convergência e Divergência do Lar à Urbe**

David Pessoa de Lira – UFPE

**A travessia do discurso trágico de Dejanira por meio de um provérbio em *Traquínias* de Sófocles.**

Wagner Luiz da Silva – UFRJ

Sessão 10  
Sala 12 (Reuni)  
09h30 – 12h

**Os temas e as fontes de Fulgêncio em *Expositio sermonum antiquorum*: a Antiguidade na visão de um cristão na transição entre o mundo antigo e o Medievalo**

José Amarante Santos Sobrinho – UFBA; Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida – UFBA

**Concílios e sínodos eclesiásticos no Império Romano do século IV.**

Macário Lopes de Carvalho Júnior – UEA

**O debate acerca da Crônica de Teoderico (*Anonymus Valesianus Pars Posterior*): novas perspectivas.**

Pedro Benedetti – UFU

**Campesinato galo-romano na Antiguidade Tardia: comunidades, comércio e integração.**

Uiran Gebara da Silva – USP

Sessão 11  
Sala de Reuniões – ICHS  
14h00 – 16h

**Leminski traduz Petrônio: tradução poética e seu contexto sócio-cultural.**

Lívia Mendes Pereira – Unesp

**José Agostinho de Macedo, tradutor da *Tebaida*.**

Leandro Dorval Cardoso – Unesp

**O ritmo da natureza: Lucrécio em hexâmetros brasileiros.**

Rodrigo Tadeu Gonçalves – UFPR

**Tradução e performance coletiva de Catulo 63 em galiambos portugueses.**

Raphael Pappa Lautenschlager – UFPR

Sessão 12  
Sala I 25  
14h00 – 16h

**“Imortal e pobre”: formas de contar histórias da *litteratura* para o século XXI.**

Fernanda Cunha Sousa – UFSJ; Tatiana Franca Rodrigues Zanirato – UFG

**Latim ou latins na sala de aula.**

Leni Ribeiro Leite – UFES

**Letras Clássicas na Escola: sobre “a utilidade do inútil”**

Charlene Martins Miotti – UFJF

***As Metamorfoses* de Ovídio como ludonarrativa para o desejo de aprender.**

Eliane Bettocchi – UFJF; Carlos Klimick – Didak Consultoria

Sessão 13  
Sala 22 (Reuni)  
14h00 – 16h

**Prudente Penélope: a rainha tecelã de Homero.**

Marina Pereira Outeiro – UFRGS

**Os lotófagos na Ásia Menor: a presença intertextual da *Odisseia* na *Anábase* de Xenofonte.**

Emerson Cerdas – Unesp

**Aspectos públicos e privados das profecias na *Odisseia*.**

Gustavo Henrique Montes Frade – UFJF

**O banquete homérico de Sólon: ecos da tradição no F 4W.**

Carlos Eduardo de Souza Lima Gomes – UFMG

Sessão 14

Auditório da sala de estudos

14h00 – 16h

**Iconografia da morte: continuidades e rupturas. Técnica, motivos e gestos nas imagens do ritual de *prothesis* em vasos cerâmicos gregos.**

Carolina Kesser Barcellos Dias – UFPel; Camila Diogo de Souza – USP

**A Casa Espartiata: uma hipótese sobre sua forma e uso.**

Gabriel Cabral Bernardo – USP

**Entre o público e o privado: a casa dos Atridas na *Oresteia* de Ésquilo.**

Marco Aurélio Rodrigues – Unesp

**Aspectos da vida privada em Pompeia e Herculano: escrita e leitura como indicadores de *status*.**

Nicoll Siqueira da Rosa – UFRGS

**DIA 18 DE NOVEMBRO**

Sessão 15

Sala I 25

09h30 – 12h

**O sacrifício no mito de Prometeu em Hesíodo, e em Homero.**

Teodoro Rennó Assunção – UFMG

**Pandora: a mulher como fundamento da propriedade privada.**

Luiz Otavio de Figueiredo Mantovaneli – UFBA

**Lotófagos e melófagos: A narrativa em primeira pessoa na *Odisseia* e em um Romance de Alexandre grego.**

Laura Cohen Rabelo – UFMG

**Homens e deuses na linha 535 da *Teogonia* de Hesíodo.**

Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes – UFMG

Sessão 16  
Sala 7 (Reuni)  
09h30 – 12h

**Arquitetura, poder e espaço: o circo cartaginês como lugar de disputa identitária (séc. III).**

Natan Henrique Taveira Baptista – IFES

**Pontos de contato entre as *praelocutiones* de *Geórgicas* III (Virgílio) e de *De re rustica* VI, de Columela.**

Matheus Trevizam – UFMG

**A poesia didática de Lúcio Moderato Columela.**

Gilson José dos Santos – UFU

**Eficácia e arte na organização interna do Livro III de Marcial.**

Robson Tadeu Cesila – USP

Sessão 17  
Sala 12 (Reuni)  
09h30 – 12h

**Do presente, no *infectum* e no *perfectum***

Flávia Santos da Silva – UFU

**Hipóteses de mudança em construções com verbos estativos em Latim**

Luiz Pedro da Silva Barbosa – UFRJ; Livia Lindóia Paes Barreto – UFF

**Síncope vocálica nas Línguas Sabélicas.**

Jasmim Sedie Drigo – USP

Sessão 18  
Sala de reuniões – ICHS  
14h00 – 16h

**Homero filósofo em Máximo de Tiro.**

Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão – UFPR

***Doxa*, *aletheia* e *eikos* em Górgias de Leontino.**

Adriano Machado Ribeiro – USP

**Górgias de Leontino: entre *aísthesis* e *lógos*.**

Gislene Vale dos Santos – UFMG

**A inutilidade em relação a si mesmo e aos outros.**

Diogo Norberto Mesti da Silva – UEMG

Sessão 19  
Sala I 25  
14h00 – 16h

***Ex paruo creuit*: representações funerárias em *Satyricon*, 71.**

Caroline Morato Martins – UFOP

**A cena carnalizada em Trimalchio e *Cena Trimalchionis*.**

Jassyara Conrado Lira da Fonseca – Unesp

**Os romanos e os celtas: a representação do gaulês no *De Bello Gallico* de Júlio César.**

Priscilla Adriane Ferreira Almeida – UFMG

**Pérsio e a tradição satírica romana: o tópico da seleção da audiência.**

Marihá Barbosa e Castro – UFES

Sessão 20  
Sala 22 (Reuni)  
14h00 – 16h

**Os sentidos no texto: aspectos retóricos no discurso político.**

Ana Lúcia Magalhães – Fatec / Cruzeiro

***Scriptores Artis Metricae*: novas questões**

Vivian Carneiro Leão Simões – UFRR

**Do latim presencial para uma nova proposta de ensino de latim a distância.**

Adriana Sertóri Sandrin – Claretiano Centro Universitário

**Ensino de latim e a formação do leitor: competências intertextual e interdiscursiva.**

Giovanna Longo – Unesp

Sessão 21  
Auditório da sala de estudos  
14h00 – 16h

**As fontes dos fragmentos de Aristófanes.**

Karen Amaral Sacconi – USP

**O confronto entre o público e o privado em *Nuvens* e *Aves*, de Aristófanes.**  
Solange Maria Soares de Almeida – UFC

***Acar-nenses* e *Paz*: o público na privada.**  
Ana Maria César Pompeu – UFC

**A tensão entre o privado e o profano na tragédia *Hipólito* de Eurípides.**  
Fernando Crespim Zor- rer da Silva – UFES

## **DIA 19 DE NOVEMBRO**

Sessão 22  
Sala I 25  
09h30 – 12h

**O público e o privado no casamento de Apuleio com Pudentila.**  
Luís Carlos Lima Carpinetti – UFJF

**A fama e o rumor nas guerras civis romanas (59 a 54 a.C. e 68 a 69 d.C.).**  
Ygor Klain Belchior – USP

**A interpretação do habitar na aristocracia romana mediante as cartas de Marco Túlio Cícero (novembro de 68 a.C. a novembro de 44 a.C.).**  
Renan Corrêa Teruya

**Entre *uerba* e *acta*: uma leitura sobre o comportamento senatorial em Tácito.**  
Mamede Queiroz Dias – UFOP

Sessão 23  
Sala 7 (Reuni)  
09h30 – 12h

***Alceste*: um drama doméstico?**  
Fernando Brandão dos Santos – Unesp

**Religião e socialização no *Ciclope* de Eurípides**  
Vanessa Ribeiro Brandão – UFMG

**Dois poetas, um herói: a construção de um Teseu democrático entre Baquílides e Eurípides.**  
Waldir Moreira de Sousa Jr. – USP

**Memoria y olvido en Hesíodo. El lugar de la interioridad en la gesta estetizante. Tensiones entre lo público y lo privado.**

María Cecilia Colombani – Universidad de Morón / Universidad Nacional de Mar del Plata

***Philia* e arbitragem privada na comédia aristofânica: normas sociais e acordos afetivos em *Vespas* 1418-1426.**

Emiliano Jerónimo Buis – Universidad de Buenos Aires

Sessão 24  
Sala 12 (Reuni)  
09h30 – 12h

**O *topos* sobre o tempo como desencadeador da retórica nas cartas de Sêneca a Lucílio.**

Zilda Andrade Lourenço dos Santos – UFES

**O sonho profético na *Pharsalia* 3.**

Pauliane Targino da Silva Bruno – UEC

**Os impérios em Sêneca.**

Jéssica Honório de Oliveira Silva – UFOP

Sessão 25  
Sala de Reuniões – ICHS  
14h00 – 16h

**Retórica para uma audiência privada: contradição ou ironia no *Fedro*, de Platão?**

Fábio da Silva Fortes – UFJF

**Platão e(m) Nietzsche: considerações.**

Rafael Silva Lemos – UFRJ

**O poder político das artes plásticas nas *Leis* de Platão**

Lethicia Ouro de Almeida Marques de Oliveira – Colégio Pedro II

**Epistemologia do aprendizado no *Eutidemo* de Platão.**

José André Ribeiro – IFBA / UFC

Sessão 26  
Sala 22 (Reuni)  
14h00 – 16h

**Triunfo *versus* “aplausos” e filosofia: Propércio 3.4 e 3.5.**

Francisco Edi de Oliveira Sousa – UFC

**Uma breve apreciação sobre as *Epístolas* de Horácio**

Camilla Ferreira Paulino da Silva – UFES

***Liber* nas relações entre poetas e patronos em Horácio.**

Lya Serignolli – USP

**Indícios Contextuais e Intertextuais entre o Coletivo Sagrado e o Individual Autoral no *Carmen Saeculare* de Horácio.**

José Alexandre Ferreira Maia – UFPE

Sessão 27  
Sala I 25  
14h00 – 16h

**Breve panorama dos dramas satíricos fragmentários de Sófocles.**

Wilson Alves Ribeiro Jr. – USP

***A Paideia* na história da Grécia Antiga.**

Silvana Bollis – UFG; Liliane Barros de Almeida Cardoso – UFG

***Electra* e *Orestes*: os efebos euripidianos na *khóra* de Argos**

Márcia Cristina Lacerda Ribeiro – Uneb

***La Orestíada* como subtexto de *Orestes*: visiones de un proyecto fracasado de colectividad.**

Brenda López Saiz – Universidad de Chile

Sessão 28  
Auditório da sala de estudos  
14h00 – 16h

**As imagens de Augusto na *Eneida* de Virgílio.**

Paulo Henrique Franco Cavalheiro – UFOP

**As Catábases virgilianas (*Geórgicas* IV e *Eneida* VI): *omnia vincit amor*.**

Heloisa Maria Moraes Moreira Penna – UFMG

**O espaço lacial mitológico: Janus, Hércules e Evandro na *Eneida* de Virgílio.**

Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires – UVA

**Os *Commentarii de Bello Gallico* de Júlio César e a nova verba epicurista de Lucrécio.**

Maria de Nazareth Eichler Sant' Angelo – Unirio

## **DIA 20 DE NOVEMBRO**

Sessão 29  
Sala de Reuniões – ICHS  
09h30 – 12h

**Melanchton e Burmeister: os *genera dicendi* e o diálogo entre Retórica e Música no século XVII alemão**

Stéfano Paschoal – UFU

**O Mito de Er, apresentado na *República* de Platão, como chave para a leitura do romance *Ulysses*, de James Joyce.**

Jorge Cunha Conrado de Miranda

**A tragédia Tupiniquim no romance-epopeico-esfíngico de Suassuna.**

Tereza Pereira do Carmo – UFBA

**Por uma poética da emulação: a reescrita da cultura clássica no romance *Helena* de Machado de Assis.**

Edson Ferreira Martins – UFV

Sessão 30  
Sala 7 (Reuni)  
09h30 – 12h

**Da boca suja à mente poluída: a carta de Cícero a Peto (*Ad Fam.* 9.22).**

Lucas Consolin Dezotti – UFPB

**A construção do *ethos* de Cícero e de Marco Antônio na primeira *Filípica* e implicações para a segunda *Filípica*.**

Bruna Fernanda Abreu – Unicamp

***Quo vadis: de animi immortalitate in Tusculanarum Disputationum* Libro I.**

Lucas Nogueira Borges – UFU; João Bortolanza – UFU

**"*Nulli satis eruditi uidentur quibus nostra ignota sunt*": a legitimidade da língua latina para a construção de um discurso filosófico romano no *De Finibus* e no *Academica*, de Cícero.**

Henrique Silva Moraes – UFJF

Sessão 31  
Sala 12 (Reuni)  
09h30 – 12h

**A representação da medicina nos contextos público e privado, segundo a *História Natural* de Plínio.**

Ana Thereza Basílio Vieira – UFRJ

**Preceitos e conceitos da *História Natural*, de Plínio, o Velho, ontem e hoje**

Paula Branco de Araújo Brauner – UFPel

**As “histórias da medicina” em Celso e Plínio, o Velho.**

Thiago Paschoal Perpetuo – UFOP

**O conceito de *aemulatio* enquanto memória em Plauto.**

Juliana da Rosa – UFOP

Sessão 32  
Sala I 25  
09h30 – 12h

**Elogio em prosa na Antiguidade: de Péricles a Plínio, o Jovem.**

Kátia Regina Giesen – UFES

**O supra e o sublunar no pensamento grego.**

Daniel Barbo – UFAL

**Bábrio e a fábula pedagógica.**

Maria Celeste Consolin Dezotti – Unesp

**O surgimento das primeiras *ekklisiai* e a delimitação de suas fronteiras sociais a partir da análise da *Epístola aos Romanos*, de Paulo de Tarso.**

Ana Paula Scarpa Pinto de Carvalho – UFOP

# PÔSTERES

**DIA 16 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

**Platão e a linguagem: gramática, escrita e conhecimento na Grécia Clássica**  
Diego Azevedo Lopes – UFJF

**O sangue e a capacidade de diálogo das almas do Hades na *nekya* de Ulisses  
(*Odisseia*, Canto XI)**  
Erike Couto Lourenço – UFMG

**Indicar o invisível: As sombras da *Odisseia* vistas do Hades**  
Rafael Guimarães Tavares da Silva – UFMG

**Ángelos: anunciador de males em *Antígona* de Sófocles**  
Caroline Caetano de Freitas – UFRJ

**A ironia em Hércules**  
Martha Macedo Rezende – UFMG

**DIA 17 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

**A representação das musas nos poemas homéricos**  
Ívina Silva Guimarães – UFMG

**Ctésias sobre as coisas da Índia**  
Nathalia Thomazella – UFMG

**Ponderações sobre o pensamento de Xenófanes e o ceticismo grego**  
Robert Brenner Barreto da Silva – UFC

**A atuação das mulheres espartanas no espaço público da pólis**  
Gaya Maria Vazquez Gicovate – USP

**Contos de mitologia: experiências da extensão**  
Mariana Souza Veiga – UFJF  
Barbara Delgado Azevedo – UFJF

**Contos de Mitologia: Uma visão geral**  
Luís Cláudio Dadalti – UFJF

**DIA 18 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

**Uma tradução da *Heroidum Epistula VII* em dístico elegíaco brasileiro**

Marina Cavichiolo Grochocki – UFPR

**As *Guerras Púnicas* de Sílio Itálico: Tradução do canto I das *Púnicas***

Grace Joplin Ferreira – USP

Marcelo Vieira Fernandes – USP

**O conceito de *altercatio*, *iudicium* e *consilium* conforme Quintiliano (*Inst. Or.* VI, 45)**

Filipe Cianconi Rodrigues – UFJF

**O estudo da volição em orações encaixadas latinas**

Laís Lagreca de Carvalho – UFJF

Fernanda Cunha Sousa – UFJF

**O gênero demonstrativo retórico e o seu impacto na poética**

Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho – UFES

**Um estudo sobre o uso do duplo acusativo no latim: extratos e análises**

Thales Perente de Barros – UFU

**O discurso ideológico e a experiência social: *status* e mobilidade feminina em [Demóstenes] 59. *Contra Neaira***

Aline Saes Rodrigues – USP

**Compromisso com o bem falar na cultura democrática a partir do *Protágoras*. Sócrates x Protágoras: Contribuições e contradições pedagógicas.**

Valeska Ferreira Lima Clementino – UFPB

Rodrigo Silva Rosal de Araújo – UFPB

**DIA 19 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

**A personagem Eneias de Virgílio à luz do princípio mimético horaciano do público e do privado**

Maria Ozana Lima de Arruda – UFC

**Os *Amores* de Ovídio na Tradução Parafrástica de António Feliciano de Castilho (1858)**

Giovani Silveira Duarte – UFOP

**Metamorfose do mito em paródia e vice-versa**

João Victor Leite Melo – UFJF

Charlene Martins Miotti – UFJF

**A Retórica do Amor**

Marice Aparecida Gonçalves – UFOP

**A contribuição das Musas no surgimento dos gêneros literários**

Thays Marques Uchôa Cavalcante – UFPE

Elizandra Pereira dos Santos – UFPE

**Homossexualidades masculinas romanas: um estudo do *Satyricon*, de Petrônio**

Fabício Sparvoli Godoy – USP

**DIA 20 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

**O elemento lúdico no ensino da cultura clássica**

Isabella Cunha Lopes – UFJF

**Vida pública e República mista em Cícero**

Elias Nunes Alves Junior – UFC

**O uso de polidez para manutenção da *amicitia* nas epístolas ciceronianas**

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira – UFES

**Projeto de Antologia Bilíngue da Literatura Latina**

Rafael Ummen Cunha Peixoto – UFPE; José Alexandre Ferreira Maia – UFPE

**Letras Clássicas na Escola IV**

Vinícius Moraes Tiago – UFJF

Fernanda Cunha Sousa – UFJF

**Os temas e motivos da epigramática helenística na Elegia Erótica Romana: o entrecruzamento genérico entre epigrama e elegia e a poética clássica na esteira da emulação**

Gabriel Ismael Carrazzone Lacativa (UFOP)

# MINICURSOS

17 a 20 de novembro, de 8h00 às 9h00

**Abordagem direta do Latim Clássico** – Prof. Dr. João Bortolanza (UFU)

Sala 7 (Reuni)

**Economia e crise no mundo romano do século I a.C.** – Prof. Dr. Deivid Valério Gaia (LHIA-IH/UFRJ)

Sala I 25

**História Antiga, Arqueologia Clássica e Cultura Material** – Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco (Unifesp)

Sala 12 (Reuni)

**Zoofilia Epigramática: Animais de Estimação em Epigramas Funerários da *Antologia Palatina*** – Prof. Dr. Alexandre Agnolon (LEIR-UFOP)

Sala de reuniões - ICHS

# Roda de Autores

**Dia 17 de novembro, a partir de 19 horas**

**Auditório da sala de estudos**

**ARISTÓFANES. *Tesmoforiantes*. Tradução, apresentação e notas de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Via Leitura, 2015.**

Ana Maria César Pompeu (UFC)

*Tesmoforiantes* ou *Demetercoreantes* (411 a.C.) vem, surpreendentemente, tratar de um tema “literário” e social, não mais tão diretamente relacionado à guerra. Em Atenas, todos os anos, durante o mês *Pyanepsion* (outubro), as mulheres casadas se reúnem no *Tesmofórion*, templo dedicado às deusas Deméter e Perséfone (ou *Core*), chamadas *Tesmóforas*, “as legisladoras”, e celebram a festa Tesmofórias. Aristófanes, no entanto, traz as mulheres celebrando a festa fora de época (março-abril, no *Elaphebolion*, data das Grandes Dionísias), e, dessa vez, elas planejam eliminar o poeta trágico Eurípides, por ele falar e mal das mulheres em suas peças. Assistiremos a uma verdadeira retirada da máscara do teatro, numa crítica aos fundamentos da representação séria, a trágica, por explorar o feminino através de atores homens representando mulheres, ficando o ridículo manifesto na cena que traveste o parente de Eurípides em uma mulher.

**PRATA, Patrícia & FORTES, Fábio (Ed.), *O Latim hoje: Reflexões sobre Cultura Clássica Ensino*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.**

Fábio da Silva Fortes (UFJF)

Patrícia Prata (Unicamp)

Contando com a participação de professores de latim de diferentes universidades e regiões do Brasil, e uma contribuição da Nova Zelândia, este livro condensa uma pluralidade de reflexões acerca do ensino de latim e cultura clássica na atualidade, com foco especial no contexto brasileiro. Traz uma coletânea de textos que abordam quais as concepções de ensino do latim, o valor e seu lugar, sobretudo na cultura brasileira, suas práticas e metodologias. Há, entre os autores, professores que percorrem esse caminho há muitos anos, e que representam grandes nomes dos Estudos Clássicos no Brasil e no exterior, e que vêm colaborar com sua ampla experiência no ensino do latim, como também outros que apenas recentemente iniciaram a caminhada, e que apresentam suas reflexões a partir de outro olhar. É nosso interesse que este livro estimule a produção de outras obras, com vozes outras, que possam incluir, de forma cada vez mais aprofundada, novas discussões e reflexões sobre a presença da língua e cultura clássicas no mundo atual e como ela ocorre. Melhor dizendo, esperamos que este livro nos permita pensar sobre o papel que nossa cultura atribui ao Latim hoje.

**BELCHIOR, Ygor K. *Nero: bom ou mau imperador? Retórica, política e sociedade em Tácito (54 a 69 d.c)*. São Paulo: Editora Prismas, 2015.**

Ygor Klain Belchior (USP)

Os recentes acontecimentos no Brasil e no mundo demonstram que é impossível pensarmos em um governante que seja “consensualmente” considerado como “bom” para todos os grupos que compõem as modernas democracias. No mundo antigo, como em Roma, apesar de todas as diferenças para com os dias de hoje, o cenário é o mesmo: é muito difícil termos um “consenso universal” sobre os Imperadores, mesmo quando um deles foi Augusto. No caso deste último, as inúmeras propagandas políticas, como aquelas pensadas por Agripa, além daquelas em forma de textos fundadores de identidades, como a *Eneida* de Virgílio, são a justificativa para tal afirmação. Senso assim, este livro se debruça na vida de um dos mais polêmicos Imperadores do passado Romano, o *princeps* Nero, no intuito de responder à pergunta que intitula nossa pesquisa. Neste processo, o livro contemplará quatro capítulos distintos que irão debater, respectivamente, a vida, as fontes e a historiografia sobre Nero; a vida, a recepção e os estudos modernos sobre Tácito, seguidos de uma reflexão sobre o que significava fazer história na Antiguidade; após essas reflexões, o livro também se propõe a um estudo sobre o Principado romano, sua organização social e política, através de dois conceitos elaborados para esta pesquisa, o da “ordem” e o da “(des)ordem” Imperiais; ao final, o leitor encontrará, no último capítulo, uma reflexão sobre como os temas da Retórica, da Oratória e da História podem ser entendidos dentro da proposta maior que irá remeter à noção de que os conflitos internos ao Principado, inclusive contra “maus” Imperadores, podem ter uma função muito maior do que a de descrever ou apresentar qualidades individuais.

**BELL, Barbara. *Minimus: conhecendo o latim*. Ilustrações de Helen Forte; tradução de Fábila Alvim Leite. São Paulo: Filocalia, 2015.**

Método de curso de latim, para crianças e adultos, que permite que o aluno aprenda por meio de textos curtos, bem estruturados, apresentados no estilo história em quadrinhos. Mitos, lendas, informações históricas e fotos acrescentam um aspecto cultural ao aprendizado da gramática e do vocabulário latinos.

***Electra* de Eurípides / tradução Trupersa; direção de tradução e coordenação geral: Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa – Cotia: Ateliê Editorial, 2015.**

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG)

***Latinitas: leitura de textos em língua latina – fábulas mitológicas e esópicas, epigramas, epístolas*. Salvador: EDUFBA, 2015.**

José Amarante (UFBA)

O volume, um dos produtos da tese "Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção – discursos, práticas, representações, proposta metodológica", é resultado de um trabalho de algum tempo de dedicação ao ensino do latim. Passados alguns anos de experimentações em sala de aula, resolvemos organizar o que tínhamos feito, fazer uma análise crítica de nossa própria produção e estruturar uma proposta metodológica que permitisse a aprendizagem do latim em contextos significativos, isto é, pelo entendimento dos textos produzidos na língua. Dada a dificuldade de se proporcionar unidade a materiais dispersos produzidos por nós nos últimos anos, optamos, nesse processo, por redesenhar um projeto de material didático, concebendo-o uniformemente. Contribuiu para a nossa empreitada um levantamento e análise dos livros didáticos produzidos no Brasil no século passado, quando ainda se

estudava o latim nas escolas, e outros publicados já na primeira década deste nosso século. Este primeiro volume da coleção *Latinitas*, apresenta o trabalho com os gêneros: fábulas (mitológicas e esópicas), epigramas, epístolas.

***Latinitas: leitura de textos em língua latina – elegias, poesia épica, odes. Salvador: EDUFBA, 2015.***

José Amarante (UFBA)

Este livro é uma continuidade da proposta metodológica iniciada com o *Latinitas* – fábulas (mitológicas e esópicas), epigramas, epístolas, o volume vermelho, destinado ao primeiro contato do estudante com a língua latina. Assim, trata-se de um livro voltado a quem tenha estudado o volume I do *Latinitas* ou a quem já tenha algum conhecimento do latim. A proposta, que aqui tem continuidade, traz como princípio a aquisição de competências para a leitura do texto latino, não desprezando o conhecimento e a aplicação gramatical, mas dando um maior sentido ao estudo gramatical através do contato do aluno com a gramática do texto. Os textos estão organizados por gêneros (neste volume: elegias, poesia épica e odes), permitindo que não fiquem de fora aspectos discursivos interessantes para o entendimento do contexto em que os textos foram produzidos.

***Performative Plautus: Sophistics, Metatheater and Translation. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2015.***

Rodrigo Tadeu Gonçalves (UFPR)

Este livro analisa a comédia romana, especialmente Plauto, a partir de discussões sobre performatividade e sofística (através de uma aproximação com o trabalho de Barbara Cassin), além de uma discussão sobre metateatro com base nos conceitos de ritual, jogo e codificação de Florence Dupont e liga esses domínios através da discussão sobre tradução. O livro também conta com uma apresentação e um prefácio assinados por essas autoras.

**LE ROUX, P. *Os territórios romanos de Portugal no Alto Império. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, suplemento 19, 2015.***

Maria Isabel D'Agostino Fleming (MAE-USP)

# Atividade Cultural

**Dia 18 de novembro, 20 horas**

## **Tradução e performance coletiva de Catulo 63 em galiambos portugueses.**

A proposta de uma tradução performativa do Poema 63 de Catulo iniciou-se como um projeto coletivo integrado por Acácio Luan Stocco, Alexandre Cozer, Guilherme Gontijo Flores, Marina Cavichiolo Grochocki, Raphael Pappa Lautenschlager e Rodrigo Tadeu Gonçalves no âmbito dos estudos da disciplina Língua Latina V, da Graduação em Letras da UFPR ministrada no primeiro semestre de 2015. O poema 63, ligado ao rito da deusa mãe Cibele, foi composto no metro galiambo, cuja complexidade é significativa para o frenético culto da deusa, sendo esse fato decisivo para a opção pela tradução que mantivesse esse esquema rítmico. O trabalho incorpora as noções de tradução literária como reescrita e de tradução performativa, principalmente a partir dos estudos e projetos desenvolvidos pelos dois docentes envolvidos, Profs. Drs. Rodrigo Tadeu Gonçalves e Guilherme Gontijo Flores, e de suas experiências com tradução performática, reescrita, adaptação e tradução da literatura grecoromana no contexto brasileiro. Além da tradução, o projeto inclui a criação da performance do poema traduzido, que engloba canto, música e dança.

# Resumos

## MESAS REDONDAS

**Mesa redonda 1, terça-feira, dia 17 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

Mediação: Alexandre Agnolon (UFOP)

Representações da imagem do autor e sua persona poética na poesia augustana

Paulo Sérgio de Vasconcellos (Unicamp)

Analisarei alguns textos da época de Augusto que revelam, a meu ver, o fenômeno curioso da representação da imagem do autor ambigualmente assumindo o que é uma evidente persona poética moldada segundo o gênero. Explorarei as considerações de Holzberg sobre um tema segundo ele pouco explorado: “When a poet talks about things connected with another poet’s life, it appears to go without saying that the vita to which he alludes is not that of the author in question, but of his poetic ego” (HOLZBERG, Niklas. *A Sensitive, Even Weak and Feeble Disposition? C. Valgius Rufus and his ElegiacEgo*. In: ARWEILER, Alexander; MÖLLER, Melanie (ed.). *Vom Selbst-Verständnis in Antike und Neuzeit. Notions of the self in Antiquity and beyond*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 2008, p. 21). A meu ver, essa observação vale também para as autorrepresentações de autoria que pretendo analisar em minha exposição.

Lucano leitor de Hesíodo

Alessandro Rolim de Moura (UFPR)

Esta apresentação fornece um panorama dos aspectos-chave da recepção de Hesíodo em Lucano, indicando como este lê o poeta grego e como utiliza seu predecessor para seus próprios fins. Discutirei o efeito obtido em passagens específicas por meio da alusão a Hesíodo e explicarei a relevância de paradigmas hesiódicos na definição de padrões de importância mais geral no *Bellum Ciuile*. A utilização que Lucano faz de Hesíodo parece ser múltipla: em alguns casos, o poeta grego serve de modelo que Lucano emula e repete; outros aspectos dessa relação envolvem uma revisão ou inversão do modelo hesiódico. Às vezes Lucano parece aludir a Hesíodo por intermédio de outros autores latinos; por outro lado, várias passagens decisivas na *Guerra Civil* revelam até mesmo uma íntima familiaridade com o texto grego (e.g. Luc. 1.666-9 ≈ Hes. *Op.* 189-94; Luc. 6.685-93 ≈ Hes. *Th.* 829-35; Luc. 9.646 ≈ Hes. *Th.* 270). Depois de uma exposição geral da questão, proponho dois caminhos de leitura que me parecem os mais frutíferos no momento: i. o uso que Lucano faz da “geração de ferro” hesiódica ao expor sua visão poética da sociedade romana; ii. a releitura dos conflitos divinos da *Teogonia* na interpretação que Lucano propõe para a guerra civil.

**Mesa redonda 2, terça-feira, dia 17 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

Mediação: Fábio da Silva Fortes (UFJF)

## O sonho como experiência entre o público e o privado em Homero e Platão

Maria Aparecida Montenegro (UFC)

Em *The Greeks and the Irrational*, Dodds propõe que, por traz da experiência supostamente privada do sonho, há um padrão cultural que preside o tipo de sonho cujo relato é mais recorrente em um determinado período e não em outro. Assim é que, na tradição homérica, deparamos com um tipo de representação em que o sonho é personificado na figura de *Ôneiros*. Não sendo propriamente um deus, ele é antes um intermediário que, a mando de um imortal, assume a forma de um mortal que exerça autoridade sobre o sonhador. Desse modo, visita-lhe o sono transmitindo-lhe mensagens sobre acontecimentos próximos ou futuros; ou ainda, dando-lhe algum tipo de prescrição ou ordem a ser prontamente cumprida, a fim de evitar algum mal iminente, ou mesmo auxiliar algum protegido por seu mandatário. Nesse contexto, o sonho é representado como se se tratasse de uma experiência exterior, uma espécie de visita, supostamente nada revelando da vida privada daquele que sonha. Tanto é que, mesmo depois de Homero, os gregos da Antiguidade Clássica continuaram a usar a expressão "eu vi um sonho", ao invés de "eu tive um sonho". Pretendo mostrar que Platão, apesar de lançar críticas ao estilo poético de conceber a relação entre deuses e mortais (*República*, 383 b; 386 a e segs), nem por isso deixa de assimilar a herança homérica no que tange à representação dos sonhos. Tal se verifica em diálogos como o *Fédon* (60 e - 61a) e *Críton* (44a-b). No primeiro, Sócrates relata um sonho recorrente em que uma voz o ordena a fazer poesia. E é então que se dá conta de já ter tido o mesmo sonho há tempos atrás, sendo agora capaz de compreender seu significado. A poesia que Sócrates produzira ao longo de toda a sua vida fora a filosofia. Tudo se passa como se Platão se valesse do estilo homérico para inscrever a filosofia na tradição, porém, elevando-a como a maior de todas as formas de poesia. Ora, se a filosofia socrático-platônica é pautada pelo constante auto exame – o célebre conhece-te a ti mesmo atribuído aos antigos sábios – temos, no caso desse sonho usado por Platão, um exemplo de representação da dupla dimensão – pública e privada – da filosofia.

### "Sempre o mesmo acerca do mesmo": Retórica e Filosofia em Platão

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (UFMG)

Ao ser criticado por Cálicles, no *Górgias*, por falar sempre dos mesmos temas, Sócrates responde que, de fato, fala sempre o mesmo acerca do mesmo. Nesta comunicação, partindo da discussão sobre o discurso filosófico, defendido por Platão/Sócrates, no *Górgias*, como oposto ao discurso retórico, tentarei mostrar que, embora o *Fedro* seja visto como uma mudança de opinião em relação ao estatuto da retórica e o da Filosofia, Platão parece não diferir, tanto como geralmente se pensa, da visão da retórica apresentada no *Górgias*.

## **Mesa redonda 3, quarta-feira, dia 18 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

Mediação: Alexandre Agnolon (UFOP)

### Augusto como Mercúrio enfim

Paulo Martins (USP)

Um pedestal, dedicado a Mercúrio Augusto, recentemente foi encontrado na cidade romana Ammaia (Marvão, Portugal). Tal descoberta reabre uma discussão sobre a importância e a significação da associação entre um deus e um líder romano. A minha preocupação é verificar o que isso possa sugerir e significar aos romanos da *urbs* e das *prouvinciae*, observando, em particular, as representações de Augusto como Mercúrio. Ainda que as associações entre divindade e governante sejam muito comuns, por exemplo, Augusto representado como Apolo,

Júpiter ou Netuno; Tibério como Apolo; Cláudio, Júpiter; ou Cômodo à semelhança de Hércules, a discussão sobre a relação entre Augusto e Mercúrio é bem rara na bibliografia recente. As reflexões mais profícuas sobre este tema remontam à primeira metade do século 20, de maneira que o trabalho de Chittenden sobre numismática e o artigo de Grether a respeito de epigrafia são muito importantes. Assim, novas evidências devem ser consideradas a fim de que tenhamos um panorama mais atento dessas representações no mundo romano. Este artigo propõe avaliar e analisar recorrências epigráficas, iconográficas e literárias de Augusto Mercúrio a fim de que assomemos essa nova descoberta ao conjunto de representações deste tipo, oferecendo novas possibilidades de leitura e de interpretação sobre elas.

#### A beleza clássica: reflexões sobre a arte grega

José Geraldo Costa Grillo (Unifesp)

Considerando as fontes antigas e a historiografia sobre a arte clássica, o autor trata do conceito de beleza clássica na arte grega, apontando o que foi este conceito na Antiguidade e na Modernidade.

#### **Mesa redonda 4, quarta-feira, dia 18 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

Mediação: Jacyntho Lins Brandão (UFMG)

#### O *ethos* de generais em Heródoto e em Tucídides

Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (UnB)

História e retórica configuram, em muitos aspectos, os modelos de comportamento que o presente idealiza com base no passado. A Antiguidade greco-romana cultuou generais e líderes políticos, e generais-políticos, em biografias e em reiteradas narrativas historiográficas em que o *ethos* dessas figuras era apresentado de modos diversos, muitas vezes contraditoriamente. Isso aponta mais para o reflexo das expectativas contemporâneas a cada composição do que propriamente para as características de fato que tais personagens pudessem apresentar como exemplares, seja na guerra, seja na política. A partir desse pressuposto, este trabalho investiga a apresentação do *ethos* de alguns generais que aparecem nas narrativas de Heródoto e Tucídides – Mardônio, Milcíades, Péricles e Nícias, por exemplo – para verificar se há algum *ethos* idealizado e coincidente nos dois autores, que nos sinalize para um modelo de general-líder aspirado pelos Gregos do século V a.C.; e, em caso afirmativo, para quais seriam as características específicas, de comportamento, que dão forma a tal modelo.

#### Passado e presente: Sicília e Mileto, Afrodísias e Roma no romance de Cáriton

Adriane da Silva Duarte (USP)

*Quéreas e Calíroo*, romance de Cáriton de Afrodísias (I d.C.) tem como ponto de partida e de retorno do par protagonista a cidade de Siracusa, na Sicília do início do século IV a.C.. Uma parte considerável da ação, contudo, se passa em Mileto, para onde se desloca a heroína. Procura-se investigar aqui as razões dessa opção de Cáriton, que já na primeira sentença de sua obra proclama sua nacionalidade, alertando o leitor que o autor é um grego que vive na periferia do império romano. A hipótese é que a escolha por situar a ação do romance no passado reflita menos a emulação do relato historiográfico, especialmente o de Tucídides, mas antes uma estratégia para tratar indiretamente da relação entre Afrodísias e Roma no presente.

## **Mesa redonda 5, quinta-feira, dia 19 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

Mediação: Fábio da Silva Fortes (UFJF)

### Legitimações do etnocentrismo pelo *Corpus hippocraticum*

Henrique Cairus (UFRJ)

Este trabalho busca mostrar como visões etnocêntricas sobre o "Novo Mundo", sobretudo no século XVII, foram respaldadas no *Corpus hippocraticum*. Por uma série de construções analógicas que perpassaram a utilização de modelos de inteligibilidade e redundaram na construção discursiva de um *êthos* tropical, o relato de viajantes como Guilherme Piso apresenta uma imagem dos povos tropicais respaldada na figura do asiático, composta por um pensamento de caráter determinista, segundo a qual a natureza domina o caráter.

### Legislação moral augustana e a publicização da família

Manuel Rolph Cabeceiras (CEIA-UFF/PLURALITAS-UFRRJ)

Ao conjunto formado pela *Lex Iulia de maritandis ordinibus*, pela *Lex Iulia de adulteriis* (ambas de 18 a.C.) e pela *Lex Papia Poppaea* (9 d.C.) que, durante a Era Augustana, buscaram promover um disciplinamento da família nunca antes assistido no seio da sociedade romana, se costuma chamar de legislação moral. A inauguração da intervenção do Estado numa área antes privativa do *pater familias* tem sido interpretada como simples restauração dos costumes tradicionais, desconsiderando o fato de que o caráter inaugural dessa ação fere o cerne da autoridade do *pater* e duma perspectiva tradicionalista. É nosso propósito apresentar uma interpretação dos objetivos da referida legislação que dê conta mais adequadamente de tais elementos e do contexto histórico que lhes dá sentido.

## **Mesa redonda 6, quinta-feira, dia 19 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

Mediação: Fábio Duarte Joly (UFOP)

### As Moedas Romanas no Museu Paranaense: reflexões sobre ensino, pesquisa e extensão.

Renata Senna Garraffoni (UFPR)

Como tutora do PET-História da UFPR, no ano de 2014 conseguimos estabelecer uma promissora parceria com o Museu Paranaense para que os alunos e as alunas do curso pudessem entrar em contato com as atividades cotidianas do Museu. Entre as várias atividades que desenvolvemos, a organização do acervo de moedas romanas pode ser pensada como um estudo de caso importante para refletir sobre meios de pesquisar a cultura material greco-romana presente nas instituições brasileiras. Como esse material ainda é subestimado pelos pesquisadores e pouco sabemos sobre como vieram fazer parte dos acervos, a presente comunicação visa analisar as experiências e discutir seus resultados para pensar meios para conhecermos melhor os acervos da Antiguidade no país.

### Culto a Apolo-Hyakinthos em Tarento: identidade grega e laconismo na Apúlia em fins do século IV e início do III

Fabio Vergara Cerqueira (UFPeI)

Na localidade de Contrada Carmine, em Tarento, foi encontrado, em 1950, um depósito votivo com cerca de três mil figurinhas de terracota. Na década de 1990, foram inventariadas 2365 peças,

nas reservas do Museu Arqueológico Nacional de Tarento (MARTA), das quais, 1018 figurinhas masculinas, e 1333 figurinhas femininas. A identificação não é conclusiva, mas se trata, provavelmente, de registro do culto a Apolo-Jacinto e sua irmã Poliboia, datado dos primeiros anos do séc. III. Trata-se de um conjunto regionalmente circunscrito e cronologicamente limitado às duas primeiras décadas deste século. Portanto, pode-se inferir que seu culto esteja muito relacionado ao ambiente tarantino da virada de século, frente ao avanço do domínio romano na Itália meridional. Em nossa hipótese de trabalho, consideramos que seja um fator de laconismo na identidade tarantina, resgatando em momento de crise de autonomia e hegemonia regional as heranças culturais fundacionais espartanas, cujos laços haviam sido reforçados, política e militarmente, na segunda metade do século IV. O culto a Hyakinthos (Jacinto) associado a Apolo havia se instaurado na Lacônia, em Amyclae, que envolvia a memória religiosa de um deus peloponésio pré-dórico, posteriormente reconfigurado como herói associado a Apolo, sendo acompanhado já no Peloponeso ao culto a sua irmã Poliboia. A presença de seu culto em Tarento é sugerida por Políbio (VIII, 28), apesar de não ser um testemunho conclusivo. Contudo, a análise dos atributos imagéticos da figura masculina – como a cítara e plectro, galo, pequena *oinochoe*, sendo a cítara o atributo mais característico – reforçam a simbologia relacionada a um ritual de passagem, compatíveis com a simbologia do culto a Apolo-Hyakintos e Poliboia, no contexto lacônico, em que a participação de adolescentes está evidenciada nas fontes literárias. Entendo que, ao se agarrarem à imagem de Apolo-Hyakinthos com a cítara como símbolo identitário, pelo seu caráter emblemático neste ritual de passagem, o que se busca é afirmar sua vinculação ao legado cultural grego, traduzido principalmente pela educação aqui representada pela cítara, como resposta tarantina aos desafios representados pelo avanço romano, que significam o fim de uma era de autonomia política e protagonismo econômico e cultural sobre a Itália meridional.

#### **Mesa redonda 7, sexta-feira, dia 20 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

Mediação: Fábio Faversoni (UFOP)

##### Entre os amantes: um mar de distância

Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)

As representações marinhas na África Romana ocupam um espaço privilegiado no *corpus* musivo da região. Em sua maior parte, enfatiza-se a fecundidade do mar através de uma fauna marinha diversificada e exuberante e de uma multiplicidade de divindades e seus cortejos de seres míticos em ambiência venturosa. Nesta apresentação, optamos por nos ater a uma representação que destoa desta visão benfazeja do mar. Selecionamos um mosaico figurativo policromático (dimensões: 3m X 3m), datado de fins do século II e início do III e proveniente de um dos quartos da denominada "Casa do *Trifolium*" em *Thugga* (moderna Dougga na Tunísia), mas que, atualmente, compõe o acervo do Museu do Bardo. Objetivamos identificar e analisar as implicações culturais presentes no discurso imagético musivo escolhido. Partimos da premissa de que a imagem é uma linguagem composta de signos icônicos e, portanto, passível de interpretação. Visando compreender o modo de produção de sentidos deste discurso, aplicaremos a dinâmica de signo proposta por Pierce, centrada na relação solidária entre três polos componentes do processo semiótico, a saber: o objeto ou referente (o que é representado pelo signo), o *representamen* ou significante (a face perceptível do signo) e o interpretante ou significado (que depende do contexto do seu aparecimento e da expectativa do receptor).

##### Arte Assíria no Espaço Público

Katia Maria Paim Pozzer (UFRGS)

A presente comunicação tem por objetivo discutir a transmissão da memória cultural na constituição dos relevos parietais da arte assíria, tendo em vista as tradições mesopotâmicas na

região do Oriente Próximo. O estudo contempla a análise formal e iconográfica dos principais componentes dos baixos-relevos sobre lajes de alabastro que recobriram as paredes dos palácios assírios. A prática cultural de criação destes relevos monumentais estava associada ao momento político de construção de grandes impérios, onde a maioria das cenas representadas evocavam a guerra e as campanhas militares empreendidas pelos assírios contra seus inimigos. A finalidade destes relevos era narrar e preservar a memória dos acontecimentos, eternizar uma imagem da cidade assíria, como capital do mundo civilizado e o palácio real, um espaço público monumental, como centro do Universo.

### **Mesa redonda 8, sexta-feira, dia 20 de novembro de 2015, das 16h30 às 18h30**

Mediação: Rodrigo Tadeu Gonçalves (UFPR)

#### Saturno e Marcial ou o riso epigramático nas Saturnais romanas

Alexandre Agnolon (UFOP)

Como se sabe, parte representativa dos epigramas de Marcial tem como pano de fundo as Saturnais – festividade romana dedicada a Saturno, comemorada, em seu auge, entre os dias 17 e 23 de dezembro –, a ponto de o poeta, inclusive, dedicar ao festival dois livros inteiros, *Xênia* e *Apoforeta*, publicados, respectivamente, em 83 (ou 84) e 85 d.C. Meu objetivo será, a partir da discussão acerca de alguns epigramas de Marcial, bem como de outras fontes antigas, apontar o modo como as circunstâncias públicas e privadas determinadas pela festividade, entendida como ocasião de performance, provavelmente interferiam nos critérios de produção e fruição dos poemas marciálicos. Em outras palavras, desejamos demonstrar dois pontos precípuos: a) que o contexto saturnino, ocasião e pano de fundo dos poemas, "neutraliza", por assim dizer, a tônica vituperiosa pela qual o poeta epigramático é amiúde conhecido e celebrado, embaçando, pois, as lentes da conhecida distinção aristotélica entre *psogos* e *geloion* presente na *Poética*; e b) que, ao negar o vitupério, o poeta "inventa" nova subespécie epigramática (gênero, por assim dizer, "saturnalício"), já que as Saturnais e a presença do próprio deus Saturno, por seu caráter apotropaico e propiciatório, passam a determinar novos critérios de fruição para os epigramas do poeta.

#### Comitorum senarii: a valorização de um verso desvalorizado

Beethoven Barreto Alvarez (UFF)

A avaliação expressiva do senário iâmbico dos cômicos romanos muitas vezes se mostra presa a uma ideia que se repete desde a Antiguidade e que confere ao senário dos cômicos uma dicção prosaica e, portanto, pouco poética, próxima da fala cotidiana. Cícero e Aristóteles anteriormente são, de certa forma, os responsáveis por essa visão. Contudo, hoje é necessária uma atenta leitura ao que escreveram os críticos ao longo do tempo. Assim, pretendo, nesta fala, discutir as passagens, especialmente de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, que tratam do verso iâmbico, para, a partir de uma atenta leitura, reavaliar nossa interpretação da crítica antiga. Em seguida, refletir, brevemente, sobre como a crítica moderna, a partir do século XIX, recebeu e trabalhou o conceito do senário iâmbico. Discutirei, ainda, novas proposições de interpretação dos metros iambo-trocaicos a partir de Gratwick & Lightley (1982). E, por fim, apresentarei minha análise de passagens em senários iâmbicos de *Persa* e *Estico* de Plauto, propondo formas de leitura que valorizem a variação métrica deste metro como meio de expressão.

# COMUNICAÇÕES ORAIS

DIA 16 DE NOVEMBRO

Sessão 1  
09h30 – 12h

## **A Culpa de Agamêmnon.**

Fernanda Mattos Borges da Costa – Universidade de Coimbra

Este trabalho aborda a intervenção de Zeus e a influência de Áte no *Agamêmnon*, de Ésquilo, em diálogo especialmente com a interpretação de Hugh LloydJones em seu artigo "The Guilty of Agamemnon". A tese principal de LloydJones propõe que a culpa de Agamêmnon deriva em última instância do reconhecimento de Zeus sobre a maldição dos Átridas. Para dar continuidade à maldição familiar, Zeus teria enviado Áte contra Agamêmnon, tomando-lhe a razão e a ação consciente durante o Sacrifício de Ifigênia. A nosso ver, uma leitura que dê muita força ao papel da Áte reduz drasticamente o livre arbítrio do herói e a força de sua decisão e escolha. Pretendo justificar minha posição demonstrando que as inclusões de Áte feitas por LloydJones não podem resultar em uma boa interpretação acerca das escolhas de Agamêmnon nas passagens do Sacrifício de Ifigênia e da caminhada sobre a tapeçaria púrpura. Ao ler as tragédias de Ésquilo deve-se levar em conta os antecedentes épicos como conhecimento de fundo com o qual ele dialoga constantemente – com os quais nem sempre está de acordo. Ao final, sugiro que Zeus ainda é de fato o principal maestro dos eventos da peça, mas nesta leitura a culpa de Agamêmnon – parte de seu próprio caráter – resulta de uma escolha consciente e racional (e não tomada de loucura e irracionalidade) e esta circunstância enriquece a interpretação tanto da tragédia como da personagem.

## **O sonho das Erínies nas *Eumênides* de Ésquilo.**

Beatriz Cristina de Paoli Correia – UFRJ

Na última cena do prólogo das *Eumênides*, surge em cena o espectro de Clitemnestra, que, ante um adormecido Coro de Erínies, lamentase de que, tendo sido assassinada pelo próprio filho, não desperte a ira de um nume vingador, visto que as deusas, ao invés de perseguir o matricida, dormem. Clitemnestra então repreende as Erínies por terem deixado escarpar Orestes e as instiga a prosseguir em sua perseguição. Tal cena pode ser entendida como um sonho das Erínies com Clitemnestra, pois tanto Clitemnestra identifica a si mesma como um sonho como as Erínies percebem suas reprimendas dessa forma. Como tal, ele se difere dos demais sonhos esquilianos em relação a alguns aspectos dignos de nota, que serão explorados nesta comunicação.

## **Iconografia, função apotropaica e reinterpretção de Huwawa/Humbaba.**

João Rafael Chió Serra Carvalho – UFMG

Huwawa/Humbaba nos é conhecido mormente devido à sua participação no *Épico de Gilgamesh* bem como no ciclo sumeriano de Bilgames. Não obstante, sua iconografia bem como sua representação no *corpus* literário divinatório ultrapassam os limites da literatura sapiencial e foram lugar comum nas representações imagéticas da Mesopotâmia por um período superior a um milênio. Na presente comunicação buscamos traçar uma nova interpretação da figura de Huwawa/Humbaba para além de sua clássica função apotropaica a partir das evidências fornecidas pela correlação entre os achados materiais e suas aparições no *corpus* literário.

Sessão 2  
09h30 – 12h

**(Des)respeitando fronteiras: público e privado nos *Libri* de Marco Valério Marcial.**  
Joana Catarina Mestre da Costa – Universidade de Aveiro

O latejar do século primeiro, mormente, o do seu ocaso, ficaria retratado, em cada detalhe, nos epigramas de Marcial. Atenta testemunha da Roma em que viveu, o poeta permitiu à posteridade conhecer a organização do seu quotidiano, das suas sinergias anuais, mensais e, mesmo, diárias: a atividade política e o seu decurso controverso de governantes; a economia, manipulada pelos ricos proprietários, suportada pela pobreza de tantos e contornada pelos clientes expectantes da *sportula*; a religião, que dava, em cada César, um novo *Augustus* e, assim, mais um deus ao panteão do povo (e à idolatria adúladora dos poetas); a administração da justiça e, não raro, as injustiças, subsequentes; a convivência social, das termas, aos banquetes, passando pelos *ludi*; a vida privada, familiar, tantas vezes, publicamente corrompida... A verdade é que, para além de, nas suas observações, Marcial conduzir o leitor, através das ruas, também o introduziu na intimidade que encerravam as portas da *domus*. E não apenas na casa do epigramatista é dado ao leitor o privilégio de entrar, mas em inúmeras outras das que abarrotavam Roma: numa cidade carente de espaço, partilhavam-se os muros das casas e, com eles, os mais imos segredos. E, muito embora a mordacidade do seu *ingenium* tenha, de facto, sido das mais apreciadas das características do seu *opus*, Marcial escusou-se, nos seus *Libri*, tal como logo o primeiro asseverara, a devassar explicitamente o nome de quem quer que fosse, resguardando, na medida em que Talia lho permitisse, a vida privada. Pretendemos, pois, examinar como influi e se concretiza, na produção poética, o intento do epigramatista de expor Roma inteira, concedendo-lhe, qual Saturno, permissão para que se risse, sendo que seria de si própria — dos seus pecados e pecadilho, públicos e privados — que, num repente, haveria de dar conta de estar a rir-se.

**Práticas sexuais nos epigramas homoeróticos de Marcial.**  
Diogo Moraes Leite – USP

Marco Valério Marcial, poeta latino do século I de nossa Era, em seus mais de mil e quinhentos epigramas, apresenta uma grande variedade de temas, muitas vezes apresentando uma crítica mordaz aos costumes de sua época. Dentre esses temas, ocupamo-nos dos epigramas que tratam do que contemporaneamente denominamos homoerotismo. Nos epigramas de Marcial, as práticas que contemporaneamente tratamos por homossexuais têm contornos próprios da época e da sociedade em que foram escritos, podendo ser apresentadas em diferentes contextos retóricodiscursivos. Ao ato vicioso,

ilícito moralmente, corresponde o vitupério; assim como o ato lícito, costumeiro, pode figurar sob a forma de um encômio, até mesmo ao imperador. A historiografia sobre sexualidade no mundo romano apresenta a relação sexual homem-mulher ou homem-homem em um contexto de legitimação de poder e dominação. Ao cidadão romano era permitido que mantivesse relações com escravos jovens desde que mantivesse papel ativo. A partir de Parker (*The teratogenic grid*, 1998), que divide as categorias sexuais romanas no eixo “ativo” e “passivo” – sendo ativo, por definição, “masculino”, e passivo, por definição, “feminino” – e da ideia aqui contida de que existem atos “vergonhosos” (menos aceitos que outros), podemos propor um esquema de gradação entre práticas sexuais mais ou menos aceitas, na poesia de Marcial. Dessa forma, o intercurso vaginal figura como a norma para o homem romano; em seguida, como prática também aceita, aparece o intercurso anal ativo com um jovem escravo (de preferência ainda imberbe). Como primeiro desvio dessa norma, temos o intercurso anal com um adulto, ainda no papel ativo. Depois, de forma decrescente, o intercurso anal no papel passivo e – o ato mais degradante – o intercurso oral, seja com outro homem ou com uma mulher.

### **A arte epistolográfica em Plínio: uma breve reflexão.**

Lucas Matheus Caminiti Amaya – UFRJ

Plínio, o Jovem, é um dos principais autores da Roma Antiga de quem temos uma grande quantidade de epístolas, ao lado de Cícero. Seguindo os pressupostos do grande Orador de Arpino, Plínio não escreveu cartas para serem destarte publicadas, mas assim o faz após pedidos diversos. E em algumas de suas epístolas ele faz uma breve reflexão sobre o que é a epistolografia em seu tempo e como deveria ser composto tal gênero literário. Esta comunicação busca rever algumas de suas epístolas para que se chegue a uma nova análise do papel da epistolografia no cenário literário da Grande Urbe.

Sessão 3  
09h30 – 12h

### **Religião funerária, *status* social e simbolismo no Egito Romano: Alexandria e Hermópolis Magna.**

Marcia Severina Vasques – UFRN

Ao observarmos a sociedade do Egito Romano podemos constatar a existência de uma constante relação de poder entre os romanos e as elites, alexandrina e das metrópoles, que se reflete na composição do material funerário. Resultado do intenso contato cultural, o emaranhamento material e cultural observado na cultura material nos permite observar na esfera funerária elementos egípcios, gregos e romanos, que combinados revelam a complexidade da sociedade do período. A partir da análise de tumbas e da cultura material funerária, notadamente de Alexandria e de Hermópolis Magna, propomos observar a relação intrínseca entre a esfera social e pública e aquela individual e privada entre Alexandria e a chora, com enfoque nas trocas culturais que envolvem a questão propriamente das crenças funerárias, e a busca pelo *status* social dos grupos que detinham a cidadania romana ou a ela se identificavam nos séculos I e II d.C.

### **A *Domus* das Carvalheiras de *Bracara Augusta*.**

Paulo Pires Duprat – UFRJ

Os cenários da vida cotidiana nas sociedades antigas podem ser revividos através da Arqueologia, reconstituindo seus espaços de convivência e suscitando dados que permitem-nos entrever seu modo de vida. A cidade romana se caracterizava pela concepção prática e utilitária do espaço, contemplando as necessidades dos habitantes através de soluções arquitetônicas originais. Datável de princípios do séc. I d. C., a *Domus* das Carvalheiras representa o mais elucidativo exemplar da arquitetura doméstica romana da cidade de *Bracara Augusta*, oferecendo informações preciosas sobre a organização do espaço doméstico, sobre a natureza dos seus proprietários, além das atividades econômicas que se desenrolavam a paredes meias da área habitacional, em íntima articulação com as habitações romanas do Noroeste peninsular.

### **Moedas provinciais romanas: uma visão a partir das margens.**

Vagner Carvalheiro Porto – USP

Esta comunicação tem por objetivo pensar o Império Romano a partir de suas margens, seja do lado oriental, seja do lado ocidental do Império. Fronteiras, mobilidade e conexões mediadas pelo Mediterrâneo dão o tom nessa discussão que tem as moedas como suporte para pensarmos alguns possíveis padrões nas relações existentes entre romanos e locais. Enfatizamos os símbolos existentes nas moedas e destacamos como esses símbolos podem oferecer subsídios para reconhecermos a forte presença romana em suas províncias. Do mesmo modo, procuramos observar as singularidades locais tanto nas moedas da província Palestina como nas moedas da Ibéria. Tais peculiaridades, dentro de uma visão multifacetada, denotam o grau de romanidade que cada rincão do Império Romano desenvolveu, e é isso que queremos demonstrar partindo das informações provenientes da análise iconográfica da moeda.

### **A cerâmica do Norte da África e sua exportação para a Palestina no período imperial tardio: contatos e tradições compartilhadas.**

Maria Isabel D'Agostino Fleming – USP

A Terra Sigillata Africana, produzida desde o final do séc. I d.C., atingiu grande importância a partir dos sécs. IIIIV d.C. Essa cerâmica norte-africana, na versão de vasilhas de mesa e lamparinas de alta qualidade, foi distribuída seja regionalmente quanto através de bem estabelecidas rotas comerciais na bacia do Mediterrâneo. Interessanos particularmente nesta comunicação explorar os contatos entre os centros produtores e a região da Palestina no período imperial tardio para identificar tradições compartilhadas entre comunidades de regiões diferentes e afastadas, através da circulação, decoração e função das vasilhas. O quadro referencial em que se insere esta pesquisa são as permanências e diferenças nos sistemas de poder e patronato que emergiu no Oriente e Ocidente como resultado da autoridade provincial romana no que se refere às paisagens urbanas e rurais e à mudança na cultura material.

**Confissões no quarto: o privado em Meleagro.**

Flavia Vasconcellos Amaral – USP

A proposta da presente comunicação é tratar do âmbito do privado nos epigramas de Meleagro que trazem o quarto como cenário amoroso e a lamparina como confidente, um *tópos* dos epigramas helenísticos de temática erótica que perpassa o epigrama grego desembocando no epigrama latino, sobretudo em Marcial. Assim, a partir de uma recolha de epigramas de Meleagro, será discutido como o privado é tratado no cenário amoroso.

**Antifonte e o uso do argumento da mácula nas *Tetralogias*.**

Priscilla Gontijo Leite - UFPB

A comunicação tem o objetivo de analisar a preocupação excessiva pela mácula (miasma) do assassinato nas *Tetralogias* de Antifonte. A preocupação com a mácula faz com que se torne em um dever dos juízes a vingança do morto, o que, pela tradição grega, é restrita aos parentes do morto. Em cada conjunto das *Tetralogias*, os argumentos religiosos são utilizados cuidadosamente por parte da acusação e da defesa. A primeira utilizase da necessidade de condenar o suspeito e a necessidade de purificar a cidade, já a segunda os usam para transformar o suspeito em vítima. Em todas as *Tetralogias*, o autor demonstra sua grande habilidade em produzir o confronto de raciocínios sobre um mesmo tema, ou seja, em fazer antilogias. A utilização de elementos pertencentes à tradição religiosa e cultural é fundamental no processo de confecção de antilogias, já que é a partir dela que são fornecidos os argumentos contrários ou favoráveis à causa. Além disso, as *Tetralogias* demonstram a ligação do direito ático com a religiosidade e a crença de que um distúrbio na ordem religiosa prejudicaria toda a cidade. Assim, através dos argumentos religiosos, podese notar que as *Tetralogias*, ao mesmo tempo em que ensinam a lidar com o sistema jurídico, oferecem uma crítica a ele, devido à possibilidade de manipulação dos termos da acusação.

**Píndaro e seus patronos nas *Nemeias* 1 e 9: um estudo comparativo.**

Roosevelt Araújo da Rocha Junior – UFPR

Nesta comunicação pretendo, em primeiro lugar, apresentar minhas traduções das *Nemeias* 1 e 9, compostas para comemorar vitórias de Crômio de Etna (Sicília). Além disso, quero discutir a hipótese segundo a qual Píndaro selecionava o vocabulário que usaria nas suas odes de acordo com as expectativas de seus patronos e de seu público. Entre essas duas odes há uma grande afinidade lexical, explicável, por um lado, pela possível proximidade temporal (as duas teriam sido compostas entre 474 e 476 a. C., quando o poeta se encontraria na Sicília); por outro lado, essas coincidências vocabulares podem ser explicadas pelo fato de as duas terem sido compostas para o mesmo competidor louvado. É isso que pretendo discutir.

**A polissemia de *ιδέα* no discurso *Antídose* de Isócrates.**

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda – USP

Atentar-se a parte do vocabulário específico com o qual Isócrates opera em seus discursos é condição elementar para compreendermos as idiosincrasias de suas reflexões metadiscursivas. Termos como λόγος e φιλοσοφία, por exemplo, possuem importância central para a reflexão e definição de sua atividade pedagógica voltada para a educação oratória, o que torna, assim, a obra isocrática tão peculiar. No discurso *Antídose*, em especial, encontramos quatro ocorrências do termo ἰδέα, e, nelas, ao menos três acepções em particular. Como todas essas acepções, apesar de distintas, estão sempre vinculadas a alguma reflexão metadiscursiva do autor, uma análise mais atenta sobre as nuances do termo torna-se indispensável para uma melhor compreensão do discurso em questão. Esta apresentação, pois, é dedicada à discussão da polissemia de ἰδέα no discurso *Antídose*, apoiando-se, ademais, em outros passos do *corpus* isocrático quando o mesmo termo ou o mesmo conceito também ocorrem. Desse modo, poderemos verificar, por meio de suas acepções e contextos, a função do termo em cada uma de suas ocorrências presentes nas reflexões metadiscursivas do autor que aqui serão discutidas.

### **Νόμος e φύσις na epistolografia cínica pseudepígrafa.**

Olimar Flores-Júnior – UFMG

Quando se trata de ilustrar a opção dos cínicos antigos por uma “pobreza infinita” (a expressão é de Michel Foucault), a passagem da literatura antiga que tem merecido a preferência dos comentadores é aquela que narra o momento da “biografia” de Diógenes de Sínope no qual o cínico, inspirado pela visão de alguém que bebia água com as mãos, joga fora o seu único copo (cf. D.L. VI 37, entre outras). Viu-se aí, em ato, a suposta recusa cínica dos objetos da civilização, que representam portanto a esfera do *nómos*, em favor de uma vida *katà phúsin*. Dessa perspectiva, o cinismo aparentemente se confirmou como a expressão de um naturalismo radical, uma “corrente anti-prometéica” (a expressão é de Marcel Detienne), compatível ainda, no limite, com uma quase anacorese política. A presente comunicação discutirá brevemente essa interpretação bastante difundida do cinismo antigo, examinando as noções de *nómos* e *phúsis* que podem ser extraídas do conjunto das cartas cínicas pseudepígrafas (notadamente a Carta VI, a Crates, do Pseudo-Diógenes [SSR V B 536] e a Carta XXIX, a Hipárquia do Pseudo-Crates [SSR V H 116]). Será a ocasião de discutir ainda, de forma igualmente breve, alguns aspectos da pedagogia cínica que, reconfigurando as noções de público e privado, redimensiona a própria prática da filosofia, bem como o papel do filósofo no interior da cidade.

Sessão 5  
14h00 – 16h

### ***Actio oratoria et actio scaenica.***

Jefferson da Silva Pontes – UFJF

Se o livro XI da *Institutio Oratoria* de Quintiliano tem sido considerado como um dos mais completos manuais da performance forense na Roma antiga, o livro VI, ao apresentar as instruções para uma peroração bem feita, curiosamente aproxima a ação do orador à ação do ator de teatro na sofisticada arte de manipular as emoções do auditório. Este trabalho tem por objetivo mostrar que a tradução completa do primeiro capítulo do sexto livro evidenciou similaridades entre bons atores e bons oradores quanto aos

objetivos, às técnicas, e à própria atuação, além de um vasto vocabulário comum entre as duas artes.

### **A formulação do período oratório na retórica romana**

Carlos Renato Rosário de Jesus – UEA

O período oratório tem uma designação muito específica no universo retórico. Na maioria dos tratados, indica uma forma de frase cuidadosamente estruturada, onde se cria um determinado equilíbrio pela disposição das palavras ou pela estrutura sintática, que pode ser descrita como uma “circunlocução” no sentido de que se inicia e conclui harmoniosamente. Foi durante a teorização da retórica aristotélica (*Rhet.* 3, 9), que o termo ganhou a definição que serviu de modelo e referência à elaboração da retórica que se seguiu à dos gregos, a saber, a retórica romana ou, mais precisamente, a retórica ciceroniana, onde o termo grego, embora tenha adquirido denominação diversa, encontra aplicação precisa. Ao longo de suas obras, Cícero usa termos como *ambitus*, *circuitus*, *comprehensio*, *continuatio* e *circumscriptio* em sua tentativa de formular a perfeita forma do período oratório, uma que resguardasse o ritmo, a precisão e a harmonia, e que conduzisse ao deleite dos ouvidos e ao conseqüente arrebatamento do auditório, conferindo ao orador o ganho da causa pelo convencimento dos juízes. Neste trabalho, pretendemos percorrer o caminho da sedimentação das estruturas rítmicas atribuídas ao período oratório, na forma com que os romanos e, em especial, Cícero, o concebeu e o utilizou. Com isso, tencionamos apresentar suas principais características, suas principais fontes e seus desdobramentos no contexto da retórica clássica latina.

### ***In Catilinam*, de Cícero: breve análise das estratégias textuais discursivas com foco na argumentação.**

Rívia Silveira Fonseca – UFRRJ

O trabalho tem por objetivo geral aplicar a teoria da Referenciação desenvolvida pela Linguística Textual, de base sociodiscursiva e interacional à obra *In Catilinam* do orador e homem público Marco Túlio Cícero. Mais especificamente, pretende-se analisar a construção e o uso de estratégias textuais discursivas nas introduções dos quatro discursos que compõem a obra, a fim de evidenciar seu caráter argumentativo e, acima de tudo, retórico e persuasivo. A obra, que tem sido considerada por séculos como paradigma dos textos oratórios, é ainda fonte inesgotável para o estudo dos procedimentos linguísticos que visam ao domínio do público ouvinte/leitor. Ainda que a teoria linguística selecionada, nesta pesquisa, para fundamentar o trabalho metodológico de análise textual se debruce primordialmente sobre textos orais, sua aplicação aos discursos ciceronianos não se invalida, ao contrário traz elucidativas contribuições, uma vez que os discursos são textos que passeiam pelo *continuum* oralidade-escrita, dentro do âmbito formal da linguagem. Assim, busca-se no trabalho evidenciar as estratégias mais produtivas em termos argumentativos, que propiciassem ao orador o impacto e a comoção necessárias ao estabelecimento da sua relação com o público, seja ele o antigo, seja ele o atual. Por fim, destaca-se a relação entre as noções de retórica, oratória, argumentação, convencimento e persuasão. Noções estas tão caras à própria essência da linguagem como forma de apreender, construir e comunicar sentidos.

### **A sabedoria pelo avesso – A presença do provérbio burlesco na paródia medieval.**

Daniel Padilha Pacheco da Costa – UFU

Durante toda a Idade Média, o provérbio é considerado como o repositório público da sabedoria popular transmitida de geração em geração. Os tratadistas e preceptistas da época, por sua vez, procuram codificar a sua utilização retórica por autores de diferentes gêneros de composição. O provérbio é explorado sobretudo por gêneros graves como o sermão, que está preocupado em ensinar a virtude e dissuadir do vício. É justamente por causa da seriedade intrínseca do provérbio que a sua ridicularização é um procedimento típico de composições paródicas na Idade Média. Pretende-se mostrar que, ao virar a sabedoria pelo avesso, o provérbio burlesco é, como todo procedimento parasitário, uma característica decisiva da paródia medieval.

Sessão 6  
14h00-16:00

### **Attila, rex hunnorum, in *Getica* Iordanis.**

Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin– UFOP

Latine loquar. *Getica uel De origine actibusque Getarum* historia Gothica Iordane scripta est, dimidio saeculo sexto aerae uulgari. Haec historia, subietum meae thesi doctorali, insolitum opus litterarium est. Primo, antiquissima est inter historiis superstitibus de populis “barbaris” post casum Imperii Romani Occidentalis. Secundo, Iordanes adfert *Geticam* esse breuiarium primae historiae Gothorum, Cassiodoro scripta. Praeterea, in *Getica*, Iordanes Atillam exhibet modo odibili, ita ut si esset maximus malefactor, quasi contrarius gentium Gothorum (Visigothi uel Ostrogothi essent).

### **São João Damasceno: defensor das imagens e do poder imperial na primeira fase da controvérsia iconoclasta.**

Caroline Coelho Fernandes – UFOP

A chamada controvérsia iconoclasta foi uma batalha em torno das imagens religiosas que ocorreu em Bizâncio entre os séculos VIII e IX, que culminou na destruição das mesmas e na proibição de seu culto. Teve início em 726 sob o comando do imperador Leão III e fim em 843, com o chamado “Triunfo da Ortodoxia”, sob o comando da Imperatriz Teodora. Na primeira fase que vai de 726 a 787, data esta em que houve o primeiro restabelecimento do culto das imagens com a imperatriz Irene, São João Damasceno surgiu como o maior defensor das imagens e seu culto. Assim, nosso objetivo neste trabalho, que faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, é expor e analisar os principais argumentos utilizados por Damasceno nos seus tratados sobre as imagens divinas, para a legitimação delas e do seu culto na primeira fase da iconoclastia e, também, demonstrar que esses mesmos argumentos foram utilizados para a defesa de uma determinada expressão do poder imperial em Bizâncio.

### **Procópio de Cesareia e as Guerras de Reconquista de Justiniano: um estudo comparado dos líderes político-militares na *História das Guerras*.**

Stephanie Martins de Sousa – UFOP

Procópio de Cesareia (490-562) foi um historiador bizantino que escreveu a coleção de livros intitulada *História das Guerras*, publicada entre 551 e 554. Nessa obra são narradas as guerras de reconquista promovidas pelo imperador Justiniano no século VI, com o

objetivo de retomar para o Império o domínio sobre seus antigos territórios nas fronteiras da Europa Ocidental, no norte da África e na Pérsia, que estavam sob o domínio de godos, francos, lombardos, vândalos e persas. Essas campanhas militares trouxeram consequências de ordem política e cultural na medida em que almejavam um império cujas fronteiras agregassem diversos povos e territórios. Tal marca do governo de Justiniano não envolveu apenas uma política de restauração territorial, mas incluiu também, no plano ideológico, determinadas concepções do poder imperial para legitimar sua posição em Bizâncio. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como Procópio constrói, em sua narrativa das guerras, as imagens das lideranças políticas envolvidas nas lides bélicas, com o intuito de compor exemplos positivos e negativos a serem considerados por Bizâncio.

### **O estoicismo antigo como filosofia do corpo.**

Mariana Monteiro Condé – UFMG

Uma das noções mais fundamentais e, neste sentido, mais radicais, para o estoicismo, é, sem dúvida, a de corpo (σῶμα). Ora, ainda que esta noção tenha de ser compreendida em seus vários aspectos, é ela que serve de base à formulação da ontologia estoica, o que parece claro se tivermos em vista que é precisamente com relação a ela que hão de ser definidas outras noções bastante importantes para os autores do pórtico, como, por exemplo, a de incorpóreos (ἀσώματα). O nosso objetivo neste breve estudo, portanto, é o de problematizar a noção de corpo no estoicismo antigo – tomando o corpo enquanto questão, principalmente, do ponto de vista de sua constituição. Parece-nos que reflexões neste sentido poderão contribuir para que se possa discutir com maior propriedade não apenas acerca do estatuto dos corpos no interior do pensamento estoico – o que representa esclarecer, em alguma medida, aspectos de sua ontologia e de sua física –, mas, ainda, fazer com que possamos apontar, com maior precisão, o tipo de corporealismo que pode estar sendo defendido por aqueles autores.

Sessão 7  
14h00 – 16h

### **Acervos digitais e a socialização do conhecimento arqueológico: o caso do Labeca.**

Regina Helena Rezende Bechelli – Iphan; Rodrigo Prior Bechelli – FEI

Este trabalho apresenta a trajetória de criação e desenvolvimento do acervo digital do Labeca – Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga –, que pode ser acessado no seu website: <http://labeca.mae.usp.br>. A metodologia de trabalho adotada no caso do Labeca, desenvolvida ao longo dos últimos nove anos de existência desse projeto, envolveu a criação de uma sistemática para reunião e organização dos dados de acervos arqueológicos, pesquisa científica e toda documentação relacionada ao projeto temático, que contou com a colaboração de profissionais da área de Tecnologia da Informação para ser disponibilizada ao público em geral e aos pesquisadores vinculados ao laboratório para acesso remoto em ambiente de Internet.

### **Participando do consórcio internacional Sunoikisis Digital Classics 2015**

Anise Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira – Unesp; Michel Ferreira dos Reis - Unesp

Esta comunicação tem por objetivo relatar a experiência e fazer uma avaliação inicial da participação no consórcio internacional *Sunoikisis Digital Classics* (D.C.) de 2015. Sunoikisis é um consórcio nacional norte-americano originalmente criado em 1999 pelo Centro de Estudos Helênicos (CHS) de Harvard, com o propósito de reunir e fortalecer pequenos programas de clássicas de IES em torno de cursos específicos planejados pelos contribuidores mais experientes do CHS no assunto tratado, envolvendo vários aspectos: linguístico, literário, histórico e arqueológico. Sunoikisis D.C. é um consórcio internacional criado em 2015 pela Cadeira Humboldt de Humanidades Digitais em Leipzig, em parceria com o CHS, para reunir programas de clássicas de quaisquer continentes no intuito de incentivar o desenvolvimento de habilidades ligadas à produção de dados digitais no contexto dos estudos clássicos. A proposta piloto do Sunoikisis D.C. de 2015 teve como foco fontes da guerra do Peloponeso, especificamente, a seção da obra do historiador Tucídides conhecida como “Pentekontaetia” (Th.1.89118). A proposta coordenada em Leipzig por Monica Berti durou um semestre, seguindo o calendário escolar de Leipzig (de abril a julho) e contou com a participação de várias nações, além da Alemanha: Bulgária, Croácia, EUA, França, Geórgia, Itália. O Brasil foi representado por professores e alunos da FCL da UNESP de Araraquara, que se beneficiaram da visita da coordenadora, Monica Berti, em abril, conduzindo, aí, a segunda sessão a distância. Houve 12 sessões semanais síncronas em inglês, compartilhadas com todos no Google Hangout, e 15 sessões locais com os professores responsáveis na IES. Serão abordados e discutidos: regras e obstáculos de participação, planejamento, professores, conteúdo programático, natureza dos dados digitais trabalhados, modos de se operar com dados digitais, meios de interação e armazenamento de dados, formas institucionais de oferecimento do curso, resultados locais e continuidade da proposta D.C.

### **Projeto Minimus: Grego e Latim no Ensino Fundamental**

Sílvia Maria Marinho Galvão Anderson – USP

O projeto “Projeto Minimus: Grego e Latim no Ensino Fundamental”, que está no terceiro ano de sua execução, visa introduzir o estudo do latim e do grego, respectivamente no 7º e 4º ano do Ensino Fundamental, na grade curricular da EMEF Desembargador Amorim Lima. Baseia-se em pesquisas acadêmicas que demonstram que o ensino dessas línguas para alunos do ciclo fundamental são uma forma de aperfeiçoar a proficiência dos alunos na língua materna, de facilitar o aprendizado de outras línguas estrangeiras e de desenvolver o raciocínio lógico e o pensamento crítico. Além das aulas de língua, o Projeto inclui aulas que oferecem aos alunos uma introdução à mitologia e aos diversos gêneros literários, aos autores e às obras clássicas, ampliando os seus horizontes culturais e, ao mesmo tempo, motivando a aprendizagem do grego e do latim.

### **Aspectos filológicos e tradutórios das epístolas XVIII e LVII de São Jerônimo.**

Maria Cristina da Silva Martins – UFRGS; Alexandra Mariano – Universidade do Algarve

São Jerônimo (c. 345 - 420) é um dos mais conhecidos doutores da Igreja, sobretudo por sua tradução da Bíblia, conhecida por *Vulgata*. No entanto, sua obra é bastante extensa, pois produziu sobre diversos assuntos, continuamente, durante mais de trinta anos. Dentre esses escritos, destacam-se as *epistolae*, que não são propriamente “cartas”, como poderiam ser entendidas na acepção atual do termo. Tratam-se, com efeito, de verdadeiros tratados sobre os mais variados assuntos. Nesta comunicação, analisaremos as epístolas

XVIII e LVII, por abordarem questões filológicas e tradutórias do hebraico (*Epistola XVIII*) e do grego (*Epistola LVII*) para o latim. Buscaremos destacar, por exemplo, as reflexões de São Jerônimo que revelam a sua preocupação em captar, na tradução, o mesmo sentido da língua de partida na língua de chegada, ao invés de se prender à tradução literal do termo, entre outros aspectos filológicos e tradutórios. Por abordar questões ainda hoje extremamente atuais no âmbito da tradução, é com muita propriedade que lhe é atribuído o título de Patrono dos Tradutores.

## **DIA 17 DE NOVEMBRO**

Sessão 8  
09h30 – 12h

### **Sobre o público e o privado na caracterização de Alcibíades.**

Jovelina Maria Ramos de Souza – UFPA

A proposição do tema do evento me faz pensar a figura de Alcibíades situado entre a esfera do público e do privado. A presente exposição pretende contrapor o personagem do *Banquete* e o indivíduo histórico, para mostra-lo como uma *persona* irreverente e delirantemente afetada pelas afecções de seu psiquismo, que se movem incessantemente entre a esfera dos apetites e da impulsividade.

### **Percursos mitográficos em busca de fontes para uma Biblioteca.**

Luciene Lages Silva - UFS

Entre os autores que escreveram obras em língua grega durante o Império Romano, encontramos um certo Apolodoro que teria composto uma obra mitográfica intitulada *Biblioteca*. A composição é apontada como a mais completa catalogação de mitos gregos que chegou até nós, sendo considerada como o melhor exemplo do gênero, seja pela grande quantidade de mitos elencados, seja pela variedade das versões registradas. Os estudos a respeito do mitógrafo e da obra tem pouco a pouco elucidado um ou outro aspecto sobre questionamentos tais como autoria, data de composição e permitido perceber que a *Biblioteca* pode ser vista como representante de uma prática específica: composição de coleção de mitos que tinha como objetivo final servir a um grupo de leitores eruditos ou curiosos acerca das obras e temas da Grécia antiga. Nossa abordagem dedicação a investigar as fontes diretas e indiretas de que se serviu o autor da coleção, os momentos em que elas aparecem e como se articulam na narrativa (isoladas ou em sequência) e, se possível, determinar as funções que elas exercem dentro da obra.

### **Filhos para quem? Para quê?**

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa – UFMG

Mostrarei, em estudo lexical de textos da tragédia ática, a escolha e exclusão de termos que convergem para a consolidação do mito da autoctonia nesse recorte. O tema não é inédito, Vicent Rosivach em “Autochthony and the Athenians” (1987) afirma que a ideia de ter sido gerado pela terra ou de possuí-la desde tempos imemoriais, de ser um  $\chi\theta\acute{o}\nu\iota\omicron\varsigma$ , passou a ser um clichê poético nos textos atenienses de teatro. A novidade que

apresentamos e que pudemos detectar a partir da tradução dos textos reside no fato de que essa narrativa mítica tem reflexos curiosos no vocabulário de Eurípides – estendido ao de Sófocles e Ésquilo – e particularmente nas peças *Medeia*, *Electra*, *Íon*, *Hipólito* e *Orestes*. A investigação se deu a partir da constatação de que não há ocorrência da palavra *vióç* na peça da princesa Colca. Diante disso, perguntamonos, afinal, Medeia mata em cena o quê? E o mais espantoso de tudo isso é que o mito (e o léxico) continua a se manifestar hoje, mesmo em terras tropicais.

### **Segunda Sofística: um segundo engodo?**

Oswaldo Cunha Neto – Unicamp

Assim como não podemos entender a mitologia grega e os primórdios da literatura ocidental sem recorrer a Homero, do mesmo modo como não é possível estudar de maneira adequada o surgimento da Filosofia Clássica (e dos primórdios da Retórica) sem apelar a Platão, também devemos, necessariamente, recorrer a Filóstrato para entender sem equívocos tudo o que hoje é referido como “Segunda Sofística”. Apesar de sua singela produção literária, pequena quando comparada com a produção de outros autores do mesmo movimento intelectual como Cícero, Quintiliano, Marco Aurélio, Epíteto, Plutarco, Luciano, Aristides, Dion de Prússia e outros, devemos reconhecer Filóstrato como aquele que batizou sozinho a estabelecida expressão Segunda Sofística. Alvo de inúmeros comentários depreciativos pelo seu estilo pouco rigoroso do ponto de vista conceitual e acadêmico, Filóstrato também deve ser entendido como personagem paradigmático (do período que ele mesmo descreve) que goza de invejável liberdade no trato com a Antiguidade Clássica. Mesmo distante mais de meio milênio do século de Péricles, diferente da nossa contemporânea obsessão pelas referências exatas, precisas e “acadêmicas”, Flávio Filóstrato usufrui da tendência própria de seu contexto e “dialoga” de igual para igual com os primeiros sofistas, com Platão, com Aristóteles, com Homero. Contrariando o nosso hipócrita *métier* acadêmico/científico, Filóstrato não hesita em explicitar suas preferências pessoais, tampouco se sente acanhado em destacar seu próprio tempo, em fazer pontes entre sua época e o esplendor do Período Clássico. Seus critérios e estratégias nos convidam a refletirmos sobre nosso próprio ofício: será que Filóstrato não é o protótipo “bem resolvido” daquilo que nós acadêmicos somos e ao mesmo tempo censuramos? Aparentemente vazia, mas, na verdade, profunda e instigante, a Segunda Sofística de Filóstrato nos ajuda a entender não só a Sofística, mas a própria Filosofia.

Sessão 9  
09h30 – 12h

### **A formação e a autonomia do homem na constituição da sociedade.**

Liliane Barros de Almeida Cardoso – PUC-GO

No contexto histórico de constituição da sociedade é possível observar que a formação e a autonomia humana foram objetivo comum daqueles que se propuseram a pensar e fazer educação. Desse modo, a autonomia é sem dúvida um dos grandes ideais da educação: na Antiguidade era pensada a partir da contemplação da vida pública; já na era medieval estava ligada à concessão divina; enquanto na Idade Moderna era buscada pela racionalidade; e, ainda, na contemporaneidade é muito questionada. De modo específico, é possível perceber, nos escritos gregos, que essa formação se dá pelo não conformismo

e pela transcendência ao instituído para conceber um Estado melhor. A busca pela verdade por meio do pensar visa o bem-estar da vida pública e coloca a educação e a política em íntima relação com a formação humana e o exercício da autonomia. Com o florescer do medievo, por sua vez, a formação vincula-se ao divino, àquilo que liga o homem à fé, à religião. Com a Idade Moderna passou-se a acreditar que a formação poderia ser alcançada por meio do conhecimento científico, e que a partir dele o homem poderia construir seu próprio percurso de vida, ser autônomo. Na contemporaneidade, as instituições da vida privada, a valorização do individualismo e do consumo têm dificultado a constituição da formação e da autonomia. Trata-se, neste estudo, de pensar a educação como atividade que deve privilegiar a formação para a autonomia do pensar e do agir humanos, vistos pela perspectiva grega, como o caminho que nos leva a refletir sobre a conscientização do sujeito em relação às suas escolhas, às suas próprias aspirações e inclinações e às relações sociais em que está inserido.

### **O espaço da palhaçaria no gênero trágico: análise da obra *Édipo Rei* de Sófocles e sua adaptação para a linguagem do palhaçaria.**

Denivaldo Camargo de Oliveira – UnB

Essa proposta de submissão refere-se à reflexão de obra clássica trágica para a cena na perspectiva da linguagem do palhaçaria. O estudo e adaptação da obra *Édipo Rei* de Sófocles aproxima-se das atividades de pesquisa acadêmica ao refletir o processo teórico-prático da construção de cenas e da análise do trabalho do ator palhaço. Por outro lado, justifica-se pela sua reflexão acerca da questão de gênero trágico teatral e sua influência nos procedimentos do trabalho do ator-palhaço e no como ele altera no resultado da estética da palhaçaria. Que procedimento deve ser utilizado pelos palhaços para gerar o humor, o riso e o encantamento do seu público? Onde foram aplicados e quais foram as suas implicações no processo criativo do ator palhaço? As análises foram realizadas no decorrer do processo criativo do espetáculo "Édipo Rei – o rei dos Bobos". Alguns autores serão fundamentais para embasar essa pesquisa, dentre eles destaque: Ordem Serra, Marcus Mota, Gilson Motta, Linda Hutcheon, Pierre Etaix, Jacques Lecoq, Henri Bergson, Demian Reis, Luís Otávio Burnier e Gilberto Icle.

### **Convergência e Divergência do Lar à Urbe**

David Pessoa de Lira – UFPE

O culto doméstico, suas regras, deveres e direitos estruturaram, na Cultura Greco-Romana, aquilo que se julga como os hábitos privados em contraposição ao público. No entanto, a municipalidade não é senão um reflexo da própria unidade familiar. Numa Denis Fustel de Coulanges, em sua obra *A Cidade Antiga*, descreve muito bem os limites da atuação do cidadão no seio familiar e municipal, com seus direitos e deveres. Em todo caso, as convergências e divergências do lar e da urbe não devem ser analisadas a partir de conceitos modernos, uma vez que os limites de atuação familiar se estendem até os da municipalidade como um complexo das diferentes famílias que compunham a urbe. O presente texto objetiva apresentar o contexto dessa inter-relação parental a partir da análise histórico-cultural dos costumes vigentes na Antiguidade GrecoRomana.

### **A travessia do discurso trágico de Dejanira por meio de um provérbio em *Traquínias* de Sófocles.**

Wagner Luiz da Silva – UFRJ

Se comparada a *Édipo Rei* e *Antígona*, *Traquínias*, historicamente, parece ser a obra da produção sofocleana de menor repercussão. Porém, não de menor valor. Nessa obra, Sófocles apresenta os seus personagens centrais (Hércules e Dejanira), a partir de um nexos que os une para além do já constatado vínculo matrimonial. Ao presumir que o esposo Hércules se encontra numa possível relação extraconjugal com uma escrava, Dejanira, por outro lado, planeja a reconquista do marido. A peça se abre com uma constatação profunda da personagem que, diante do seu sofrimento amoroso, enuncia um discurso em que contém um irrefutável provérbio. E de acordo com o quadro proposto por Sófocles, a travessia do discurso trágico só se faz possível em consonância com o discurso proverbial. Este trabalho tem como objetivo perceber o trágico em meio à enunciação do discurso proverbial.

Sessão 10  
09h30 – 12h

**Os temas e as fontes de Fulgêncio em *Expositio sermonum antiquorum*: a Antiguidade na visão de um cristão na transição entre o mundo antigo e o Medieval**  
José Amarante Santos Sobrinho – UFBA; Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida – UFBA

Nascido em Cartago, no Norte da África (então vandálica), entre finais do séc. V e início do séc. VI, *Fabius Planciades Fulgentius*, conhecido como o mitógrafo, é um escritor latino cristão de um período de transição – final da Antiguidade tardia e início da Idade Média – cuja biografia e produção literária ainda nos são bastante obscuras. Situado em um contexto histórico marcado pelo fenômeno de desagregação geral do Império Romano devido às convulsões políticas, aos contínuos conflitos militares e às crescentes migrações bárbaras, Fulgêncio, sendo possivelmente um *grammaticus* ou *rhetor*, toma para si a incumbência de recuperar e reordenar, à sua maneira, o saber antigo. Seguindo o modelo enciclopédico e utilizando como estratégia etimológica o discurso gramatical e explicativo (*expositio*), fundamentado na filosofia estoica helênica, que acreditava na recuperação dos nomes originais como equivalente à recuperação da verdade das coisas (AMSLER: 1989), Fulgêncio compôs a obra *Expositio sermonum antiquorum*, conforme se lê nas afirmações do seu curto prólogo, “a partir do quão completo o acervo da [sua] memória pôde reunir” (... *quantum memoriae enteca subrogare potuit absolutum*), buscando esclarecer, elucidar as obscuras palavras sobre as manifestações das coisas na Antiguidade. Trata-se de termos relacionados aos costumes funerários antigos, sacrifícios, folclore variado, descrição de objetos e elementos da vida cotidiana, tendo como fontes autores da Antiguidade, como Virgílio, Lucano, Plauto, Ênio, Petrônio, Propércio, Apuleio, Marciano Capella e Tertuliano. Neste trabalho, pretende-se oferecer um panorama dos temas e possíveis fontes de Fulgêncio na obra em questão, contribuindo, assim, para a discussão sobre o problema da incorreção das fontes fulgencianas.

**Concílios e sínodos eclesiásticos no Império Romano do século IV.**  
Macário Lopes de Carvalho Júnior – UEA

O Cristianismo mudou quantitativa e qualitativamente ao longo da Antiguidade Tardia. Nesse sentido, o século IV pode ser considerado um momento privilegiado desse

processo. Os concílios e sínodos eclesiásticos realizados nesse período emitiram normas disciplinares e atuaram como tribunais no julgamento de importantes episódios de controvérsias teológicas que moldaram a religião cristã. Donatismo, Arianismo e Priscilianismo tiveram decisões, excomunhões e absolvições nas mesmas reuniões em que se tratava de temas do cotidiano das igrejas locais. Assim, o controle sobre a liberdade das mulheres e a redefinição das atribuições e competências dos ministérios e ofícios eclesiásticos eram objeto de um labor legislativo que permite ao historiador hoje uma janela para práticas concretas dos cristãos da Antiguidade Tardia. O Cristianismo que emerge dos cânones conciliares não é aquele idealizado na pena dos pais da Igreja, mas o vivido realmente por homens e mulheres em dezenas de comunidades espalhadas pelo Império Romano.

### **O debate acerca da Crônica de Teoderico (*Anonymus Valesianus Pars Posterior*): novas perspectivas.**

Pedro Benedetti – UFU

O *Anônimo Valesiano* tem este nome pois foi primeiramente publicado em 1636 pelo filólogo e historiador francês Henri de Valois (1603 – 1676) a partir de um manuscrito hoje denominado *codex Berolinensis* 1885. À época, parece que o historiador considerou que o fragmento inteiro havia sido escrito por apenas um autor, mas hoje sabemos que se trata na verdade de dois textos, de ao menos dois autores diferentes, que foram escritos em épocas diferentes. O primeiro versa sobre a vida e o reinado de Constantino, o Grande; o segundo (que nos interessa aqui) é consideravelmente maior e trata do período de 474 a 526, preocupando-se principalmente com o reinado de Teoderico. Apesar de ser uma fonte importantíssima para compreendermos o fim do Império Romano do Ocidente e os aspectos tanto cotidianos como políticos e religiosos da Itália no nebuloso período que se seguiu, a *Chronica Theodericiana* não tem recebido a devida atenção nos estudos sobre a Antiguidade no Brasil. Talvez por causa de sua origem desconhecida, de seu latim bastante decadente ou sua cronologia por vezes confusa, essa fonte tem sido lida com hesitação pelos historiadores. Embora tenha-se discutido por mais de um século sobre sua(s) autoria(s), suas fontes, sua origem e a época em que foi produzida, essas questões continuam ainda em resposta. O objetivo dessa comunicação é sintetizar esse debate e trazer à tona novas discussões que têm sido feitas, bem como uma contribuição pessoal à matéria.

### **Campesinato galoromano na Antiguidade Tardia: comunidades, comércio e integração.**

Uiran Gebara da Silva – USP

O objetivo desse trabalho é avaliar as representações historiográficas que se desenvolveram nas últimas décadas a respeito das regiões rurais do Império Romano, em particular na Gália tardo-romana. Com o aumento e expansão do escopo da arqueologia rural nesse período, em substituição a uma visão de um Império em decadência, passou-se progressivamente a visões que propõem crescimento econômico e comercial nas regiões rurais do Império. Muito embora os núcleos dinâmicos dessas visões sejam a África e o Egito, propostas semelhantes estão sendo desenvolvidas para outras províncias, como a Gália. Observando o caso específico do norte da Gália tardo-romana, a avaliação dessas representações busca refletir a respeito dos métodos de investigação nos quais se baseia

a arqueologia rural, principalmente o papel da *survey archaeology* na produção de sítios *sub villa*, e das interpretações dos achados nesses sítios em termos da criação de mercados locais. Uma vez que essas perspectivas de crescimento econômico se dá no contexto também da reelaboração da perspectiva modernista no estudo da Economia Antiga por meio da aplicação da *New Institutional Economics* como enquadramento teórico, busca-se criticar parâmetros modernizantes de interpretação do quadro representado pela documentação material e problematizar o uso da ideia de desenvolvimento econômico inspirado em referências de desenvolvimento capitalista. Em contrapartida, busca-se propor formas de lidar com esse quadro documental de forma a elaborar modelos de processos sociais e econômicos mais complexos e dinâmicos do que a historiografia do século XX reconhecia para as regiões rurais da Gália tardoromana.

Sessão 11  
14h00 – 16h

### **Leminski traduz Petrônio: tradução poética e seu contexto sócio-cultural.**

Lívia Mendes Pereira – Unesp

Paulo Leminski, poeta curitibano, deu a público seus primeiros escritos na revista *Invenção*, mantida pelos poetas concretistas – Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari –, em meados da década de 1960, também ministrou aulas em cursos pré-vestibulares, trabalhou com publicidade e foi editor em diversos jornais. Por serem muito diversos os gêneros textuais que abrange a obra leminskiana, sua produção tradutória não é comumente tomada como objeto de estudo no meio acadêmico, que quase sempre se dedica ao seu romance, *Catatau*, e aos seus poemas, porém ela ocupa uma parte significativa de seus escritos. Buscando contribuir com a pesquisa da tradução e recepção dos textos da Antiguidade GrecoRomana no Brasil, estudamos a tradução do *Satyricon*, de Petrônio, levada a cabo pelo poeta. Todas as obras tradutórias de Leminski foram escolhidas pela sua irreverência e particularidade. Quase todas elas tomaram parte das coleções da Editora Brasiliense, voltadas para um mercado consumidor específico, ou seja, o público jovem, que tinha ânsia pela leitura e conhecimento de novas obras literárias. Nelas transparece uma preocupação visível de cativar e conquistar o grande público com livros baratos e textos de acesso fácil para o leitor comum. A tradução do *Satyricon* situa-se dentro de um marco político e histórico no Brasil, pois foi lançada no ano de abertura política, com o fim da censura imposta pela Ditadura Militar, em 1985, o que ocasionava uma maior liberdade no uso da linguagem. Partindo desses princípios, pretendemos demonstrar as concepções tradutórias de Paulo Leminski, especialmente na sua reinvenção das características de um romance influenciado por uma nova visão, de um novo mundo, de uma outra língua, em um contexto sóciopolítico específico, a partir de uma análise do *Satyricon*, em que o Leminski tradutor faz com que os ecos da Antiguidade sejam renovados e renovadores.

### **José Agostinho de Macedo, tradutor da *Tebaida*.**

Leandro Dorval Cardoso – Unesp

José Agostinho de Macedo (1761-1831, ps. Elmiro Tagídeo), padre, poeta e tradutor português, é conhecido entre os classicistas por sua tradução das obras completas de

Horácio, da qual só publicou o primeiro tomo (1806), em que constam os quatro livros das odes e os epodos. O venusino não foi, porém, o único poeta latino ao qual Macedo se dedicou: Estácio também foi objeto de sua atenção, de quem traduziu a *Tebaida* em dois volumes, nos quais se dividiram os doze cantos do original latino. Essa tradução, contudo, diferentemente daquelas de Horácio, não foi publicada, pois, de acordo com o próprio Macedo, uma sua criada perdeu o primeiro dos dois volumes, motivo pelo qual se decidiu por publicar o volume com as *Odes* e os *Epodos* de Horácio – também declarou como perdido o segundo volume das traduções de Horácio. Por volta de 1813, teria o padre se decidido a retraduzir os seis primeiros livros do canto estaciano, empresa que não se sabe até que ponto foi concluída. Desta, contudo, há, na Biblioteca de Évora (Cod. CXXII – 2-2), um manuscrito autógrafa em que constam os 79 primeiros versos de sua tradução do Canto I da *Tebaida*. Então, tomando como objeto esse manuscrito, procedemos, neste trabalho, à transcrição e leitura crítica da tradução empreendida por Macedo, buscando flagrar, sempre em comparação com o texto em latim, os principais aspectos de sua empresa tradutória, levando em conta, ainda, sempre que possível, suas afirmações sobre o exercício tradutório – presentes em cartas e prefácios de seu próprio punho – e os aspectos mais relevantes de suas traduções de Horácio. Dessa forma, buscamos reforçar a identidade tradutória de Macedo, destacando ainda mais o seu papel na história da recepção da poesia latina em língua portuguesa.

### **O ritmo da natureza: Lucrécio em hexâmetros brasileiros.**

Rodrigo Tadeu Gonçalves – UFPR

Esta apresentação pretende discutir soluções poéticas a partir de uma tradução em curso do *De Rerum Natura* de Lucrécio em hexâmetros datílicos em português. A partir de experiências métricas recentes como as de Carlos Alberto Nunes, Rodney Merrill, Augustin Garcia-Calvo, Philippe Brunet, Guillaume Boussard, Aymeric Münch, Danielle Ventre, a tradução ora proposta recupera a possibilidade de substituições de pés datílicos por pés binários trocaicoespondáicos em português.

### **Tradução e performance coletiva de Catulo 63 em gáliambos portugueses.**

Raphael Pappa Lautenschlager – UFPR

A proposta de uma tradução performativa do Poema 63 de Catulo iniciou-se como um projeto coletivo integrado por Acácio Luan Stocco, Alexandre Cozer, Guilherme Gontijo Flores, Marina Cavichiolo Grochocki, Raphael Pappa Lautenschlager e Rodrigo Tadeu Gonçalves no âmbito dos estudos da disciplina Língua Latina V, da Graduação em Letras da UFPR ministrada no primeiro semestre de 2015. O poema 63, ligado ao rito da deusa mãe Cibele, foi composto no metro gáliambo, cuja complexidade é significativa para o frenético culto da deusa, sendo esse fato decisivo para a opção pela tradução que mantivesse esse esquema rítmico. O trabalho incorpora as noções de tradução literária como reescrita e de tradução performativa, principalmente a partir dos estudos e projetos desenvolvidos pelos dois docentes envolvidos, Profs. Drs. Rodrigo Tadeu Gonçalves e Guilherme Gontijo Flores, e de suas experiências com tradução performativa, reescrita, adaptação e tradução da literatura greco-romana no contexto brasileiro. Além da tradução, o projeto inclui a criação da performance do poema traduzido, que engloba canto, música e dança.

**“Imortal e pobre”: formas de contar histórias da *litteratura* para o século XXI.**

Fernanda Cunha Sousa – UFSJ; Tatiana Franca Rodrigues Zanirato – UFG

Rezende (2010), ao abordar a construção do discurso oratório em Quintiliano, discute os conceitos de poesia e literatura que perpassam os tratados latinos sobre a arte do verbo, dentre as quais uma nos é particularmente bem-vinda, a *litteratura* – leia-se mais precisamente, o discurso oratório – “enquanto conjunto de saberes”. Se é esta a característica que melhor a define, não contraditoriamente, poderíamos chamar à literatura ou à *poiesis*, como J. L. Borges (2012), no seu *Arte Poética*, “imortal e pobre”. Todo este preâmbulo tem o intuito de apresentar o que se deseja discutir mais enfaticamente neste trabalho: como a atividade de extensão e pesquisa, através da Contação de Histórias Clássicas, colabora para a superação do que se tem denominado “crise das ciências humanas” tanto nas universidades como nas escolas. A interdisciplinaridade própria ao literário e os saberes que congrega de forma sempre dinâmica e jamais pretenciosa (por isso imortal e pobre, como disse o poeta argentino) são uma fonte de estudo inesgotável. A nossa opção pela Antiguidade se justifica pelo fato de que o ensino da cultura clássica vem, pouco a pouco, se extinguindo das universidades. Este fato, somado à realidade da indústria cultural de massa que vende adaptações dos mitos gregos e latinos nas telas do cinema, leva a crer num esgotamento da abordagem pedagógica, como se os saberes tivessem se reduzido ao produto. Neste contexto, o retorno da pesquisa nas fontes nos cursos de graduação e, posteriormente, a passagem desse aprendizado em forma oral nas escolas do Ensino Fundamental pelas equipes de contadores de histórias fomenta o hábito da leitura. E a universidade se efetiva como espaço público, de compartilhamento não de seus produtos, mas dos saberes que estão além dos seus muros.

**Latim ou latins na sala de aula.**

Leni Ribeiro Leite – UFES

Se durante os séculos XIX e boa parte do XX, o estudo da língua e da literatura latinas, de forma geral, restringiu-se ao período dito clássico (I a.C. e I d.C.), o início do século XXI tem visto pesquisadores interessados em uma visão mais ampla e inclusiva do que seja literatura latina. Logo, parece oportuno discutir também qual latim – ou quais latins – comparecem em nossas salas de aula de ensino de língua. A partir das considerações de Tunberg (2002), e em diálogo com as ideias de Krashen e Chomsky, este trabalho pretende refletir acerca das escolhas de textos literários latinos usados para o aprendizado da língua latina.

**Letras Clássicas na Escola: sobre “a utilidade do inútil”**

Charlene Martins Miotti – UFJF

Em seu mais recente ensaio, “L’utilità dell’inutile” (Bompiani, 2013), Nuccio Ordine problematiza a chamada “ditadura do proveito” na educação, reacendendo uma polêmica há muito conhecida entre os professores da área de Estudos Clássicos. Neste trabalho, apresentaremos alguns materiais didáticos oriundos do projeto “Letras Clássicas na Escola”, desenvolvido na UFJF e financiado pela Fapemig, que se destinam a atividades

extracurriculares nas escolas básicas brasileiras, entre eles, o jogo de tabuleiro da *Odisseia* e a AventuraSolo *As Metamorfoses*. O pressuposto comum entre o manifesto de Nuccio Ordine e o referido projeto está na concepção do sistema educacional (incluindo aí as universidades) como espaço de formação humanista, onde a leitura e a cultura, imunes a qualquer expectativa imediatista de serventia, representam “um antídoto contra a barbárie do útil, que chegou a corromper inclusive nossas relações sociais e nossos afetos íntimos”.

### ***As Metamorfoses de Ovídio como ludonarrativa para o desejo de aprender.***

Eliane Bettocchi – UFJF; Carlos Klimick – Didak Consultoria

Neste trabalho, apresentaremos a ludonarrativa “Aventura-Solo *Metamorfoses*” como parte do projeto “Letras Clássicas na Escola”, desenvolvido na UFJF e financiado pela Fapemig. Ludonarrativas se apóiam nos poderes para narrativas, apontados por Roland Barthes, de *Mathesis*, vários saberes se entrelaçando, e *Mimesis*, representação criativa que vai além da mera reprodução do real, assumindo um compromisso poético. Isto permite sua articulação com o conceito de Fantasia de J. R. R. Tolkien (1966): atividade humana de representar, por meio da arte, aquilo que não existe no “mundo primário”, cotidiano, criando “mundos secundários” tão narrativamente consistentes que se tornam críveis. As ludonarrativas agregam a esses poderes a *Dynamis*, a dinâmica lúdica da história dada pelas decisões dos leitores sobre as ações das personagens em situações-chave do enredo, transformando-os em co-autores. Defendemos, assim, que este encontro lúdico de diversos saberes aciona fantasias pré-existentes que geram interesse, identificação e afeto (no sentido geral de resposta emocional), transformando tais fantasias na Fantasia, oferecendo uma alternativa à necessidade puramente utilitária da aprendizagem, uma vez que o desejo será seu disparador. *Mathesis*, *Mimesis* e *Dynamis* embasam, assim, a elaboração do projeto gráfico, da escrita criativa, e do projeto didático do texto e dos suportes desta ludonarrativa.

Sessão 13  
14h00 – 16h

### **Prudente Penélope: a rainha tecelã de Homero.**

Marina Pereira Outeiro – UFRGS

A presente pesquisa está voltada para a área de estudos clássicos e questões de gênero, centrada na personagem homérica Penélope e na arte da tecelagem, entendida como um domínio essencialmente feminino para a sociedade grega do século VIII a.C. A tecelagem desponta como uma atividade de caráter polissêmico, pois figura como atribuição econômica, dotada de um saber-fazer próprio, presente na cultura e no mito, um afazer que constrói identidade, um exercício de memória, e principalmente, um meio de formular narrativas e de manifestação da palavra. Nosso objetivo é demonstrar como Penélope se utiliza das possibilidades que esta arte apresenta para desenvolver sua própria *métis* que lhe permitiu tecer a trama de sua própria vontade, permitindo que ela construísse a própria narrativa e sua *kléos*, conquistando esse reconhecimento na sociedade grega.

### **Os lotófagos na Ásia Menor: a presença intertextual da *Odisseia* na *Anábase* de Xenofonte.**

Construída a partir da memória pessoal de Xenofonte, a *Anábase* tem como tema principal a viagem de retorno (*nóstos*) à Grécia dos dez mil mercenários gregos, depois da malfadada expedição militar na Pérsia, sob o comando do príncipe Ciro, o jovem. Nessa narrativa de retorno, o narrador se utiliza da obra de Homero como subtexto criativo, criando, assim, uma história em que o próprio personagem de Xenofonte revive o simbolismo das aventuras de Odisseu, que se converte em uma espécie de paradigma para o evento que narra. As aventuras de Odisseu são reinterpretadas à luz dos eventos reais por que passam os personagens e, desse modo, Xenofonte reatualiza o mito, criando, a partir dele, novos significados para a sua própria experiência. O foco dessa comunicação será a passagem do Livro III. 2. 25, em que Xenofonte, ao discursar pela primeira vez aos seus soldados, cita a passagem de Odisseu pela terra dos lotófagos (*Od.* V, 82-104), como forma de estimulá-los a não desistirem da viagem e se fixarem no Oriente.

### **Aspectos públicos e privados das profecias na *Odisseia*.**

Gustavo Henrique Montes Frade – UFJF

Além de recuperar e antecipar elementos mitológicos que fariam parte do repertório de seus ouvintes, as profecias são utilizadas com variadas funções narrativas específicas para cada ocasião em que são pronunciadas na *Odisseia*. A própria estrutura temática básica das cenas de interpretação de voo de pássaros contém um elemento social em sua sequência que inclui o contexto narrativo em que o sinal acontece, a imagem que constitui o sinal, a recepção do sinal antes da interpretação (elemento nem sempre presente), a interpretação do sinal e a recepção dessa interpretação. A proposta aqui é pensar, a partir das leituras de voo de pássaros no canto II e no canto XV, como elas articulam trajetórias individuais com situações sociais e políticas construídas no poema. No primeiro momento, como parte da assembleia de Ítaca e da insensatez dos pretendentes. No segundo, como parte da introdução de Telêmaco ao sistema social da aristocracia helênica.

### **O banquete homérico de Sólon: ecos da tradição no F 4W.**

Carlos Eduardo de Souza Lima Gomes – UFMG

O fragmento poético soloniano conhecido como *Eunomia* ou *A nossa cidade* (F 4W) é considerado um importante instrumento para que se entenda a ideia por trás do projeto político do arconte e legislador ateniense (LEÃO, 2001). No entanto, para a construção das imagens neste fragmento, o autor estabelece, nos dez primeiros versos, um contraste entre as forças divinas e a dinâmica social da *pólis* a partir de elementos que não são evidentes, ou pelo menos não são caracteres óbvios para o leitor contemporâneo. Assim, para a compreensão desse trecho, buscamos, nesta proposta, estabelecer um comparativo com o banquete descrito no fragmento e algumas passagens da *Odisseia*, tomando-a como referência para o trabalho de Sólon. Acreditamos que, ao final da análise, seremos capazes de perceber gradações do que seria um comportamento adequado no banquete homérico e, tal postura, certamente implicaria em uma relação direta com a ação pública do governante.

**Iconografia da morte: continuidades e rupturas. Técnica, motivos e gestos nas imagens do ritual de *prothesis* em vasos cerâmicos gregos.**

Carolina Kesser Barcellos Dias – UFPel; Camila Diogo de Souza – USP

Cenas de *prothesis* compõem um conjunto temático controverso e muito debatido nos estudos dedicados à iconografia do material cerâmico grego, sobretudo aquele produzido na Ática durante o período geométrico. Nesta comunicação, procuraremos analisar e discutir os aspectos técnicos, estilísticos, decorativos e iconográficos deste material com uma perspectiva mais ampla em relação aos recortes cronológicos, e também da produção, incluindo aqui vasos de figuras negras e vermelhas, e *pinakes* dos períodos arcaico e clássico, observando continuidades e mudanças na representação iconográfica do ritual funerário, e seus significados sociais e culturais.

**A Casa Espartiata: uma hipótese sobre sua forma e uso.**

Gabriel Cabral Bernardo – USP

As questões sobre a casa no Mundo Grego antigo tem se baseado em dados arqueológicos canônicos provenientes de sítios como Olinto, Priene, Atenas e Delos. Entretanto, as interpretações de tais dados produziram tipos arquitetônicos relativamente regulares que, por mais que sejam bem disseminados entre os séculos V a.C. e IV a.C., podem não corresponder ao recorrente em todas as *poleis* de que temos ciência. Isso se deve ao fato de que casas são produtos de influências e regras de comportamentos coletivos bem específicos, de modo que sociedades regidas por diferentes normas podem apresentar tendências arquitetônicas diferentes. Acredito que Esparta seja um desses casos: não só o cotidiano era ali bem diferente do dos sítios supracitados, mas também o era a relação entre as dimensões pública e privada. Dessa forma, padrões divergentes dos mais comuns podem ter estado em atividade ali; padrões esses provavelmente mais semelhantes aos de um local melhor conhecido arqueologicamente e que possuía instituições e um cotidiano mais semelhantes ao espartiata: Creta.

**Entre o público e o privado: a casa dos Atridas na *Oresteia* de Ésquilo.**

Marco Aurélio Rodrigues – Unesp

Apesar de, durante muito tempo, *Antígona* ser a tragédia canônica sobre a discussão entre os assuntos que se dividem entre os âmbitos público e privado, suscitando debates que passam por nomes como o escritor alemão Friedrich Hölderlin até o psicanalista francês Jacques Lacan, muitas outras tragédias clássicas reservam especial atenção à discussão acerca dos valores da família de grandes governantes diante das necessidades do que estão fora das portas do palácio, ou seja, os governados. Nesse contexto, a trilogia *Oresteia* de Ésquilo, apresentada em 458 a.C., para além de um debate sobre a reparação de uma honra ou mesmo uma vingança dentro dos limites da casa dos Atridas, elenca importantes aspectos das relações entre os acontecimentos internos, pertencentes à vida privada, e os acontecimentos externos, que dizem respeito a todos os Argivos. Não é para menos que Winnington-Ingram classifica *Antígona* como uma tragédia com inúmeros elementos esquilianos. Dessa forma, o presente trabalho procura discutir em que medida acentuam-se

ou se dissolvem os limites entre a vida pública e a vida privada, atingindo de forma irremediável a vida dos homens sob os domínios dos herdeiros de Agamêmnon.

**Aspectos da vida privada em Pompeia e Herculano: escrita e leitura como indicadores de *status*.**

Nicoll Siqueira da Rosa – UFRGS

Quando o professor Paul Zanker publicou, em 1995, o livro *Pompeia: Vida Pública e Privada*, estabeleceu a importância do estudo daquela cidade a partir da seguinte assertiva: “[...] sabemos muito pouco sobre como as cidades antigas realmente pareciam. [...] Apenas em casos raros, contudo, somos capazes de analisar a organização geral do espaço em uma cidade e vê-la em relação à sociedade que a habita, desenhando conexões entre o uso do espaço e as vidas particulares, hábitos e necessidades de seus residentes” (ZANKER, 1998, p.1. Tradução minha). É neste sentido que o estado de preservação de Pompeia, cidade da baía de Nápoles atingida pela erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., e também de Herculano, sua vizinha, é crucial para a compreensão – ou, ao menos, para um vislumbre – das características de uma cidade romana, apresentando diversos aspectos das vidas de seus cidadãos. Estudar estas duas cidades permite, portanto, analisar como o espaço era compreendido e utilizado entre os romanos, uma vez que as escolhas feitas para o plano urbanístico, arquitetônico e decorativo estão em bom estado de conservação. Minha comunicação versará sobre um dos diversos aspectos da vida privada de Pompeia e Herculano, um pequeno campo de estudo dentre os possíveis naquele território, qual seja, o da escrita e da leitura representadas em afrescos em casas e *Villae* daquelas localidades. As representações de instrumentos relacionados a estas atividades e de figuras lendo ou escrevendo são significativas da capacidade da atividade intelectual escrita de aumentar o prestígio dos moradores daquelas residências, diferenciando-os de seus visitantes e vizinhos.

**DIA 18 DE NOVEMBRO**

Sessão 15  
09h30 – 12h

**O sacrifício no mito de Prometeu em Hesíodo, e em Homero.**

Teodoro Rennó Assunção – UFMG

Esta comunicação visa a brevemente discutir o modelo de sacrifício apresentado no mito de Prometeu em Hesíodo (*Teogonia*, 535557), e também a atentar para elementos não inclusos neste (como os *splánkhna*, as "vísceras") ou diferenciados (como os *mería*, as "coxas" e não necessariamente os "fêmures") presentes no sacrifício em Homero (ou seja: na *Ilíada* e na *Odisseia*), tentando pensar aí o modo particular de consumo das oferendas (via olfato) por parte dos deuses.

**Pandora: a mulher como fundamento da propriedade privada.**

Luiz Otavio de Figueiredo Mantovaneli – UFBA

O trabalho pretende focar o mito de Prometeu de Hesíodo como um mito de condição humana que, dentre outras coisas, ressalta a tomada de consciência da divisão de gêneros e que esta tomada de consciência pode ter implicado imediatamente na apropriação, posse e propriedade da mulher por parte do homem a partir da instituição do casamento. Para sustentar a premissa, o trabalho examinará a feitura da mulher relatada nos dois textos hesiódicos sobre o mito, ou seja, a *Teogonia* e os *Trabalhos e os Dias*, abordará as passagens alusivas ao gênero feminino no segundo poema e tentará estabelecer, de forma não exaustiva, possíveis relações entre a mulher vista como propriedade privada na obra de Hesíodo e a comunidade das mulheres e crianças na *República* de Platão.

### **Lotófagos e melófagos: A narrativa em primeira pessoa na *Odisseia* e em um Romance de Alexandre grego.**

Laura Cohen Rabelo – UFMG

O seguinte trabalho pretende estabelecer uma comparação entre o apólogo de Odisseu nos cantos IX a XII da *Odisseia* e uma das cartas presentes no texto conhecido como "Romance de Alexandre", localizada nos capítulos 23 a 41 do Livro II. Depois de uma breve apresentação sobre o texto da recensão B do *Romance de Alexandre*, intitulado "Vida e Feitos de Alexandre da Macedônia", faremos uma comparação – que na verdade é mais uma leitura da apropriação que este romance biográfico faz do texto homérico. O estudo se baseia em dois aspectos: em primeiro lugar, o funcionamento de uma narrativa em primeira pessoa com aspectos autobiográficos inserida dentro de uma narrativa em terceira pessoa; e, em segundo lugar, como a narrativa em primeira pessoa trata aqui de um mundo repleto de seres fantásticos e acontecimentos prodigiosos e o desejo dos seus narradores. A ideia geral do trabalho não é dar respostas fechadas às hipóteses propostas, mas criar questões a respeito de como o texto tardio que se encontra entre a biografia e a ficção absorveu os modos de narrar presentes na épica de Homero.

### **Homens e deuses na linha 535 da *Teogonia* de Hesíodo.**

Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes – UFMG

Após narrar o nascimento dos primeiros deuses e de suas descendências na *Teogonia*, Hesíodo apenas menciona pela primeira vez os homens depois que Zeus destrona Cronos e se torna o rei dos deuses. A narrativa relata então uma separação entre deuses e homens que estaria em curso quando Prometeu afronta o poder de Zeus (Teog. 535). Neste estudo apresentarei as diferentes propostas de interpretação para a relação entre homens e deuses sugerida por essa passagem e o possível sentido do verbo *kríno*.

Sessão 16  
09h30 – 12h

### **Arquitetura, poder e espaço: o circo cartaginês como lugar de disputa identitária (séc. III).**

Natan Henrique Taveira Baptista – IFES

Paulatinamente, no Império Romano, os espaços citadinos clássicos de uso público e semipúblico passaram a representar um lugar adversário na concepção identitária de alguns grupos urbanos, em especial, dos judeus e dos paleocristãos. Dado o avanço das

ideias protoortodoxas cristãs capitaneadas, entre outras personagens, por Tertuliano, os recintos públicos e lúdicos corporificaram críticas, dando substância para a emergência de um conflito discursivo que chegou ao início do Medievo. Dessa forma, esta comunicação tem como objetivo confrontar diferentes argumentos envolvidos no controverso papel do espaço público, especialmente do circo e do ginásio, na construção das identidades urbanas na transição do segundo para o terceiro século na cidade de Cartago. De modo a evidenciar a posição antagônica frente às manifestações típicas da identidade clássica romana, analisaremos o *De Spectaculis*, do paleocristão Tertuliano, e a retomada feita por este autor da censura judaica presente, notadamente, nas *Antiquitates Iudaicae* e no *De Bello Iudaico*, de Flávio Josefo, e nos dois primeiros livros dos Macabeus. Com intuito de responder nossos questionamentos, analisamos a documentação primária à luz do exame textual crítico da Análise de Conteúdo por meio do método proposto por Laurence Bardin.

### **Pontos de contato entre as *praelocutiones* de *Geórgicas III* (Virgílio) e de *De re rustica VI*, de Columela.**

Matheus Trevizam – UFMG

Apesar das diferenças genéricas entre o "poema da terra" de Virgílio e o tratado columeliano referente ao *De re rustica* (séc. I d.C.), notamos que essas duas obras, atinentes ao grande domínio temático dos escritos agrários em Roma Antiga, apresentam similaridades construtivas que ultrapassam a simples coincidência do assunto. Então, aspectos como a cuidada *dispositio* de certos tópicos – como o da criação de animais –, a comum dedicação dos autores ao ponto da elocução, o entremeio de digressões em plenas passagens de preceituação técnica e outros recursos construtivos evidenciam o comum cuidado de um e outro escritor antigo em dotar suas respectivas obras "agronômicas" de traços que ultrapassam o mero intento de comunicar conteúdos de forma "ingênua". Especificamente, nesta comunicação, haveremos de focalizarnos nas semelhanças existentes entre as *praelocutiones* de *Geórgicas III* e de *De re rustica VI*, considerando, de início, que esses dois excertos de Virgílio e Columela se prestam a abrir seções peculiares dos textos em que se encaixam, cujo nexos temático sempre diz respeito a assuntos pecuários. Além disso, a presença de outros componentes em acordo, tal como a evocação do(s) dedicatário(s) de um e outro texto de "agronomia", certos elementos harmonizadores entre o teor desses prefácios e o dos livros sobre animais que, respectivamente, introduzem e a busca de alguma elaboração dos dizeres configuram as duas *praelocutiones* em jogo como produtos letrados, ao mesmo tempo, afins e inseridos de maneira funcional em seus contextos literários.

### **A poesia didática de Lúcio Moderato Columela.**

Gilson José dos Santos – UFU

O livro X – *De cultu hortorum* – do *De re rustica* de Lúcio Moderato Columela (agronomo romano do séc. I. d. C) é um poema didático sobre a cultura do horto, idealizado como uma espécie de complemento às *Geórgicas IV* (sobre a apicultura) de Virgílio. Esse livro, por ser o único no conjunto do *De re rustica* a ter sido escrito em versos, ocupa lugar especial na obra. Columela deixa, aqui, a grande propriedade rural para descrever um pequeno horto cultivado por um único homem: essa mudança de perspectiva vinha imposta pelo tom e espírito do livro, evocadores do pequeno horto do velho de Tarento (*Geórg. IV* 125-146). Nesta comunicação, apresentaremos o poema e o analisaremos do ponto de vista da construção do texto, da elaboração genéricoliterária,

dos significados particulares do caráter de ensinamento e da abordagem de temas vários, relacionados à organização do conteúdo instrucional.

### **Eficácia e arte na organização interna do Livro III de Marcial.**

Robson Tadeu Cesila – USP

Podese reconhecer, em qualquer um dos 15 volumes de epigramas de Marcial, um projeto subjacente de organização interna e de disposição dos epigramas no interior dos livros. Tal estruturação poética e retoricamente planejada varia a depender do livro analisado, podendo se materializar de diversas formas e visando a fins e efeitos diferentes, mas podem-se perceber certas tendências e princípios de organização interna recorrentes por todos os volumes da obra marciálica. Nesta comunicação, procuraremos demonstrar o fenômeno a partir da observação e análise do Livro III.

Sessão 17  
09h30 – 12h

### **Do presente, no *infectum* e no *perfectum***

Flávia Santos da Silva – UFU

A terminologia da tradição gramatical latina considera quatro formas primitivas: o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo, o infinitivo presente ativo e o supino. Sobre os dois primeiros, colocale como dado que o presente é inerentemente um tempo do *infectum*: por isso, apenas existe presente no quadro desse aspecto verbal. Entretanto, Bortolanza (2007, 2010) questiona essa terminologia, asseverando que o que se convencionou chamar de “pretérito perfeito”, na verdade, é um presente perfeito e, portanto, o tempo presente, em latim, funciona tanto no *infectum* quanto no *perfectum*. Em outras palavras, é esse tempo que fornece os radicais para os tempos derivados no *infectum* e no *perfectum*. Isso é uma forma de colocar o aspecto, que, nesses dois mil anos de história do Ocidente, tem sido tratado de maneira insatisfatória ou simplesmente ignorado, no centro do sistema verbal. Desta maneira, nesta comunicação, temos o objetivo de demonstrar essa tese por meio da análise de frases do *De natura deorum* de Cícero. O método que utilizamos está calcado no pensamento de Benveniste (1966, 1974), linguista, gramático e filólogo, o qual preconiza que a língua funciona em níveis, dentro os quais, o do lexema, que, no caso, demanda uma análise morfológica dos radicais latinos, e o da frase, que demanda uma análise semântica, de como o aspecto veicula ideias nos enunciados por meio da sintaxe.

### **Hipóteses de mudança em construções com verbos estativos em Latim**

Luiz Pedro da Silva Barbosa – UFRJ; Livia Lindóia Paes Barreto – UFF

Este trabalho surge como uma reflexão suscitada pelos estudos sobre o sufixo –ē, formador de verbos estativos em Latim, realizados no curso de Mestrado em Estudos da Linguagem. Após observações sobre aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos desse tipo de verbo, procedemos à investigação das hipóteses de mudança que geraram as diferentes construções identificadas, sob o viés da *Gramática de Construções* de Hopper & Traugott (2013). Os levantamentos mantêm-se como hipótese, uma vez que, nesta etapa, ainda não chegamos a resultados conclusivos. Os textos utilizados consistem

em peças do comediógrafo Plauto, situado no período arcaico da Língua e da Literatura Latina.

### **Síncope vocálica nas Línguas Sabélicas.**

Jasmim Sedie Drigo – USP

A síncope vocálica é um fenômeno recorrente nas línguas Sabélicas, línguas que existiram na península itálica do séc. VI a I a. C.. Pode-se também observar casos de síncope vocálica no Latim do mesmo período, e por vezes a comparação entre exemplos sabélicos e exemplos latinos pode ser frutífera. No entanto, a síncope vocálica ocorreu de maneira sistemática nas línguas Sabélicas, especialmente no Osco e no Úmbrio. Diferentes regras podem ser aplicadas a cada um dos dois tipos de síncope em Sabélico: a síncope em sílabas mediais afeta basicamente qualquer vogal breve em uma sílaba aberta, enquanto a síncope em sílabas finais acontece em ambientes mais restritos.

Sessão 18  
14h00 – 16h

### **Homero filósofo em Máximo de Tiro.**

Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão – UFPR

Ao afirmar, no *Discurso I*, que a Filosofia, para seguir a variedade da vida, deve ser polifônica, Máximo de Tiro defende a possibilidade da atividade filosófica através da Retórica e da Poesia. O caminho retórico é o que ele mesmo segue em seus *Discursos*. Mas em alguns desses discursos, ele também trata do caminho poético, tomando Homero como exemplo de poetafilósofo. Na presente comunicação, analiso como se configura essa poética filosófica nos textos de Máximo de Tiro.

### ***Doxa, aletheia e eikos* em Górgias de Leontino.**

Adriano Machado Ribeiro – USP

A partir da análise do *Elogio de Helena* e da *Apologia de Palamedes* de Górgias, a exposição buscará apresentar algumas dificuldades em articular os conceitos apresentados no título, sobretudo se não se procurar distingui-los e separá-los da tessitura de Platão.

### **Górgias de Leontino: entre *aísthesis* e *lógos*.**

Gislene Vale dos Santos – UFMG

O objetivo desta comunicação é analisar como se relacionam *lógos* e *aísthesis* no *Tratado do não ser* e no *Elogio de Helena* de Górgias de Leontino.

### **A inutilidade em relação a si mesmo e aos outros.**

Diogo Norberto Mesti da Silva – UEMG

Este trabalho apresentará os limites das preocupações filosóficas que ficam aprisionadas apenas na ideia de que bastaria ao filósofo praticar a justiça em relação a sua própria alma, sem a investigação de qual seria a dimensão pública da justiça em discussão. O foco deste

trabalho está no livro VI da *República*, onde se discute a tese de que os filósofos deveriam cuidar do governo da cidade para que os melhores não se tornem os melhores em fazer o mal. Esse dever de cuidar da coisa pública pretende superar o temor daquele que não age porque “não quer ser cúmplice de injustiças, mas, sendo um só, não é capaz de resistir a todos os selvagens e morre antes de prestar serviço à cidade e aos amigos, tornando-se inútil a si próprio e aos outros” (*República*, VI 496 d). Mas para satisfazer esse dever de se preocupar com a coisa pública é preciso reavaliar a própria definição de justiça defendida no livro IV da *República*, como algo que diz respeito, verdadeiramente, à alma humana e não à cidade: “a justiça era algo assim, mas não em referência às ações exteriores dos homens e em sim à ação que se dá em seu íntimo” (*República*, VI 443 d). Não seria a justiça em relação à própria alma seria uma espécie de resignação em relação ao temor de cometer injustiças em relação aos outros? Pretendese responder as seguintes perguntas: como praticar a justiça sem o medo que paralisa alguns de cometer injustiças contra os outros? É suficiente o filósofo se preocupar apenas com a justiça interna de sua própria alma e não se preocupar com a justiça na cidade? O que é afinal a justiça na cidade? Qual sua relação com o bem? A justiça é simplesmente dar a cada a sua função natural?

Sessão 19  
14h00 – 16h

***Ex paruo creuit: representações funerárias em Satyricon, 71.***

Caroline Morato Martins – UFOP

Este trabalho pretende analisar a descrição do túmulo e epitáfio solicitado pelo personagem Trimalchio, um liberto rico, ao fim da cena do ostentoso banquete oferecido pelo personagem. Pensar e estabelecer os limites e as fronteiras entre a narrativa inventiva de Petronio e a realidade que pode ser inferida através dos vestígios da cultura material consiste em um plausível e significativo caminho para a compreensão tanto do *Satyricon* como do mundo romano do século I d.C.. Analisaremos, para tanto, o capítulo 71, referente aos pedidos relacionados ao funeral, *post mortem*, e túmulo desejados pelo personagem apresentado por Petronio.

***A cena carnavalizada em Trimalchio e Cena Trimalchionis.***

Jassara Conrado Lira da Fonseca – Unesp

Este trabalho comunica a interessante relação intertextual que F. Scott Fitzgerald elabora em Trimalchio – primeira versão de *The Great Gatsby* – com o episódio *Cena Trimalchionis*, inserido em *Satyricon*, de Petronio. Nossa pesquisa investiga figuras coincidentes utilizadas para expressar um tema comum. O tema observado nesta apresentação é o da carnavalização. Mikhail Bakhtin estabelece o conceito e elenca uma série de aspectos importantes para a construção de uma cena carnavalizada. Apresentamos alguns desses aspectos na comparação dos cenários festivos, compostos por Fitzgerald e Petronio, segundo os preceitos bakhtinianos que configuram o carnaval para a literatura.

***Os romanos e os celtas: a representação do gaulês no De Bello Gallico de Júlio César.***

Priscilla Adriane Ferreira Almeida – UFMG

No Brasil, não possuímos uma vasta pesquisa sobre o tema das representações dos gauleses na literatura latina, e é isso que pretendemos discutir nesta comunicação. Sabemos que os gauleses não deixaram nenhum material escrito, e sua cultura e história do tempo do primeiro século a.C. somente são conhecidas por relatos de terceiros. Desde a Antiguidade esses povos foram algumas vezes retratados como inferiores aos romanos. O termo “bárbaro”, que era um étimo grego usado para designar povos estrangeiros, tornou-se, a partir do século V a.C., sinônimo de falta de civilização e selvageria. Nesta comunicação, pretendemos fazer um retrospecto da evolução da palavra “bárbaro”, além de analisar algumas passagens que tratam das representações dos gauleses feitas por Júlio César em sua obra *De Bello Gallico*. Desta forma, visamos a compreender como essas imagens de um povo estrangeiro foram construídas em um texto latino.

### **Pérsio e a tradição satírica romana: o tópico da seleção da audiência.**

Marihá Barbosa e Castro – UFES

Entre as questões que atravessam a tradição satírica romana, está a discussão e problematização da seleção da audiência. Os três primeiros satiristas romanos se preocuparam em expressar para que público seus poemas estavam direcionados: é recorrente o *topos* da audiência limitada, uma vez que os poetas frequentemente se colocam como alternativa oposta à moda literária e demonstram, ainda, consciência dos riscos oferecidos pelo exercício de escritura da sátira. Lucílio afirma escrever para o público mediano, recusando os doutos e o vulgo. Horácio justifica sua audiência reduzida com a falta de cidadãos virtuosos em Roma. Pérsio, satirista do período neroniano, reaproveita o tema e reduz ainda mais o seu público potencial, chegando a contemplar a possibilidade da completa ignorância de seus poemas. Ao selecionar sua audiência, o satirista neroniano aponta para a obra de Horácio e Lucílio, revisitando um tópico tratado pelos seus antecessores. Pérsio retoma em sua obra os modelos horaciano e luciliano, transformando a tradição satírica.

Sessão 20  
14h00 – 16h

### **Os sentidos no texto: aspectos retóricos no discurso político.**

Ana Lúcia Magalhães – Fatec / Cruzeiro

Desde a Antiguidade se teoriza sobre o discurso político. Aristóteles o usou na própria definição de política. Autores modernos como Perelman, Meyer e Amossy definiram parâmetros para a análise do discurso. A retórica moderna oferece ferramentas importantes, mas a essência da análise continua em Aristóteles: *logos*, *pathos* e *ethos*. Também é de Aristóteles o conceito de política como indissociável da linguagem. Fairclough estudou o discurso de deliberação e tomada de decisões, em que o *logos* tem papel importante, mas, em geral, o discurso político mais estudado é o eleitoral, ligado ao *pathos* e ao *ethos*. Charaudeau resumiu o trabalho de Weber, Arendt, Habermas e sua própria contribuição e propôs quatro pontos para a análise do discurso político: função como contrato fundador que explicita o outro; uso como dispositivo de comunicação em que se busca estratégias de legitimação; instalação permanente na política de dois riscos:

a redução do jogo de mediações a puro espetáculo e a perda de qualidade da política pelo retraimento à manipulação de opiniões; o quarto ponto é a tensão permanente entre perversidade e necessidade de ficção em princípio bem intencionada. A análise do *corpus* deixou claro que o discurso político está fortemente centrado no *ethos*.

### ***Scriptores Artis Metricae: novas questões***

Vivian Carneiro Leão Simões – UFRR

A monumental obra *Grammatici Latini* (GL), do filólogo alemão Heinrich Keil, é um dos maiores trabalhos de coleta e edição de textos de gramáticos latinos, se não o maior de que se tem notícia. O vol. VI *Scriptores Artis Metricae* contempla textos de gramáticos antigos que desenvolveram reflexão, descrição, catalogação e prescrição de expedientes poéticos da métrica latina; nomeadamente: Mário Vitorino e Élio Aftônio, Máximo Vitorino, Cássio Basso, Atílio Fortunaciano, Terenciano Mauro, Mário Plócio Sacerdote, Rufino e Málio Teodoro. Pretende-se, pois, apresentar os primeiros resultados da pesquisa *De Arte Metrica novae quaestiones: discussão acerca do gênero técnico das Artes Metricae*” que toma como objeto de investigação as *Artes Metricae* – compõem o *corpus*, em especial, os autores acima listados compilados por Keil – com o intuito de historiar o modelo descritivo dessas *Artes* por meio da observação da sua organização estrutural, sob uma perspectiva comparativa que visa opor o modelo de descrição das *Artes Metricae* àquele das *Artes Grammaticae*, e das filiações a que esses postulados técnicos estejam vinculados.

### **Do latim presencial para uma nova proposta de ensino de latim a distância.**

Adriana Sertóri Sandrin – Claretiano Centro Universitário

O presente trabalho busca relatar o planejamento da disciplina Elementos de Língua e Literatura Latinas ofertada a todas as turmas do curso de Letras EaD do Claretiano Centro Universitário, entre os anos de 2007 e 2014, cuja autora é a docente, tendo como foco uma turma de 2013. Para tanto, serão apresentadas as motivações e circunstâncias iniciais do curso de latim EaD, seus objetivos, desafios encontrados no contexto a distância, lições aprendidas e uma proposta de transformação do desenho atual, levando em conta um modo de combiná-lo com o uso de ferramentas digitais abertas em web. Para o desenvolvimento da disciplina de latim EaD, foram adotadas, primeiramente, as perspectivas teóricas fundamentadas no ensino de latim da Unesp/Araraquara, que tem como base para o seu desenvolvimento o projeto “Da fala à língua: estudos do enunciado latino”, no qual se emprega o conceito de recorrência: “a presença reiterada de um número limitado e constante de unidades estruturais do sistema frasal, localizadas ao longo do processo discursivo, sem que se tenha, por isso, a impressão de repetitividade, por mais longo que seja o discurso” (LIMA, 1998, p.). Após revisitar esse método, foi feita uma adaptação à modalidade EaD para o ambiente virtual de aprendizagem do Claretiano, que tem uma estrutura prédefinida, contendo ferramentas de interação, informação e avaliação, tais como: Fórum, Portfólio, Cronograma, Lista, Orientações, Questões Online, etc. Os resultados parciais mostram como o impacto do uso das ferramentas do ambiente virtual afetaram a proposta original, observado no modo e quantidade de utilização do ambiente nas ferramentas disponíveis no ambiente virtual.

### **Ensino de latim e a formação do leitor: competências intertextual e interdiscursiva.**

Giovanna Longo – Unesp

Um texto é sempre a manifestação de um discurso. É pelo discurso que se reconhecem as coerções ideológicas que incidem de forma heterogênea sobre a linguagem. Produzido sob certas condições históricas e sociais, os discursos devem ser considerados um importante dado cultural, uma vez que refletem os valores e a concepção de mundo de que os sujeitos pertencentes a uma dada formação social estão investidos. A observação das relações entre linguagem e cultura é fundamental no estudo de qualquer língua. Quando se está diante da tarefa de estudar um idioma antigo como o latim, a compreensão da cultura que o define dependerá dos conhecimentos fornecidos pelos textos legados pelos seus legítimos representantes. Desse modo, o conhecimento da Cultura Romana (dados históricos, sistemas filosóficos, visão de mundo, etc.) passa a depender, principalmente, da formação das competências intertextual e interdiscursiva. Essas competências são fundamentais para, de um lado, estreitar o distanciamento cultural existente entre o latim e a contemporaneidade e, de outro, evitar anacronismos e interpretações equivocadas do texto latino. Nessa comunicação, pretendese demonstrar um possível encaminhamento para essas questões em sala de aula.

Sessão 21  
14h00 – 16h

### **As fontes dos fragmentos de Aristófanes.**

Karen Amaral Sacconi – USP

A grande maioria dos fragmentos cômicos chegounos por via indireta, isto é, inscrevese na categoria de excertos que sobreviveram graças a citações. No caso de Aristófanes, além das onze peças transmitidas pela tradição manuscrita, temos mais de 900 fragmentos, dos quais cerca de 600 não deixam dúvidas com relação à autoria. A história desses fragmentos começa no período helenístico, quando havia extensa produção exegetica em torno dos textos do comediógrafo. Trechos de suas comédias, incorporados a comentários, obras ensaísticas, antologias e léxicos, tornar-se-iam muitos dos fragmentos que temos hoje. A maior parte das citações viria a compor exemplares da tradição lexicográfica ou obras ligadas a ela, como o *Onomasticon* de Pólux, *O Banquete dos Sábios* de Ateneu e a *Biblioteca* de Fócio, as três maiores fontes dos fragmentos de Aristófanes. O objetivo desta comunicação é discutir o papel das fontes na criação e transmissão desses fragmentos bem como o uso que se fazia deles no contexto das obras que os preservaram.

### **O confronto entre o público e o privado em *Nuvens* e *Aves*, de Aristófanes.**

Solange Maria Soares de Almeida – UFC

Em algumas das peças de Aristófanes, é percebido um confronto entre o que é privado e o que é público ou entre o que é natural e o que é artificial. Neste estudo será feito um paralelo entre as peças *As Nuvens* e *As Aves*. Na primeira peça, há uma notória dificuldade de entendimento entre o camponês, Estrepsíades, e o filósofo, Sócrates. Enquanto o primeiro é só ventre, o segundo, só pensamento. Este conflito, entre o que seria rústico (natural) e o que seria sensível (artificial), também pode ser notado em *Aves*, no confronto entre a vida dos pássaros e a vida dos humanos. Nesta segunda peça, Aristófanes põe em cena, no papel de protagonista, o pior espécime humano: o Persuasor (Pisetero). Este,

munido de muita lábia, consegue convencer as aves a pôr em prática o seu plano mirabolante de construir uma cidade aérea e, conseqüentemente, dominar os deuses olímpicos. Através de suas peças, Aristófanes denunciava os conflitos e as mudanças ocorridas em Atenas durante a guerra. Os prejuízos causados à democracia ateniense, durante este período, ampliava o temor pela volta da tirania. Por isso, o poeta sentia-se no dever de alertar os espectadores sobre as mudanças ocorridas no contexto político-social em Atenas.

### ***Acarnenses e Paz: o público na privada.***

Ana Maria César Pompeu – UFC

Em *Acarnenses*, Diceópolis consegue tréguas particulares para si e sua família, enquanto toda a Grécia continua em guerra. A Assembleia de Atenas não aceitou as tréguas ofertadas por Anfíteo. O coro faz referência a Orestes no contexto da Festa dos Cângios, que teria sido modificada em Atenas, de acordo com uma versão do mito, pela chegada de Orestes à cidade, perseguido pelas Erínias de Clitemnestra, sua mãe. O cângio, que era público, partilhado pela comunidade, tornou-se particular, individual, para que o hóspede, manchado do sangue materno, pudesse participar da festa, sem poluir os cidadãos atenienses com as suas mãos sujas. O isolamento de Diceópolis, Cidade Justa ou Justinópolis, equipara-se ao de Orestes. O protagonista nega partilhar seus frutos das tréguas privadas com o coro ou com qualquer outro cidadão de Atenas, abrindo exceção apenas para uma noiva, que é mulher e não tem culpa da guerra. O coro dos aldeões do demo ateniense de Acarnes lança uma maldição a Antimaco, um corego que lhes negara almoço, rogando que uma cadela leve seu prato quentinho no momento de comê-lo, e que, voltando para casa, esbarre em um Orestes enlouquecido, que o esmurre; e que, ao se vingar, pegue fezes frescas em vez de pedra. Faremos um estudo comparativo entre a paz particular de Diceópolis, defendida numa tragédia, canto ao vinho novo ou comédia, que parodia a tragédia, e a paz de Trigeu, o vindimador, que resgata a deusa Paz, na peça homônima, para todos os gregos, voando ao Olimpo em um besouro comedor de fezes.

### **A tensão entre o privado e o profano na tragédia *Hipólito* de Eurípides.**

Fernando Crespim Zorrer da Silva – UFES

Quando Fedra, esposa de Teseu, se apaixona pelo seu enteado, Hipólito (na peça de Eurípides), tal sentimento pode ser compreendido de diversas formas, porém, aqui, é importante destacar que há um limite que é rompido: o segredo da rainha é revelado abruptamente e sai do seu espaço privado para os outros indivíduos do seu convívio familiar, alcançando até o povo de Trezena. A paixão da rainha é revelada à aia, em um primeiro momento, e essa confessa a Hipólito; somente mais tarde Teseu saberá o que ocorreu, porém já havia julgado erroneamente o seu filho. Neste percurso, de Fedra até o povo de Trezena, é importante examinar como ocorre tal articulação que envolve uma série de atos, escolhas e pensamentos e, fundamentalmente, qual são as conseqüências dessa ruptura do âmbito privado para o público.

## DIA 19 DE NOVEMBRO

Sessão 22  
09h30 – 12h

### **O público e o privado no casamento de Apuleio com Pudentila.**

Luís Carlos Lima Carpinetti – UFJF

Teceremos considerações acerca das relações entre o aspecto público e o aspecto privado no casamento de Apuleio com Pudentila, adentrando-nos nos meandros da política, das relações de poder e da prática de magia presentes no texto da *Apologia* de Apuleio ou o *De Magia Liber*.

### **A fama e o rumor nas guerras civis romanas (59 a 54 a.C. e 68 a 69 d.C.).**

Ygor Klain Belchior – USP

Esta comunicação tem como objetivo demonstrar por que olhar para as guerras civis de 49 a 45 a. C e as de 68 69 d.C., tendo os rumores como evidências históricas, pode revelar uma discussão até então nova na historiografia sobre esses períodos. A saber, a logística de batalha para se travar uma guerra em um mundo antigo subnutrido, em curto prazo, com as linhas de suplementos interrompidas todos os dias e até mesmo em território inimigo, como uma guerra civil. Para tanto, partiremos de uma leitura mais sociológica dos rumores em um mundo onde a oralidade e a ruralidade se faziam presentes como limitadores da circulação de informações e da produção agrícola, esta que era retida dentro das muralhas das cidades em caso de combate nas cercanias. Neste cenário desenhado, iremos provar com base na documentação literária, a saber os *Comentarii* de César e as *Histórias* de Tácito, como os rumores podem ser vistos como importantes para a manutenção dos conflitos, para conseguir apoio de cidades ao entorno do campo de batalha e também para derrotar o inimigo antes mesmo do combate.

### **A interpretação do habitar na aristocracia romana mediante as cartas de Marco Túlio Cícero (novembro de 68 a.C. a novembro de 44 a.C.).**

Renan Corrêa Teruya

O objetivo desta comunicação é propor um estudo acerca do espaço doméstico e das concepções de habitar da aristocracia romana no período republicano tardio (novembro de 68 a Novembro de 44 a.C.). Para tanto, são utilizadas algumas das fontes mais ricas em conteúdo e quantidade deste período, as cartas de Marco Túlio Cícero para Tito Pomponio Ático e as destinadas para seus outros amigos. Acreditamos que a relação entre o espaço doméstico e a aristocracia republicana é capaz de revelar aspectos importantes a respeito da importância do espaço na Antiguidade; das relações entre público e privado e as transformações socioespaciais; e do entendimento sobre o que é o habitar e a *domus*.

### **Entre *uerba* e *acta*: uma leitura sobre o comportamento senatorial em Tácito.**

Mamede Queiroz Dias – UFOP

Este artigo tem o objetivo de analisar a construção de personagens senatoriais em meio a narrativa de Tácito. Na Antiguidade, narrar o passado exigia do historiador duas

competências indissociáveis: por um lado, conhecer empiricamente o conteúdo da matéria narrada; por outro lado, dominar os procedimentos retóricos indispensáveis para articular passado e presente, fazendo assim com que o passado se tornasse crível diante dos seus leitores/ouvintes. Para além desses pressupostos, devemos levar em conta a vida do autor. Tácito teve grande parte de sua carreira política desenvolvida durante o governo de Domiciano (81-96 d.C.) e escreveu no decorrer do governo de Trajano (98-117 d.C.). Destacamos que narrativa e contexto social são duas dimensões interdependentes, tanto no campo da produção literária quanto no campo da ação política. Neste sentido, analisar o comportamento das personagens taciteanas é, juntamente, um esforço tanto para compreendermos o próprio Principado Romano, quanto a posição política ocupada pelo historiador e senador neste cenário.

Sessão 23  
09h30 – 12h

### ***Alceste*: um drama doméstico?**

Fernando Brandão dos Santos – Unesp

A presente comunicação pretende discutir mais uma vez em que medida *Alceste* de Eurípides pode ser considerada um drama que trata de problemas domésticos ou que outro tipo de leitura pode-se fazer a partir da leitura atenta do texto. Para isso, além de tradução que ora finalizamos, buscaremos discutir à luz de bibliografia selecionada algumas questões que, desde nosso mestrado, temos feito em relação à primeira peça de que dispomos de Eurípides. O tema de "sacrifício por amor", conforme postulado por Albin Lesky ainda se reflete em muitas leituras contemporâneas do texto. No entanto, queremos destacar as incongruências dessa leitura. Pensamos sempre mais em uma espécie de heroísmo feminino. Seria possível a uma mulher na Atenas Clássica em qualquer outra parte da Hélade tornar-se uma heroína nos moldes dos guerreiros? Tais questões e outras em relação a essa intrigante tragédia grega apresentaremos e as submeteremos ao debate com nossos colegas.

### **Religião e socialização no *Ciclope* de Eurípides**

Vanessa Ribeiro Brandão – UFMG

No drama satírico *Ciclope*, de Eurípides, há o encontro de personagens extremamente distintos (Odiseu, Polifemo, os sátiros e Sileno) em um lugar alheio (o Etna). Tal reunião evidencia comicamente vários traços importantes da personalidade de cada um, além da maneira como se relacionam socialmente e suas manifestações religiosas.

### **Dois poetas, um herói: a construção de um Teseu democrático entre Baquilides e Eurípides.**

Waldir Moreira de Sousa Jr. – USP

Esta comunicação pretende retomar algumas leituras políticas e ideológicas a respeito do Ditirambo 17 de Baquilides quanto à construção da imagem de Teseu. Explorar dados históricos concernentes à época da formação de Liga de Delos e do consequente imperialismo ateniense no mar Egeu será o instrumento por meio do qual visualizaremos

a composição prenunciadora de um Teseu democrático, que será desenvolvida com mais afinco em um tempo posterior, notadamente por Eurípides. Como se sabe, o Ditirambo 17 de Baquilides é primeira fonte literária que temos a respeito do embate entre Teseu e Minos: Teseu se contrapõe ao rei de Creta, que pretende cometer uma injustiça contra uma jovem ateniense. Associar Teseu a um herói de caráter benevolente e protetor fica aí, então, evidente. Do mesmo modo, em Eurípides, especificamente nas peças *As Suplicantes*, *Pirítoo* e *Teseu*, será possível se visualizar um Teseu como defensor dos oprimidos. O objetivo de minha exposição, portanto, será mostrar como Eurípides, em diálogo com uma tradição que remonta a Baquilides, estabelece a relação do herói com a democracia.

### **Memoria y olvido en Hesíodo. El lugar de la interioridad en la gesta estetizante. Tensiones entre lo público y lo privado.**

María Cecilia Colombani – Universidad de Morón / Universidad Nacional de Mar del Plata

El proyecto de la presente comunicación consiste, primeramente, en pensar la dimensión de la interioridad en *Trabajos y Días*, recurriendo al juego exhortativo que aparece en las recomendaciones de Hesíodo a su hermano en lo que, a nuestro entender, constituye un dispositivo subjetivante, en tanto producción de un determinado tipo de subjetividad, a partir de la conducta que Perses pone de manifiesto. Dispositivo corrector de un estilo de vida que merece las advertencias de quien ostenta la autoridad moral para efectuarlas. En segundo lugar, nos proponemos pensar la tensión memoria-olvido en esa misma dirección exhortativa, ya que la inscripción memoria-interioridad parece formar parte del dispositivo didáctico; de la misma manera, hay un vínculo con el olvido ya que memorizar lo conveniente y olvidar lo que no lo es constituyen factores esenciales en la constitución del hombre prudente y de su impacto en la esfera pública de la aldea. En tercer lugar, proponemos pensar la problemática como un remoto antecedente de lo que luego constituirá la inquietud de sí en el marco de las relaciones aludidas y dentro de la dimensión que toma el tema en la perspectiva de Michel Foucault; ya no será seguramente el corazón, pero sí el retorno al alma, donde la tensión olvido-memoria se inscriba con intensidad semejante. Proponemos un juego de evocaciones; no ignoramos la distancia epocal; no desconocemos las configuraciones mentales que sostienen un pensamiento y otro; no depreciamos la impronta de la filosofía clásica y su inscripción sistemática; pero sí nos arriesgamos a husmear por los rincones de la historia y recalar en la espesura que Hesíodo representa, en ese sedimento arcaico o en esa primera “versión” para intentar un juego de imágenes que invita a problematizar la cuestión.

### ***Philia* e arbitragem privada na comédia aristofânica: normas sociais e acordos afetivos em *Vespas* 1418-1426.**

Emiliano Jerónimo Buis – Universidad de Buenos Aires

Em relação à representação dramática das cenas jurídicas, é costume dizer que a comédia antiga (*arkhaia komoidía*) reproduzia no palco os detalhes do mundo público dos tribunais, enquanto a comédia nova (*néa komoidía*) preferiu usar a encenação de meios de resolução de litígios informais, como a mediação ou a arbitragem. No entanto, essa mudança na prática do direito, que parece representar uma passagem do público para o privado, não responde com precisão ao que pode ser lido nas obras preservadas de Aristófanes ou Menandro. A este respeito, como parte de uma pesquisa mais ampla que procura analisar as linhas de continuidade no gênero cômico de uma poética da justiça,

neste trabalho se exploram as alusões à arbitragem privada nos versos 1418-1426 de *Vespas*. O exame filológico da passagem permite assinalar que, ao lado das instituições cívicas que determinam a regulação formal dos conflitos na *pólis*, é também possível encontrar – no gênero cômico produzido no final do século V a.C. – o reflexo de mecanismos alternativos, apoiados por uma normatividade social menos formal (Lanni, 2009), capazes de proporcionar uma melhor saída para os confrontos que ocorrem entre amigos e vizinhos.

Sessão 24  
09h30 – 12h

### **O *topos* sobre o tempo como desencadeador da retórica nas cartas de Sêneca a Lucílio.**

Zilda Andrade Lourenço dos Santos – UFES

Este trabalho busca na obra de Sêneca indicações de estratégias do uso da retórica. Como delimitação para formação de um *corpus* de análise, foram selecionadas da obra *Cartas a Lucílio* de Sêneca algumas epístolas nas quais o tema geral sobre o tempo recobre outras ideias a ele subjacentes. Nesse tema maior estariam incluídos dois subtemas que são muito recorrentes em algumas cartas: a velhice e a morte. Os conselhos de Sêneca a Lucílio se voltam para uma ideia central de sua concepção estoica de mundo, ou seja, viver cada parte do período de um dia como se fosse o transcorrer completo de uma vida. Em suas cartas, Sêneca transmite ao seu destinatário ensinamentos centrais da filosofia estoica, procurando alcançar seu leitor com a força da argumentação. Nesse sentido, as últimas pesquisas de Foucault voltadas para a filosofia estoica, no contexto dos dois primeiros séculos da Era Cristã, focalizam alguns aspectos do cuidado de si no âmbito dos valores estoicos a respeito de concepções sobre o tempo.

### **O sonho profético na *Pharsalia* 3.**

Pauliane Targino da Silva Bruno – UEC

O poema épico *Pharsalia* de Lucano narra a guerra civil travada entre César e Pompeu desde o seu início em 49 a.C. até a batalha de César em Alexandria em 48 a.C. No livro III, Pompeu sonha com sua finada esposa Júlia (3, 8-40), que lhe aparece para profetizar a morte do general romano. Esse sonho apresenta características típicas dessas manifestações na tradição épica (presença de um fantasma, o sonhador tenta tocar no fantasma, após a profecia o fantasma se esvai), essas validam o sonho como real, embora Pompeu o questione e o ignore. Portanto, o presente trabalho pretende apresentar o caráter profético presente nesse sonho sob a perspectiva filosófica do *De diuinatione* de Cícero e analisar a invalidação da manifestação onírica por Pompeu à luz da filosofia epicurista presente no *De rerum natura* de Lucrécio.

### **Os impérios em Sêneca.**

Jéssica Honório de Oliveira Silva – UFOP

Sêneca foi um dos mais importantes escritores de seu século. Esteve muito próximo do poder imperial. Foi preceptor de Nero e também senador. Escreveu obras de gêneros distintos, sendo elas de cunho filosófico ou não. A proposta desta comunicação é

apresentar a ideia de império em duas de suas obras: *De Clementia* e *Epistulae Morales ad Lucilium*. As obras em questão não demonstram uma continuidade do pensamento político de Sêneca. A primeira é um espelho de príncipe e a outra, uma reunião de cartas filosóficas para um amigo. Deste modo, é possível afirmar que Sêneca pensa impérios diferentes (mas não contraditórios) em momentos igualmente distintos: em um momento um império enquanto dependente de uma figura específica, o príncipe; em outro, um império corrompido pelos vícios e por tiranos de uma maneira universal. A hipótese que exploramos é que Sêneca pensava a respeito do império enquanto um ideal e não uma realização de fato.

Sessão 25  
14h00 – 16h

**Retórica para uma audiência privada: contradição ou ironia no *Fedro*, de Platão?**  
Fábio da Silva Fortes – UFJF

Conceber um elogio à retórica na obra de Platão, notoriamente conhecido pela sua crítica aos sofistas e aos retóricos é, no mínimo, desconcertante. Mais que isso, suscita questões que desafiam o leitor a novas interpretações. Isso é o que parece ocorrer no *Fedro*. Diálogo considerado de maturidade, o *Fedro* põe em interlocução Sócrates e o personagem homônimo que se identifica como discípulo de Lísias. Em toda a primeira parte do diálogo, não somente a retórica e o estilo da peça lida por *Fedro* é enaltecido e elogiado, mas também avaliado criticamente, como também o jovem personagem consegue façanha inusitada: fazer Sócrates, ele próprio, proferir dois longos discursos que são variações do mesmo tema. A proposta de leitura que oferecemos para essa passagem, que inclui o prólogo e o entorno dos três discursos apresentados neste diálogo consiste em observar que os discursos retóricos e os comentários críticos acerca deles proferidos só se revelam possíveis fora de uma audiência pública, mas em âmbito privado, em localidade erma fora dos muros de Atenas, um cenário atípico para uma prática igualmente atípica, que Platão atribui aos seus personagens.

**Platão e(m) Nietzsche: considerações.**  
Rafael Silva Lemos – UFRJ

De acordo com Nietzsche nas anotações de seus cursos na Basileia, Platão é um "prosador ricamente dotado", e disto não há dúvida. No entanto, no entender de Nietzsche, antes de ser o sistematizador de um método filosófico, Platão deveria ser visto como um "ativista político" que, entre outras coisas e para um certo fim, é também um escritor. Este fim, que é o cerne da sua obra e que nela se mostra de maneira não-linear ou necessariamente evolutiva e isenta de contradições, é uma profunda reforma na concepção da *pólis*. Esta comunicação pretende oferecer, ainda que de forma breve, a interpretação dada por Nietzsche em seus cursos, acerca da obra de Platão.

**O poder político das artes plásticas nas *Leis* de Platão**  
Leticia Ouro de Almeida Marques de Oliveira – Colégio Pedro II

Em sua última obra, as *Leis*, Platão desenha sua segunda melhor cidade possível, que chama de Magnésia. Como se sabe, a primeira, retratada na *República*, tornou-se famosa

por depreciar e rejeitar as artes miméticas em geral, sobretudo no Livro X do diálogo. Assim também parece ser o caso das artes plásticas: elas não têm nenhum papel de destaque. No Livro II, por exemplo, elas são somente citadas numa lista, dentre outras artes que devem representar somente a beleza, a sensatez e a bondade. Já em Magnésia a função de pinturas e esculturas muda consideravelmente. Elas apresentam padrões éticos e regulam a educação que ocorre pelo coro. Por isso, não devem ser submetidas a transformações e sim seguir os mesmos cânones representativos, tal qual ocorria na arte egípcia. O objetivo de nossa apresentação será de explicitar o valor político e, assim, a importância pública, destas artes na cidade platônica das *Leis*.

### **Epistemologia do aprendizado no *Eutidemo* de Platão.**

José André Ribeiro – IFBA / UFC

Geralmente somos confrontados com uma perspectiva de oposição definitiva entre Sócrates e os sofistas no *Eutidemo* de Platão, como se fosse possível interpretar a relação filósofo/sofista nesse diálogo somente de um ponto de vista dicotômico. Contudo, neste trabalho, queremos delinear uma distinção sutil entre filósofo e sofista, especificamente no que diz respeito ao aprendizado, como um ponto de partida mais eficiente para situar sofística e filosofia como tipos de conduta argumentativa e moral completamente opostas no *Eutidemo*. É como se Platão estivesse promovendo uma encenação dessa distinção através dos sofismas de Eutidemo e Dionisodoro, para especificar os procedimentos de uma epistemologia sofística do aprendizado, que queremos apontar, neste trabalho, em pelo menos os seguintes pontos: 1. uma estrutura epistemológica complexa que consiste na capacidade de imitar determinados jogos da linguagem, que seria o conteúdo fundamental do aprendizado; 2. um método de argumentação específico que utiliza de falácias para refutar os argumentos do adversário independente da verdade ou falsidade do que está sendo dito, ao qual Sócrates denomina como erística; 3. Apontar que o principal recurso pedagógico consiste na exibição do método de argumentação para a promoção de um espetáculo que deixa os discípulos maravilhados.

Sessão 26  
14h00 – 16h

### **Triunfo versus “aplausos” e filosofia: Propércio 3.4 e 3.5.**

Francisco Edi de Oliveira Sousa – UFC

Este trabalho discute as elegias 3.4 e 3.5 de Propércio quanto ao seu posicionamento em relação a Augusto. O poeta aplaudiria o triunfo do César contra os Partas a partir de seu mundo privado e projeta para o futuro o cultivo de uma filosofia física. A leitura conjugada dessas elegias suscita polêmicas entre os estudiosos. O poeta revelase favorável ou contrário a Augusto, elogioso ou irônico? A qual filosofia faz referência? Nesses poemas, Propércio emprega um esquema alegórico que remonta a Homero e mais tarde adquire contornos filosóficos com Empédocles: a relação entre os princípios φιλότης e νεικος. Na literatura latina, Ênio, Lucrécio e Virgílio exploram antes essa alegoria, a qual Propércio resgata na oposição entre *arma-bellum-Mars-Caesar* e *pax-Amor-Venus*. O exame aqui proposto investiga os desdobramentos dessa alegoria e infere um distanciamento crítico de Propércio em relação a Augusto e uma referência à filosofia epicurista em consonância com esse distanciamento.

## **Uma breve apreciação sobre as *Epístolas* de Horácio**

Camilla Ferreira Paulino da Silva – UFES

Nessa comunicação discutiremos os aspectos que tornaram as *Epístolas* de Horácio uma produção literária inédita em Roma, relacionando a prática literária com o *status* social alcançado pelo poeta no contexto histórico de estabelecimento de um novo regime político, a saber, o Principado de Augusto.

## ***Liber* nas relações entre poetas e patronos em Horácio.**

Lya Serignolli – USP

Baco era a divindade mais reverenciada nos simpósios gregos e romanos, lugar onde a poesia possuía seu espaço. Apesar das semelhanças entre os banquetes gregos e romanos, os costumes diferiam em alguns aspectos que são significativos para a poesia simpótica latina, e um deles refere-se ao fato de que o simpósio grego era essencialmente um encontro de iguais, enquanto o *convivium* romano possuía uma forte estrutura hierárquica. Cícero (*Tusc.* 4.3.16; *Brutus* 75.4) cita Catão para referir-se ao que parecia ser uma tradição entre os antigos romanos, que consistia em ouvir poesia cantada ao som da tibia em louvor a homens ilustres durante os banquetes. A poesia aceita no *convivium* costumava ser essencialmente de louvor épico a gerações passadas, e o modelo era Homero. Desde Ênio, o papel principal do poeta era como *laudator rerum gestarum*, que consistia em escrever poesia para os patronos romanos, que recebiam seus poetas como clientes em seus banquetes. O desenvolvimento de costumes simpóticos gregos em Roma era parte da *elegantia* que Catão desaprovava, mas que logo tornou-se uma marca dos homens de cultura, e estabeleceu novos temas e papéis para os poetas. Foi uma conquista de Horácio a criação de uma poesia simpótica adaptada ao mundo romano que poderia ser comparada à poesia grega arcaica, e cujos temas variavam entre política, virtudes militares, os prazeres do amor e do vinho e a fugacidade da vida. Como patrono da poesia, do simpósio e símbolo de *libertas*, Líber desempenha um papel importante nas relações entre poetas e patronos na poesia simpótica latina. Esta comunicação tem por fim analisar essas relações em Horácio.

## **Indícios Contextuais e Intertextuais entre o Coletivo Sagrado e o Individual Autoral no *Carmen Saeculare* de Horácio.**

José Alexandre Ferreira Maia – UFPE

A arte musical da canção está na origem dos gêneros literários. Ainda é impreciso o contexto no qual se deu a passagem da canção para os versos escritos. Entretanto os dados históricos oferecidos por autores como Arnold Hauser, Albin Leskie, Arnold Toynbee, Mircea Eliade, Jaa Torrano e muitos outros nos levam a indícios de um aperfeiçoamento interdiscursivo do enunciado lírico e narrativo autoral e individual a partir do arquitexto melódico da canção. Outros dados oferecidos pelos próprios mitos revelam uma cultura ampla do sagrado e do coletivo peculiar à canção: o Olimpo é o lar das musas, são os olímpicos que fabricam os instrumentos; são os descendentes dos Olímpicos quem melhor os executa. A imprecisão do contexto pré-homérico é ampla, pois o vazio filológico deixado pela incendiária invasão dórica inviabiliza qualquer conclusão. Por outro lado, a tradição grega se incorpora a outras, as quais, apesar de apresentarem residuais fragmentos filológicos, revelam indícios de um amplo repertório de canções escritas anonimamente, intimamente vinculadas aos ritos sagrados. Assim ocorreu entre

os latinos, cujo repertório de certos *carmina* em versos saturninos (*arualia, saliaria, marcialia, triumphalia, fescenina, naeniae* etc.) nos foi legado. É dentro desta tradição reforçada conforme à demanda de Augusto que o *Carmen Saeculare* de Horácio se situa, mas sua composição é em versos sáficos, com os quais o poeta se coloca entre o sagrado coletivo e o autoral individual, e seu louvor é aos deuses helenizados. Trata-se de uma canção recuperadora de uma tradição inspirada no misticismo da criação poética, na qual procuraremos demarcar os indícios enunciativos desta tradição.

Sessão 27  
14h00 – 16h

### **Breve panorama dos dramas satíricos fragmentários de Sófocles.**

Wilson Alves Ribeiro Jr. – USP

Sófocles, assim como os demais poetas trágicos do século V a.C., criou diversos dramas satíricos ao longo de sua carreira, que começou cerca de 25 anos antes da de Eurípides. Em estudo anterior, foram já apresentadas as principais características dos sátiros, do drama satírico em geral e dos dramas satíricos fragmentários de Eurípides; nesta apresentação, serão discutidas as principais características do drama satírico sofocliano, a partir dos extensos fragmentos de *Rastejadores* e de outros fragmentos conhecidos.

### **A *Paideia* na história da Grécia Antiga.**

Silvana Bollis – UFG; Liliane Barros de Almeida Cardoso – UFG

Este trabalho de cunho teórico constitui-se indagação pelo ser e pelo sentido da formação humana. Ao pensar a *paideia*, buscase compreender aquilo que hoje somos a partir da gênese da sociedade ocidental, que tem como matriz a cultura da Grécia Antiga. O primeiro ideal de educação funda-se na tradição do mito, fonte das primeiras manifestações da cultura, materializadas na poesia de Homero e Hesíodo, cujo herói era o modelo ético a ser imitado. A poesia tinha sentido pedagógico para a formação intelectual na tradição aristocrática. Desde a origem a *paideia* esteve diretamente relacionada ao conceito de *areté*, excelência, virtude, visto que seu *télos*, fim, relacionase à realização da *politeia* perfeita. Na *paideia* homérica, a *areté* era concebida como força física relacionada à arte da guerra e acessível apenas aos nobres, porque estes eram considerados possuidores de sangue divino. A criação da *pólis* e da filosofia dão novo sentido à ideia tradicional da *paideia*. Devido à *hýbris*, descomedimento, surge a necessidade de pensar formas racionais para orientar a vida na *pólis*. A *areté* sofística era competência para desempenhar funções na direção da cidade, como habilidade discursiva foi objeto de ensino dos sofistas. Diferente da *areté* heroica, vinculada ao mito e à sofística, fundada na retórica, a *areté* dos filósofos tinha compromisso com a verdade. Os gregos do século V pensaram profundamente as questões da existência humana, as artes, a literatura, a música, o teatro, a democracia, a justiça como *nómos* ordenador da vida coletiva, a *paideia* como formação do homem virtuoso que busca a realização do bem comum e a *eudaimonía* como valor que diz respeito à vida coletiva. *Paideia* é uma força formadora, cujo sentido universal é marca distintiva do espírito criador grego, um conceito de grande amplitude capaz de pôr em questão a educação e a sociedade atual.

### **Electra e Orestes: os efebos euripidianos na *khóra* de Argos**

Nossa comunicação, pretende analisar a tragédia *Electra* de Eurípides, representada por volta de 415 a.C., sob um ângulo específico – a Efebria. Ao seguir os passos dos protagonistas na *khóra* de Argos, percebemos um jogo do espaço muito bem elaborado – ora espaço de exclusão, ora espaço de inclusão. O drama de exclusão/inclusão – que nasce a partir da exclusão dos jovens do espaço palacial e passa sucessivamente pela inclusão na *khóra*, nova exclusão após o matricídio, e se encerra com uma inclusão atípica – somado ao espaço de ação, a fronteira, levounos a conjecturar que a *Electra* bem pode ser pensada em termos de uma peça com nítidos traços da instituição grega conhecida como efebria, um ritual de iniciação masculino, uma instituição militar. Em que pese a efebria ser exclusiva do universo masculino, desenvolvemos a ideia de Orestes e Electra formarem uma unidade, uma única *persona* – o vingador/justiceiro, portanto, ambos participam do mesmo ritual. Comparamos alguns aspectos da instituição da efebria com o que pretendemos denominar de efebria trágica e pensamos que é possível, no nível do texto poético (e apenas nesse nível), assistir ao ritual efébio de Electra e Orestes, que culmina com o matricídio. A partir daí, eles são expatriados da cidade, porém, o ritual militar não estaria completo, não faria sentido, posto que a finalidade da marginalização temporária do jovem é a reintegração à cidade. Eurípides, o único poeta que expulsou os jovens da cidade, inventa uma forma de reintegração absolutamente atípica, posto que em cidades estrangeiras, e assim conclui sua Efebria trágica.

***La Orestíada* como subtexto de Orestes: visiones de un proyecto fracasado de colectividad.**

Brenda López Saiz – Universidad de Chile

En esta presentación, se propone que la tragedia *Orestes* de Eurípides realiza una reflexión crítica acerca de la interacción entre las esferas cívica y privada a través de la relación intertextual que establece con *La Orestíada* de Esquilo. En *La Orestíada*, se presenta el deber de reparación de crímenes contra *philoí* como obligación prescrita por la *philia*, vínculo del que emanan deberes incuestionables. Ese deber en particular, sin embargo, se revela como acto de justicia problemático y fallido, lo que en la tercera tragedia da pie a la resolución del conflicto mediante la transferencia de dicha prerrogativa a la institucionalidad legal de la *polis*, la cual tiene como herramienta primordial al discurso persuasivo y como fundamento metafísico a la divinidad. Por lo tanto, la estructura dramática de *la Orestíada* está en función de presentar la subordinación del ámbito privado al ámbito público como un acto necesario para la supervivencia y estabilidad tanto de los *oikoi* que la componen, como de toda la colectividad, la cual se constituye como mediadora de los conflictos que afectan al ámbito privado y como garante de su estabilidad y pervivencia. En *Orestes*, a partir de la relación intertextual con *Orestíada*, tanto la visión del vínculo de *philia* como fuente de normas y deberes morales, como la relación jerárquica armónica entre el ámbito privado y público, hecha posible por las instituciones cívicas y fundada en el orden divino, se presenta como imposible a través de dos procedimientos dramáticos y discursivos que serán analizados en esta presentación: la desarticulación de la progresión dramática causal, la cual a su vez está en función de ir progresivamente develando el vínculo de *philia* y la colectividad cívica como discursos manipulables en función de intereses particulares.

**As imagens de Augusto na *Eneida* de Virgílio.**

Paulo Henrique Franco Cavaleiro – UFOP

A presente comunicação tem como principal objetivo discutir, a partir da análise de trechos variados da *Eneida* de Virgílio, bem como o auxílio de fontes de ordem diversa – materiais inclusive –, o modo pelo qual, eticamente, Eneias é representado pelo poeta mantuano, sobretudo no que tange a certas virtudes, como a *pietas*, a *iustitia* e a *clementia* que, próprias do *mos maiorum*, podem ser, ao longo do poema épico, identificadas com Augusto. Nesse sentido, buscarseá demonstrar que, na ficção da *Eneida*, verdadeira epopeia nacional, exaltar o passado fundador, centrado na figura de Eneias, corresponde à eficaz estratégia retórica que tem como fito glorificar o presente de Roma, centrado na figura de Augusto, o novo Eneias e, portanto, refundador das instituições romanas, o que converteria o poema, a despeito da inegável excelência da composição, em panegírico do *princeps* e em poderoso maquinário de propagação dos ideais do regime que se instaura após a Batalha de Ácio, em 31 a.C.

**As Catábases virgilianas (*Geórgicas* IV e *Eneida* VI): *omnia uincit amor*.**

Heloisa Maria Moraes Moreira Penna – UFMG

No livro IV das *Geórgicas*, em dois painéis narrativos, o pastor Aristeu e o poeta Orfeu realizam uma jornada pessoal em busca de alcançar objetivos distintos e com resultados bem diversos. Um paralelo de opostos pode ser traçado entre os dois heróis que vai desde a descida a mundos inacessíveis até a subida *ad auras superas* com resultados antagônicos. Dentro da visão da totalidade e do *continuum* da obra virgiliana, a viagem transcendental desses dois personagens prenuncia a catábase de Eneias, no livro VI. Pode-se, então, verificar uma oposição entre Eneias e Orfeu e, por outro lado, uma aproximação entre Eneias e Aristeu.

**O espaço lacial mitológico: Janus, Hércules e Evandro na *Eneida* de Virgílio.**

Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires – UVA

No oitavo livro da *Eneida* de Virgílio, o herói Enéias encontra a cidade de Palanteu, colônia grega governada por Evandro no monte Palatino. O rei recebe o herói prófugo de Tróia e narra a história ‘antiga’ da região que habita, mencionando Janus, Hércules e Saturno. Nosso intento, para esta apresentação, é observar como a memória mitológica romana está entrelaçada com a configuração urbana da cidade. Para tanto, iremos relacionar a narrativa de Evandro com alguns dos monumentos da Roma augustana, conferindo ênfase na área do Janículo.

**Os *Commentarii de Bello Gallico* de Júlio César e a nova verba epicurista de Lucrécio.**

Maria de Nazareth Eichler Sant' Angelo – Unirio

A presente comunicação analisa um dos possíveis caminhos receptivos do poema *De Rerum Natura* de Lucrécio no período tardorepublicano. A partir de um instrumental analítico alicerçado nos recursos metodológicos da história dos conceitos, dos estudos de retórica e da estética da recepção, buscamos, em um primeiro momento, compreender a

significação políticossocial do vocabulário cívicoreligioso presente no poema de Lucrecio. Nele o poeta realizou um esforço de delimitação conceitual e ressignificação dos programas políticoreligiosos da ação pública romana com base no *cosmos* e na *ratio* epicuristas. Partindo de uma leitura original dos preceitos éticomorais do epicurismo grego, e consternado diante do conturbado cenário das guerras civis, Lucrecio criticou os deveres e escrúpulo no ritual exigidos pela religião tradicional romana, por suscitarem, a seu ver, temor excessivo e irracional em relação aos deuses, seus julgamentos e punições. Em seguida, dedicamo-nos a localizar, nos *Commentarii de Bello Gallico* de Júlio César, um universo semântico cuja orientação políticoreligiosa contenha referências àquela propugnada por Lucrecio no *De Rerum Natura*. Lembremos que as convicções filosóficas epicuristas de Júlio César foram notoriamente conhecidas por seus contemporâneos. Nessas condições, interrogamos o ditador romano na condição de leitor ativo, intérprete criativo da potente e insidiosa mensagem política contida nos *Lucretii poemata*. Em última instância, buscamos responder se a orientação políticoreligiosa epicurista de Lucrecio pode ser considerada como um dos vetores da ação de reforma empreendida por Júlio César no período de sua ditadura. Esperamos que a presente análise permita a ampliação e o aprofundamento do conhecimento histórico a respeito de um período determinante na constituição do *imperium Romanum*.

## DIA 20 DE NOVEMBRO

Sessão 29  
09h30 – 12h

### **Melanchton e Burmeister: os *genera dicendi* e o diálogo entre Retórica e Música no século XVII alemão**

Stéfano Paschoal – UFU

Neste trabalho, que tem como cerne a Retórica Clássica, pretendemos discutir como alguns expedientes dessa arte foram retomados na música alemã de século XVII. Embora os compositores alemães do século XVII sustentassem discussões acerca dos afetos que nos remetem a teorias da filosofia grega, eles se fundamentavam, no âmbito retórico, nos clássicos latinos, sobretudo em obras de Cícero e Quintiliano. A música adquire um *status* diferenciado nas *Lateinschulen* de Martinho Lutero. Possivelmente todos os compositores alemães dos séculos XVI e XVII tenham estudado em *Lateinschulen*. Um deles, Joachim Burmeister, foi o autor do primeiro tratado musical em que a música é descrita com terminologia retórica (*Musica Poetica*, 1606), ou seja, em que os conceitos da Retórica são transferidos para o *corpus* musical. No século XVII alemão, em que os currículos de colégios e universidades privilegiavam o estudo de Retórica Clássica em latim (até mesmo as aulas em colégios e universidades eram ministradas nesta língua), os *Elementa Rhetorices*, obra escrita por Philip Melanchton no final do século XVI, eram o principal e mais difundido manual desta arte. A base de Melanchton, sem dúvida, é Cícero, mencionado praticamente em cada uma das páginas da obra, o que, apesar de sua publicação já na Idade Moderna, remete à Antiguidade Clássica. Burmeister, no capítulo dedicado à imitação, aponta a discussão dos gêneros (ou tipos) humilde, sublime (alto) e medíocre, apontada por Melanchton numa parte alheia à imitação (*De tribus generibus dicendi*). Ainda assim, é possível perceber que Burmeister “apropriase” da terminologia

e de conceitos próprios à Retórica para classificar “gêneros” ou “tipos” musicais. Neste trabalho, através da comparação entre as formas de conceitualização dos *genera dicendi*, pretendemos demonstrar quais são os parâmetros envolvidos em sua classificação no discurso (produto da Retórica) e na composição musical (produto da Música), explicitando sua ocorrência em “artes” distintas.

**O Mito de Er, apresentado na *República* de Platão, como chave para a leitura do romance *Ulysses*, de James Joyce.**

Jorge Cunha Conrado de Miranda

O paralelo, já muito estudado, entre Leopold Bloom — o protagonista do romance *Ulysses*, publicado em 1922 pelo escritor irlandês James Joyce — e o herói grego Odisseu é evidente desde o título do livro, estabelecendo uma relação essencial entre essa narrativa moderna e a *Ilíada*. O presente trabalho, porém, apresenta outra importante obra da Antiguidade como indispensável a uma leitura mais profunda desse romance. Por meio da análise do tema da Metempsicose na obra de Joyce — em um exercício de Literatura Comparada e Estudo da Recepção de Textos Clássicos — defendese a hipótese do Mito de Er, como apresentado no livro X da *República* de Platão, como chave para a leitura de *Ulysses*.

**A tragédia Tupiniquim no romance-epopeico-esfíngico de Suassuna.**

Tereza Pereira do Carmo – UFBA

Neste trabalho buscaremos identificar as configurações do trágico e da tragédia no *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta* de Ariano Suassuna através dos diálogos de Quaderna, personagem que carrega um passado repleto de fatalidades ocorridas no seio familiar. Desde a antiguidade a família é o melhor espaço para acontecimentos trágicos, sabedor disso, Quaderna apresenta a genealogia de sua família e os eventos que o levam a identificar-se com o decifrador de enigma, Édipo.

**Por uma poética da emulação: a reescrita da cultura clássica no romance *Helena* de Machado de Assis.**

Edson Ferreira Martins – UFV

As civilizações grega e romana da Antiguidade deixaram para o mundo contemporâneo um extenso legado. Destacando as artes e a literatura, recebemos, entre outros, como herança grecoromana a poesia épica, a poesia lírica, a tragédia, a comédia, o romance, a oratória, a fábula e a sátira (LESKY, 1995). Nesta comunicação, apresentamos os resultados finais de uma pesquisa que orienta-se teoricamente pelo conceito de dialogismo (BAKHTIN, 2002; FIORIN, 2008) como marca constituinte de todo tipo de linguagem, entre elas a artística, materializada no discurso literário; além dos conceitos de intertexto (KRISTEVA, 1974), de mito (BURKERT, 1991; ELIADE, 2002) e de clássico (CALVINO, 1993; BARBOSA, BRANDÃO e TREVISAM, 2009; CAIRUS, 2011). Tendo como objeto de estudo o romance *Helena*, investigamos as relações intertextuais explícitas de que Machado de Assis faz uso ao longo da narrativa. Escritor ímpar no contexto da Literatura Brasileira em seu tempo, Machado desenvolveu em sua vasta obra um diálogo contínuo com os grandes escritores e pensadores do Ocidente (MASSA, 2001), fato que pode ser percebido pela abundância das alusões e citações nas suas criações ficcionais e não-ficcionais. A crítica machadiana tem apontado, já há algum tempo, que Machado, com bastante frequência, faz uso das relações intertextuais

explícitas. Tendo em foco esses intertextos, no presente trabalho objetivamos discutir a recepção da cultura grecoromana no romance em questão, analisando as formas pelas quais o escritor brasileiro reescreve os mitos gregos de Helena e Penélope, ressignificando-os propositalmente para composição da sua Helena fluminense. Nessa recriação poética, convergem os pontos de vista do Machado ficcionista e do Machado crítico literário, que se fundem na figura do “homem de seu tempo e de seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 2006).

Sessão 30  
09h30 – 12h

**Da boca suja à mente poluída: a carta de Cícero a Peto (*Ad Fam. 9.22*).**

Lucas Consolin Dezotti – UFPB

Este trabalho consiste em uma análise da linha de argumentação desenvolvida por Cícero para justificar seu constrangimento com a presença de uma palavra chula (*mentula*) na carta de seu interlocutor. Tomando como ponto de partida a virtude estoica da propriedade vocabular, Cícero disserta sobre o lugar de constituição da obscenidade, contrapondo expressão linguística e referente, gênero baixo e gênero elevado, uso antigo e uso contemporâneo, ambiente público e ambiente privado, para mostrar que a indecência não é inerente às coisas ou às palavras, mas depende de um ouvinte malicioso ou de um contexto impróprio.

**A construção do *ethos* de Cícero e de Marco Antônio na primeira *Filípica* e implicações para a segunda *Filípica*.**

Bruna Fernanda Abreu – Unicamp

A presente comunicação oral tem como objetivo expor como Marco Túlio Cícero constrói o seu *ethos* e o de Marco Antônio na primeira *Filípica*, um tema de que tratamos em nossa monografia de fim de curso, e mostrar as implicações de nossa análise para o estudo do *ethos* na segunda *Filípica*. O orador procura criar laços de confiança com o público expondo os acontecimentos políticos e históricos que o envolviam naquele momento e se colocando ao longo de todo o discurso como defensor da República, algo que, subentende-se, Marco Antônio não seria. Para a análise das duas *Filípicas*, enfatiza-se a importância da sintetização do contexto político-histórico em que ambas foram escritas, ressaltando os fatos que motivaram Cícero a escrevê-las e a construir de tal modo o seu *ethos* e o de Marco Antônio, uma vez que os discursos tiveram uma finalidade política e funcionaram como uma autodefesa de Cícero e uma defesa da restauração da República.

***Quo vadis: de animi immortalitate in Tusculanarum Disputationum Libro I.***

Lucas Nogueira Borges – UFU; João Bortolanza – UFU

O tema da imortalidade da alma é bastante recorrente na antiguidade, tendo sido discutido por diversos autores e escolas filosóficas. Na época helenística, as escolas possuíam opiniões divergentes com respeito a imortalidade da alma, isto é, se a alma era imortal ou não. Cícero, em sua obra *Tusculanae Disputationes*, trata, especificamente, da imortalidade da alma, tendo como pano de fundo o problema “se a morte é um mal ou um bem”, polemizando com o materialismo da escola de Epicuro, que forjou argumentos em

favor da mortalidade da alma. Como objetivo principal de seu livro I, Cícero busca provar, através dos argumentos da imortalidade da alma, ao lado de Platão e Aristóteles, que a morte é um bem. Nas provas da imortalidade de Cícero, o Arpinate visa responder três pontos acerca da alma: a) *unde* – de onde vêm a alma; b) *ubi* – onde está a alma no corpo e quais as suas qualidades; c) *quo* – para onde vai a alma. Analisando o diálogo ciceroniano, há um posicionamento bastante consistente quanto ao caráter *sempiternum* da alma, ou seja, uma resposta ao *quo*, bem mais clara que o *unde* e o *ubi*. Assim, o presente trabalho visa discutir as provas da imortalidade da alma, que Cícero utiliza para defender a tese de que a morte é um bem, partindo da questão do destino da alma.

***Nulli satis eruditi uidentur quibus nostra ignota sunt: a legitimidade da língua latina para a construção de um discurso filosófico romano no De Finibus e no Academica, de Cícero.***

Henrique Silva Moraes – UFJF

Ao discutir questões e conceitos filosóficos consagrados em língua grega e retratados, porém, ainda com incipiência em língua latina, Cícero mobiliza questões metalinguísticas que vêm naturalmente à tona com a influência massiva exercida pela cultura grega sobre os romanos da República Tardia: haveria legitimidade, ou mesmo utilidade, em se versar sobre filosofia em latim, havendo tanto sido dito em letras gregas? Como devem ser superados os desafios tradutórios de conceitos e passagens fundamentais? Seria o grego uma língua superior ao latim em estilo e expressividade? Esta comunicação pretende elucidar, nas obras *De finibus bonorum et malorum* e *Academica*, as respostas oferecidas por Cícero a esses questionamentos bem como apontar como tal reflexão metalinguística confirma um sentimento de identidade propriamente latina fortemente baseada na leitura e escrita em latim. Muito embora a defesa de Cícero do uso da língua latina pareça, em um primeiro momento, levar ao rechaço do grego, verifica-se, bem ao contrário, um acolhimento e absorção da cultura, da literatura e dos termos filosóficos legados pelos gregos.

Sessão 31  
09h30 – 12h

**A representação da medicina nos contextos público e privado, segundo a *História Natural* de Plínio.**

Ana Thereza Basílio Vieira – UFRJ

Os romanos viam a medicina com olhos desconfiados, sobretudo aquela advinda do exterior. No entanto, num contexto privado, na família romana, a medicina se faz sentir através de tratamentos naturais, ministrados pelo *paterfamilias*. Plínio, o velho relata diversos tratamentos realizados tanto no âmbito público quanto privado, dandonos a conhecer seus efeitos benéficos e devastadores. Através de um estudo de alguns livros previamente selecionados da *História natural*, apresentaremos os principais destes tratamentos e seus respectivos públicosalvo.

**Preceitos e conceitos da *História Natural*, de Plínio, o Velho, ontem e hoje**

Paula Branco de Araújo Brauner – UFPel

A palavra “enciclopédia” (lat. *encyclopaedia*, do grego *enkyklios paideia*) não indicava, na Roma antiga, como em nosso moderno entendimento, uma obra que compreendesse a totalidade dos saberes; era, ao invés disso, reconhecida como um complexo de disciplinas ou como um tratado para fins de divulgação. Plínio, o Velho, em sua *História Natural*, faz uma gigantesca tentativa de absorver e propagar esse conhecimento de maneira prática – mas absolutamente carente de rigor científico – , embora seja a obra reconhecida como de importância incalculável para quase todos os campos do saber. Tendo em vista, portanto, a diversidade, a quantidade e a relevância de informações abarcadas nos 37 livros, pretendese analisar algumas “receitas” e “simpatias” utilizadas por Plínio em diferentes livros da *História Natural*, procurando estabelecer correlações entre o que preconizavam os antigos e o que, de fato, é utilizado e/ou provado como eficaz na atualidade e também o que é absolutamente irreal. Princípios ainda hoje utilizados como o da *concordia rerum aut repugnantia* ou o de *similia similibus curantur* serão abordados no trabalho.

### **As "histórias da medicina" em Celso e Plínio, o velho.**

Thiago Paschoal Perpetuo – UFOP

O prefácio que antecede os quatro primeiros livros da obra *De Medicina (Sobre a medicina)*, escrita pelo enciclopedista latino Aulo Cornélio Celso durante o Principado de Tibério (14 d. C. – 37 d. C.) é reconhecida pelos estudiosos como fonte importante para o estudo da história da medicina. Nele, além das querelas entre os sectos médicos existentes em sua época, Celso discute as características epistemológicas da arte médica ao propor sua própria ideia de cura e tratamento. Tal debate é iniciado por uma breve história da medicina desde as lendas homéricas. Outra história da medicina pode ser vislumbrada no livro XXIX, da *Naturalis Historia*, de Plínio, o Velho (23 d. C. – 79 d. C.). Entretanto, este outro enciclopedista parece encarar a medicina em termos distintos. Suas descrições sobre médicos e a prática lucrativa desta arte ao longo do tempo contrapõem um modo grego, oriundo de uma tradição atribuída a Hipócrates (c. 460 a. C. – c. 375 a. C.), a um tipo tradicionalmente romano de tratar doenças e conduzir à saúde. Deste modo, nossa comunicação terá por objetivo comparar brevemente as caracterizações que esses autores dão ao tema da medicina e como eles selecionaram o que é digno de memória ou esquecimento.

### **O conceito de *aemulatio* enquanto memória em Plauto.**

Juliana da Rosa – UFOP

Destituídos da sensação de pudor que atualmente temos em relação à cópia, os antigos contavam com um fator que catalizava o processo de imitação na Antiguidade: o conceito de *aemulatio*. Além de cópia, herança, ou simples admiração, o fato de muitos aspectos da cultura grega serem reproduzidos em Roma pode também ser compreendido como memória. A comédia, a tragédia e outros aspectos para além da literatura, são, em outras palavras, não cópia, mas memória daquilo que era a civilização grega. Destarte, Plauto, o famigerado comediógrafo romano, juntamente com Terêncio, adotaram para suas peças teatrais muitas das estratégias utilizadas pelos autores da comédia grega. Personagenstipo como o escravo, a cortesã, o velho, dentre outros, são um exemplo da herança helênica. Os enredos, de forma geral, também não se diferenciaram do que criavam os gregos: todas as peças terminam com o tranquilizador *happy end*, precedido, porém, de inúmeros *quid pro quo*. Em vista disso, pretendemos discutir, com este trabalho, a articulação entre o conceito de *aemulatio* e memória a partir das peças de Plauto.

**Elogio em prosa na Antiguidade: de Péricles a Plínio, o Jovem.**

Kátia Regina Giesen – UFES

De acordo com Cícero (*De or.* II, 341; *Or.* 3940), os gregos foram os pioneiros e talvez os que mais praticaram o gênero epidítico. Os latinos, porém, também se exercitaram em diferentes modalidades de louvor. Assim como ocorre em contexto grego, a prática laudatória romana surge dos encômios póstumos, mas acaba se expandindo, especialmente durante o período imperial, aos panegíricos em louvor a homens ainda vivos. Nosso objetivo nessa comunicação é comentar brevemente os principais discursos gregos e romanos que utilizaram o gênero epidítico como ferramenta essencial de sua argumentação. Tal comentário tem como fim mostrar a existência de uma tradição greco-latina de discursos laudatórios e estabelecer o lugar de Plínio, o Jovem, nessa tradição, não só no que diz respeito ao *Panegírico de Trajano*, mas especialmente na utilização que o autor faz do elogio em suas epístolas.

**O supra e o sublunar no pensamento grego.**

Daniel Barbo dos Santos – UFAL

Esta comunicação tem como proposta abordar os gêneros literários gregos supralunares (a poética e a filosofia) com o intuito de salientar o surgimento de uma ciência das mudanças sociais no tempo (a história) que marca uma grande mutação no horizonte intelectual dos helenos, ao valorizar o conhecimento sublunar e ao estabelecer uma polaridade epistemológica com a até então ubiquidade do conhecimento supralunar do pensamento grego. Está mutação só foi possível a partir da publicidade da escrita na pólis grega.

**Bábrio e a fábula pedagógica.**

Maria Celeste Consolin Dezotti – Unesp

Bábrio é um romano, provavelmente do séc.II d.C., que escreveu fábulas em grego. Até meados do século 19, era conhecido por menções a seu nome presentes em autores antigos e por um manuscrito conhecido como *Paráfrase Bodleiana*. Atualmente, tem-se o *Codex Athous*, manuscrito do séc.10 que preserva 122 fábulas babrianas em versos, dispostas em ordem alfabética conforme a letra inicial da primeira palavra da fábula, e agrupadas em dois livros, cada um precedido de um prólogo. Os prólogos em si constituem característica especial do gênero, a qual é familiar à estética helenística; neles o poeta faz a crítica de sua poesia, expondo seu programa poético e comentando aspectos da produção e da recepção de seus textos. Nos dois prólogos, Bábrio define destinatários para suas fábulas e as relações textuais mostram que tais destinatários — "Branco", no primeiro prólogo, e "filho do rei Alexandre", no segundo — são idênticos, ou seja, suas fábulas se destinavam a um príncipe. Por outro lado, a relação semântica entre certos vocábulos gregos aponta a construção de um contexto pedagógico para a fábula, característica responsável em grande parte pela ampla aceitação que sua obra alcançou no ambiente escolar.

## **O surgimento das primeiras *ekklesiai* e a delimitação de suas fronteiras sociais a partir da análise da *Epístola aos Romanos*, de Paulo de Tarso.**

Ana Paula Scarpa Pinto de Carvalho – UFOP

A recente abertura a diferentes perspectivas analíticas acerca dos estudos sobre Mediterrâneo e Império Romano têm suscitado a revisitação de temas tradicionais atrelados à hegemonia romana e suas razões no mundo antigo. As categorias integração, identidade, ordem e fronteira passam a figurar, por sua vez, como conceitos-chave para se pensar a consolidação do Império Romano enquanto um processo ligado a um contexto mais amplo de interação mediterrânica ao longo de séculos. Com a tentativa de compreensão dos elementos que davam “coesão” à heterogeneidade imperial, assim como das causas e dos momentos em que esta “coesão” foi posta em risco, ganham destaque análises voltadas ao entendimento das dinâmicas políticas, sociais e culturais que permeavam as diversas sociedades do Império. Com base nessas perspectivas, no presente trabalho, abordaremos o processo de surgimento das primeiras manifestações do que, posteriormente, chamou-se de Cristianismo, como um momento importante para se discutir as problemáticas acima. Buscando contextualizar o surgimento de um dos primeiros discursos apostólicos de meados do século I da Era Comum, o de Paulo de Tarso, analisaremos o processo gradual de tentativa de uma construção identitária das primeiras comunidades seguidoras dos preceitos cristológicos sob a ótica do evangelho paulino. Partiremos, assim, da leitura e análise da *Epístola aos Romanos* tendo por foco perceber a atuação paulina na delimitação gradual das fronteiras socioculturais internas e externas das *ekklesiai* com as quais mantinha algum nível de comunicação. Com isso, discutiremos a possibilidade de abordar a construção deste evangelho não apenas à luz das questões conjunturais que o formaram, mas também a partir dos diálogos e contendas mais profundos que este estabeleceu em relação à ordem simbólica de seu mundo conhecido.

# PÔSTERES

**DIA 16 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

## **Platão e a linguagem: gramática, escrita e conhecimento na Grécia Clássica**

Diego Azevedo Lopes – UFJF

No livro *Fedro* (275a) e na *Carta Sétima* (344bc, 341c), Platão nos apresenta uma crítica à língua escrita. Tal crítica foi o motor que permitiu o surgimento de uma nova corrente teórica que interpretava sobre a função da língua escrita na atividade filosófica, a Escola de Tübingen, cujo autor mais difundido no Brasil é G. Reale (1975). No trabalho, apresentamos as conclusões do primeiro ano de pesquisa do projeto “Platão e a linguagem: gramática, escrita e conhecimento na Grécia Clássica” no qual expomos nossa hipótese a respeito da questão da linguagem na filosofia platônica. A partir da leitura e tradução da passagem acreditamos que a crítica apresentada pelo filósofo é direcionada a um tipo específico de escrita, a escrita retórica.

## **O sangue e a capacidade de diálogo das almas do Hades na *nekyia* de Ulisses (*Odisseia*, Canto XI)**

Erike Couto Lourenço – UFMG

O presente trabalho pretende demonstrar, a partir de interpretações de alguns comentadores e pesquisadores antigos e modernos, que o sangue derramado por Ulisses dentro de uma vala no Canto 11 da *Odisseia* de Homero (como parte do rito de *nekyia* ou necromancia) não é somente um dos ingredientes de um antigo rito grego de consulta aos mortos: a partir das correlações etimológicas existentes entre os vocábulos homéricos que traduzem diversas ideias de "alma", "força vital", "coração" e "mente" e seus cognatos no ramo indoeuropeu, e dos usos dessas palavras com outros termos em textos gregos posteriores, é possível compreender a função do sangue na restauração temporária do fôlego vital (gr.: θυμός) e da percepção/mente (gr.: φρένες) nas almas (gr.: ψυχαι) do Hades, dando-lhes a capacidade de quebrarem o silêncio e se comunicarem com o herói que intentava consultá-las.

## **Indicar o invisível: As sombras da *Odisseia* vistas do Hades**

Rafael Guimarães Tavares da Silva – UFMG

O *postmortem* se revela um momento que possibilita a contemplação da vida a partir de uma perspectiva diferente da habitual e, nesse sentido, o Hades foi tratado como um espaço privilegiado nas obras de vários autores helênicos, estando presente desde os mitos escatológicos de Platão até muitas das sátiras de Luciano. Partindo dessa constatação fundamental, nossa hipótese é a de que os cantos XI e XXIV da *Odisseia* – justamente nos trechos em que a cena ocorre no Hades – indicariam alguns pontos cegos do restante da narrativa, escamoteados pelo poeta ou suavizados por um tratamento demasiado oblíquo. A possibilidade aberta pelo cotejo do poema a partir de uma perspectiva "marginal" nos permite reler inúmeras passagens e questionar muitos dos lugares comuns da *Odisseia*: o zelo de Odisseu como líder, diante da negligência inicial de honras

funerárias a um companheiro morto (Elpenor); a legendária perspicácia do herói, diante de seu tratamento ligeiro no interrogatório de Tirésias sobre os riscos do retorno para o pessoal de sua equipagem; o papel passivo de Penélope em Ítaca, diante das declarações de Anfimédon sobre a urdidura tencionada por ela em conchavo com seu marido, entre outros. Objetivamos expor nossa hipótese com a análise de trechos específicos dos cantos XI e XXIV da *Odisseia*, apresentando o original grego e uma proposta de tradução nossa.

### **Ángelos: anunciador de males em *Antígona* de Sófocles**

Caroline Caetano de Freitas- UFRJ

O presente pôster ilustra a fase inicial da pesquisa de Iniciação Científica, que tem o propósito de estudar o suicídio na tragédia *Antígona*, de Sófocles. Esta tragédia narra mais um capítulo das desventuras da casa real dos Labdácidas. Após o suicídio de Jocasta e o exílio de Édipo, os irmãos Etéocles e Polínicos combatem até a morte pelo trono de Tebas, perecendo às mãos um do outro. Creonte, que assume o poder após a morte dos irmãos, decretou a interdição do sepultamento de Polínicos, pois este conduzira um exército contra a sua própria pátria. Antígona, no entanto, acreditando que deixar o corpo de um de seus irmãos insepulto seria um ato impiedoso, decide prestar-lhe os ritos fúnebres, jogando terra sobre seu cadáver e, dessa forma, condenando a si mesma e acarretando uma sucessão de mortes e desgraças. Tais mortes se dão mediante o suicídio: no êxodo, um mensageiro relata o suicídio de Antígona e de Hêmon, filho de Creonte e noivo da jovem heroína; Eurídice, esposa de Creonte, tendo ouvido o relato da morte do filho e de sua noiva, sai de cena e, a seguir, um segundo mensageiro relata que também a rainha se suicidou. Neste pôster, serão apresentadas as características da *angelía*, isto é, o discurso do mensageiro, na tragédia grega, pois é através desses discursos que os mensageiros anunciam e relatam os suicídios, visto que, por uma convenção do gênero trágico, as mortes não são encenadas. Observa, especialmente, de que recursos os mensageiros se utilizam para legitimar seus relatos e como constroem sua narrativa.

### **A ironia em *Héacles***

Martha Macedo Rezende – UFMG

Os versos 763 a 771 no terceiro estásimo de *Héacles* lançam uma questão com o emprego do verbo κρατεῖν (“ter o controle”, “dominar”). O que se questiona é o uso de κρατεῖν e não de ἀνάσσω (“governar” ou “reinar”), já que os versos comemoram a morte do antigo rei de Tebas, o usurpador Lico, por Héacles. Ao final da peça o verbo é proferido por Héacles, momento em que ele reconhece o poder de Hera. O verso 771 finaliza a estrofe com a palavra “esperança” (ἐλπίς) que, conforme Segal, é tanto uma falsa expectativa (resultado de uma discrepância entre desejo e realidade) ou uma decepção sobre si mesmo (resultado de inacessibilidade à verdade e vontade que os homens possuem de aquiescer na “simples” esperança e assim na sua própria condição ou ignorância). Eurípides emprega a forma verbal κρατεῖ quatro vezes em diferentes estásimos. No quarto episódio, o coro se surpreende com a aparição (φάσμα) de Íris e Lissa (v. 81521). Após ter anunciado seu objetivo, Íris retorna para o Olimpo, e Lissa segue para o palácio de Héacles (versos 87273). Ao final, Héacles declara que Hera domina. Não se trata do poder de um mortal, mas divino. Hera age por meio de sua mensageira personificada, Λύσσα, e não λύσσα. Eurípides estaria remetendo à esfera de um poder divino ao mencionar κρατεῖ no terceiro estásimo, como se poderia julgar pelas cenas até a aparição de Íris e Lissa. Podemos concluir que a forma verbal κρατεῖ tenha sido empregada pelo poeta não por acaso, mas intencionalmente, da aparente salvação dos filhos de Héacles

à morte pelas próprias mãos do pai, elevando e dando significado à imagem do mito de Hera. A fúria foi o meio pelo qual Hera dominou o μένος de Hércules revelando seu poder.

**DIA 17 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

**A representação das musas nos poemas homéricos**

Ívina Silva Guimarães – UFMG

O mito das Musas está presente em diversas obras da literatura grega arcaica, tendo os poemas homéricos como umas das obras mais aclamadas do seu período, e onde se encontram diversas passagens que mencionam as deusas. Filhas de Mnemosine e Zeus, as Musas não foram criadas apenas como memória, mas também para o “esquecimento dos males e pausa das preocupações” (*Teogonia*, v.55). Sempre invocadas pelos aedos antes de começarem seus cantos, as Musas são influências de diferentes inspirações para os humanos, e seus domínios vão além da pura rememoração ou esquecimento. As Musas conhecem a verdade e a mentira e têm domínio sobre o que falam. O estudo das Musas é importante para compreender melhor o universo mitológico da Grécia Antiga. Divindades que sabem de tudo que foi, do que é e do que será, e inspiração para as criações dos homens, as Musas desempenham uma parte valorosa na cultura da sociedade grega antiga. Através das representações das Musas nos textos antigos, procura-se entender os aspectos que cingem sua criação, seu papel no panteão grego e sua influência sobre os homens mortais. Para entender toda a complexidade que envolve o mito das Musas, é necessário estudar as menções às deusas em obras da literatura grega arcaica e clássica, com base em teorias formuladas por autores da antiguidade e contemporâneos. A pesquisa utiliza como referência fontes literárias antigas, como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, bem como a *Teogonia* de Hesíodo, em conjunto com a análise e trabalhos de obras e autores contemporâneos. O trabalho se concentra nas passagens de Homero, na *Ilíada* e na *Odisseia*, que se referem às Musas. O estudo se dedicará principalmente aos versos 484 – 493 do canto II da *Ilíada*, que precedem o Catálogo das Naus.

**Ctésias sobre as coisas da Índia**

Nathalia Thomazella – UFMG

Essa pesquisa consiste basicamente em traduzir a obra *Indika* de Ctésias de Cnido do grego antigo para o português. Ctésias de Cnido foi um médico e historiador que viveu na segunda metade do século V até o século IV a.C. Ele serviu ao rei persa Artaxerxes II por aproximadamente 17 anos, enquanto na Grécia ocorria a Guerra do Peloponeso, período no qual ele teve contato com muitos viajantes e visitantes orientais. Como fruto desse contato, mesmo não ter ido ele mesmo à Índia, Ctésias foi o autor grego mais antigo que se tem notícia a escrever sobre a Índia. Pelo fato de até então não ter havido nenhuma expedição grega ou persa para além das fronteiras da Pérsia, esses povos antigos acreditavam que a Índia era a margem do mundo, e que não havia mais terras adiante do rio. Por esse motivo, e a partir das escritas feitas por Ctésias, baseadas nos relatos dos viajantes, essas civilizações imaginavam que a Índia era um país excepcional e habitado por seres extraordinários. Posteriormente, essa obra parece ter dado origem a uma prática discursiva que posteriormente se fez conhecida pelo nome de paradoxografia. Como

resultado dessa pesquisa foi feita a tradução completa da obra *Indika*, a compreensão da visão grega antiga em relação à Índia, bem como compreender a paradoxografia. A obra *Indika* foi piloto na cultura grega antiga em relação à descrição da Índia e, a partir dessa obra, outros autores descreveram esse país, originando então a paradoxografia.

### **Ponderações sobre o pensamento de Xenófanés e o ceticismo grego**

Robert Brenner Barreto da Silva – UFC

A fim de promover novos olhares para o pensamento de Xenófanés, no tocante à sua importância para a filosofia antiga, em assimetria ao reconhecimento que lhe é dado, intentamos com esse trabalho discutir brevemente as concepções de Xenófanés acerca da verdade, da certeza, do conhecimento, da dúvida, com a chave de leitura do ceticismo grego. Mediante as reflexões suscitadas pelo filósofo contemporâneo Sir Karl Popper, levando em conta o possível atravessamento do estoicismo na concepção errônea que se consagrou como sendo o ceticismo. O pensador austríaco, em seus estudos sobre pré-socráticos, como foi publicado na revista *Proceedings of the Aristotelian Society* em 1959 e na entrevista transformada em livro *A sociedade Aberta, Universo Aberto*, trata da relevância desse ilustre pré-socrático. Recorremos a *The first philosophers of Greece* de Arthur Fairbanks, de modo a embasar nossos estudos nos escritos em grego, comentários e referências apontadas por esse estudioso da literatura grega. Desta forma, entendemos que é possível apresentar o pensamento de Xenófanés, dentro do ceticismo grego, enfatizando as consequências éticas e epistemológicas dessa discussão. Essas ponderações têm em comum a noção de falibilidade do conhecimento, ou seja, o que significa conhecer e no que a dúvida implica? Tal fio condutor nos é emprestado por Popper, em quem nos alicerçamos para configurar essa análise de modo tematicamente delimitado.

### **A atuação das mulheres espartanas no espaço público da *pólis***

Gaya Maria Vazquez Gicovate – USP

Faremos a apresentação da pesquisa de Iniciação Científica “O feminino na vida pública da *pólis*: uma análise das mulheres espartanas na obra de Plutarco”, que trata das mulheres de Esparta presentes na obra biográfica de Plutarco (escritor do século I e II d. C.) sobre generais espartanos dos séculos V e IV a. C. A necessidade de superar o modelo atencêntrico idealizado do padrão feminino passivo, submisso, enclausurado no âmbito privado, leva à análise das singulares mulheres de Esparta. Estas mulheres gozavam de direitos e espaços diferentes do encontrado nas outras *pólis* gregas. Obter e gerir propriedades forneceu às ricas espartanas um *status* econômico próximo ao dos homens. Assim, chegaram a deter 40% das terras agrícolas de Esparta e as leis lacônicas forneciam ensino para as meninas e garantia certa liberdade de circulação às mulheres, já que a autonomia e educação seriam importantes para administração. A fonte, *Vidas Paralelas*, é uma junção de biografias comparativas de generais e governantes romanos e gregos inscritas na história de suas próprias cidades, com foco na vida pública destes governantes. Deste modo, esta obra é um documento que fornece circunstâncias interessantes para avaliar a participação feminina no espaço público da *pólis* espartana, o foco central de minha pesquisa. Nesta obra, que trata em suma de História Política e Militar, encontram-se diversas narrativas de mulheres dotadas de influência e força de atuação no meio público de sua cidade, por isso a escolha desta obra. A obra é escrita séculos depois do período estudado, quando o Peloponeso estava sob o domínio romano. É uma fonte de amplo caráter exemplar e normalizador, mas a possibilidade do seu uso

para acessar a atuação pública das mulheres lacedemônias é confirmada pelas variadas fontes citadas pelo autor, e pela verossimilhança destas narrativas nas sociedades antigas gregas e romanas.

### **Contos de mitologia: experiências da extensão**

Mariana Souza Veiga – UFJF

Barbara Delgado Azevedo – UFJF

O presente trabalho busca apresentar algumas experiências e conhecimentos adquiridos pelo grupo de pesquisa e extensão Contos de Mitologia, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) durante suas atividades práticas. Esse projeto é desenvolvido em parceria com a pesquisa “Letras Clássicas na Escola”, também na UFJF, e com outro projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal de Goiás (UFG), visando à divulgação da Cultura Clássica na rede pública de ensino. O projeto ora apresentado desenvolve suas atividades práticas na Escola Municipal Santana Itatiaia, próxima ao *Campus* da UFJF, atendendo a crianças de três a cinco anos, e realiza a atividade de contação de histórias a partir da obra *Metamorfoses* do poeta Ovídio. O projeto também pretende aprimorar a formação acadêmica e a atuação em sala de aula dos bolsistas, muitos dos quais têm seu primeiro contato com a experiência de estar à frente de turma nessa atividade. Assim, serão abordados alguns relatos sobre as questões que se apresentam durante a prática, como a reação dos alunos atendidos diante de determinados trechos das histórias, desenhos feitos por eles ao final de cada história, além de elementos das experiências dos bolsistas no dia-a-dia da escola parceira e como isso afeta a formação acadêmica destes.

### **Contos de Mitologia: Uma visão geral**

Luís Cláudio Dadalti – UFJF

O “Contos de Mitologia” é um projeto de pesquisa e extensão desenvolvido por professores da área de Estudos Clássicos e por graduandos do curso de Letras, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), desde o início do 2º semestre de 2014, e em diálogo com projeto semelhante desenvolvido na Universidade Federal de Goiás (UFG), desde o início do ano de 2013. O objetivo é propagar a cultura clássica através de histórias contadas para o nível básico de educação (crianças entre 5 e 6 anos), além de desenvolver, nas crianças atendidas pelo projeto, a criatividade e o prazer pela leitura. Para tanto, são adaptados trechos das *Metamorfoses* do poeta Ovídio. A proposta visa, também, ao amadurecimento acadêmico dos alunos de Letras participantes, aprimorando a atuação desses futuros professores em sala de aula, além de aprofundar o conhecimento acadêmico através das leituras desenvolvidas na preparação das atividades práticas. O projeto se divide em três etapas: a primeira consiste no estudo teórico de textos acerca da prática de contação, da adaptação de textos a serem contados e de textos considerados importantes para a formação dos acadêmicos na área dos Estudos Clássicos. Na segunda etapa, são discutidos elementos da adaptação, como o recorte da história e a linguagem voltada ao público-alvo. Já a terceira etapa consiste na contação das histórias e propõe a produção de desenhos pelas crianças. Após a contação, as experiências são discutidas e avaliadas para que contribuam para a elaboração das próximas atividades da equipe.

**DIA 18 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

**Uma tradução da *Heroidum Epistula VII* em dístico elegíaco brasileiro**

Marina Cavichiolo Grochocki – UFPR

O pôster apresenta uma tradução da *Heroidum Epistula VII* em dístico elegíaco brasileiro, que tenta recriar o ritmo do dístico elegíaco latino através da oposição entre tônicas e átonas no português, conforme a tradução “dístico elegíaco alemão” proposta por Flores (2011) em “Tradutibilidades em Tibulo, 3.20”. Assim, os hexâmetros contam com seis tônicas, podendo estar entre elas mais uma tônica ou uma ou duas átonas; os pentâmetros seguem a mesma lógica, mas atentando para uma cesura obrigatória no terceiro pé, que deve ser tônico, e também para o último pé, igualmente tônico. Também é abordada uma breve discussão sobre a forma escolhida, como, por exemplo, a dificuldade em relação à composição desse pentâmetro, devido à limitação imposta pela necessidade de palavras oxítonas.

**As *Guerras Púnicas* de Sílio Itálico: Tradução do canto I das *Púnicas***

Grace Joplin Ferreira – USP

Marcelo Vieira Fernandes – USP

O projeto tem por objetivo a tradução integral e direta, do latim ao português, do canto I (694 versos hexâmetros) do poema épico *Punica* (em português: *As Guerras Púnicas*, ou simplesmente *Púnicas*) de Sílio Itálico (c. 26 – 102 d.C.), a partir do texto latino da edição de L. Bauer (Leipzig: Teubner, 1890), usada por J. D. Duff em seu trabalho para a série Loeb Classical Library (Harvard University Press, 1961). Trata-se, assim, da primeira tradução do poema para o português brasileiro.

**O conceito de *altercatio*, *iudicium* e *consilium* conforme Quintiliano (*Inst. Or.* VI, 45)**

Filipe Cianconi Rodrigues – UFJF

O presente projeto visa uma tradução e análise dos capítulos cinco e seis, do sexto livro da obra magna de Quintiliano: a *Institutio Oratoria*. Nos trechos supracitados, o autor reflete e instrui seus leitores sobre os conceitos da *altercatio* (altercação), do *consilium* (o qual se julgou pertinente traduzir por “perspicácia”) e um pouco sobre o *iudicium* (juízo), valendo-se de exemplos retirados das obras de Cícero e Demóstenes, dois grandes nomes da retórica latina e grega, para dar credibilidade aos conceitos tratados.

**O estudo da volição em orações encaixadas latinas**

Laís Lagreca de Carvalho – UFJF

Fernanda Cunha Sousa – UFJF

Neste trabalho, apresentaremos o projeto que será desenvolvido ao longo na nossa pesquisa, iniciada no segundo semestre de 2015. Nosso objetivo é investigar a morfossintaxe dos verbos volitivos latinos *uolo* e *quaero* seguidas de complementos formados por V2, a fim de descrever e analisar a influência de suas configurações na semântica das estruturas deles resultantes, baseandonos na Teoria da Gramaticalização e da Motivação em Competição. Propomos a iniciar nossos estudos a partir das

construções em que os verbos *quaero* e *uolo* introduzem as tradicionalmente denominadas orações subordinadas substantivas objetivas diretas (ou orações encaixadas) a fim de compreender melhor como essas possibilidades vão se modificando ao longo do tempo, expressando diferentes possibilidades de perspectivização de acordo com as necessidades de expressão dos usuários da língua. Trabalharemos inicialmente com dois recortes históricos de língua escrita, com base em textos didáticos/informativos voltados para a coletividade, a fim de acompanhar os processos em estudo em momentos diferentes da história da língua latina. Para tanto, nosso *corpus* será formado por cartas, escritas por autores como Cícero, com obras como *Ad Atticum* e *De Officiis*, e Sêneca, com *Epistolae Morales* (representando o latim clássico). Para fazer um estudo comparativo com esses textos, escolhemos as epístolas de Santo Agostinho, com textos como a *Epistula de Libris de Civitate Dei* e de São Jerônimo, como *Ad Heliodorum de laude vitae solitariae*, *Ad Eustochium de custodia virginitatis* (representando o latim tardio). Dessa forma, nossa pesquisa proporcionará discussões sobre a relação entre morfologia, sintaxe e semântica, permitindo a elaboração de trabalhos reflexivos sobre esses aspectos da língua e, através das teorias de gramaticalização, será possível perceber as mudanças na língua ao longo do tempo, demonstrando a dinamicidade da língua no tempo e no espaço e possibilitando o vislumbre de diferentes matizes de expressividade a partir das escolhas feitas pelos usuários da língua.

### **O gênero demonstrativo retórico e o seu impacto na poética**

Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho – UFES

A retórica antiga é dividida em três gêneros: o judicial, de defesa e acusação; o deliberativo, de aconselhamento; e o demonstrativo, de elogio ou vitupério. O gênero demonstrativo não era muito importante durante o período republicano, pois não era considerado igualmente útil, mas foi ganhando prestígio durante o período imperial. Devido à importância da retórica na educação do orador na Antiguidade, sabemos do impacto que ela exercia em outras artes. Por isso, o objetivo deste trabalho é analisar a influência do gênero demonstrativo retórico na poética da Antiguidade.

### **Um estudo sobre o uso do duplo acusativo no latim: extratos e análises**

Thales Perente de Barros – UFU

Este trabalho se presta a analisar e refletir sobre as construções que se utilizam do duplo acusativo no latim. Os extratos que compõem este trabalho são retirados de obras de Cícero, tendo como principal referência uma de suas obras de caráter filosófico, nomeada *Sobre o Destino (De Fato)*. A ocorrência do duplo acusativo comporta tão diversas situações quanto são as funções a que se presta o caso acusativo, sendo assim, a análise a ser exposta é direcionada também aos verbos que regem tais ocorrências e, como não poderia ser diferente, às ricas construções frasais que as comportam. Afora o estudo desenvolvido sobre o tema do duplo acusativo, este trabalho é parte de um cuidadoso estudo sobre uma das obras filosóficas de um dos maiores pilares das línguas românicas, Marco Túlio Cícero.

### **O discurso ideológico e a experiência social: *status* e mobilidade feminina em [Demóstenes] 59. *Contra Neaira***

Aline Saes Rodrigues – USP

Nesta comunicação pretendo apresentar uma análise crítica da retórica grega presente no discurso forense 59 *Contra Neaira*, inserido no *Corpus Demosthenicum*, mas com provável autoria de Apolodoro. A partir disso, pretendese uma investigação do feminino e sua pluralidade em Atenas no século IV a.C., explorando a visão e o ideário masculinos acerca das mulheres e do controle de sua sexualidade, implícitos no discurso e nas leis atenienses ali expostas, para explicitar a experiência social do cotidiano: diferentes posições éticas e *status* envolvendo mulheres, seus papéis sociais e sua mobilidade diante das dicotomias ateniense/não ateniense, legítima/ilegítima.

**Compromisso com o bem falar na cultura democrática a partir do *Protágoras*. Sócrates x Protágoras: Contribuições e contradições pedagógicas.**

Valeska Ferreira Lima Clementino – UFPB

Rodrigo Silva Rosal de Araújo – UFPB

Um estudo que busca argumentar a teoria de que Sócrates e Protágoras têm influências convergentes na formação do cidadão. Dentro das contradições exploradas nos textos estudados e investigando fatores pertinentes à pesquisa, alguns pontos se agrupam e fortalecem o ideal de ambos. A cooperação didática entre as metodologias aplicadas por Protágoras e Sócrates é um convite para compreensão do que é preciso para se tornar um ser humano melhor e não somente isso, mas como permanecer sendo um ser humano melhor. Eles admitem que, através da educação, tal resultado poderá ser alcançado e com dedicação integral pela busca do saber é possível retornar ao estado original da alma para recondução dos seus atos. E essa preocupação de Sócrates seria Prática Filosófica ou exercício espiritual, ou estaríamos falando da mesma coisa? E Protágoras estaria mesmo ensinando a arte de viver bem? Ou estaria contribuindo para a formação do ser humano? O enunciado da pesquisa sugere que a intenção desse trabalho foi direcionar uma aproximação entre as contribuições e contradições deixadas pelo sofista e Sócrates, e teve como principal ponto de estudo o diálogo *Protágoras*. Inicialmente, veremos um conflito de concepções entre os filósofos sobre o que é virtude e na sequência, na medida do avanço da pesquisa, é possível identificar a convergência de ambos sobre o que falam. Neste estudo, entendese que aprender é um processo contínuo da prática educativa e, deste modo, todo o aprendizado proporciona ao homem relação consigo mesmo, que necessariamente se estende ao outro um equilíbrio educacional. Afinal, o conhecimento só será válido se levar o ser humano a uma conduta melhor, e a saúde da alma será mantida pelo cuidado e zelo do bem falar.

**DIA 19 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

**A personagem Eneias de Virgílio à luz do princípio mimético horaciano do público e do privado**

Maria Ozana Lima de Arruda – UFC

Este trabalho apresenta um comentário do princípio mimético horaciano segundo o qual o poeta toma uma matéria pública e torna-a de direito privado (*Ars* 128-135) e uma aplicação desse princípio à construção da personagem Eneias na *Eneida*, de Virgílio. A referida passagem da *Arte Poética* discute a construção de personagens, em especial a “privatização” de um modelo; com efeito, a figura de Eneias já aparece na *Ilíada* e até

chegar à *Eneida* atravessa poemas e lendas diferentes e assume diversas feições culturais; no Lácio, a presença de Eneias se manifesta pelo menos cinco séculos antes da época de Virgílio, desde então alimenta o imaginário e a identidade do povo romano; na *Eneida*, tal figura adquire contornos mais desenvolvidos, voltados para a sociedade romana: Eneias é um homem em formação, um líder, um guerreiro, um “sacerdote”, um fundador de cidades, costumes e ritos, um exemplo filosófico... um patriarca. Ao tomar outros Eneias como modelo, Virgílio assume a desafiadora tarefa mimética de elaborar seu Eneias; e este trabalho assume a desafiadora tarefa de examinar essa elaboração com base na *Ars poetica* e na análise de modelos. Com seu Eneias, com a *Eneida*, Virgílio repensa e retrata a identidade romana e influencia desde então textos e culturas.

### **Os Amores de Ovídio na Tradução Parafrástica de António Feliciano de Castilho (1858)**

Giovani Silveira Duarte – UFOP

Em nosso trabalho, propusemo-nos analisar, a partir do cotejo de concepções clássicas e modernas acerca de gêneros poéticos como a lírica e a elegia, de que modo a tradução parafrástica da obra *Amores*, de Ovídio, elaborada por António Feliciano de Castilho e dada a lume em 1858, privilegia o efeito da língua de chegada, o português, e despreza, muito conscientemente, os critérios tradicionais que pautavam, na Antiguidade, o gênero elegíaco, uma vez que o tradutor lança mão de variações diversas referentes ao tom e à métrica ao longo de toda a obra, tornando-a lírica. Nossa pesquisa não se pretendeu meramente comparativa, ou seja, cotejar, ingenuamente, o original latino e o seu correspondente em língua vernácula, com o fim de demonstrar as diferenças entre um texto e outro, mas sim, quer sob a luz dos critérios tradutológicos explicitados no prefácio da obra pelo erudito português, quer mediante as noções antigas a respeito do gênero elegíaco – que certamente determinavam também a fruição da obra de Ovídio em seu contexto específico de produção e circulação –, perceber a relação agonística e emulativa travada entre o poema de Ovídio e o novo poema, composto por Castilho em língua portuguesa.

### **Metamorfose do mito em paródia e vice-versa**

João Victor Leite Melo – UFJF

Charlene Martins Miotti – UFJF

O poema satírico *Baucis and Philemon*, do escritor irlandês Jonathan Swift (1667-1745), resgata o enredo e os nomes das personagens principais do mito narrado pelo poeta romano Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), no Livro VIII das *Metamorfozes*. A intertextualidade entre esses poemas, vista sob a perspectiva da "arte alusiva", ou seja, a citação proposital e explícita de um discurso predecessor no corpo textual de um novo *constructo* literário, pode funcionar como disparadora de novas interpretações para o texto-fonte.

### **A Retórica do Amor**

Marice Aparecida Gonçalves – UFOP

Nosso trabalho visa discutir a verdadeira codificação erótica presente n’*A Arte de amar* do poeta latino Ovídio, em que a figura feminina desempenha, como na obra dos elegíacos romanos precedentes, um papel fundamental. O objetivo principal é analisar como a figura da mulher é usada como mote para a inserção dos elementos compositivos que culminam na segunda possibilidade de leitura do manual elegíaco. Essa segunda leitura é

relativa às convenções retóricas e poéticas, que dão respaldo a Ovídio na criação de sua poética: a *Arte de amar*. Deste modo, o protocolo amoroso que circulava na época é de extrema importância para Ovídio, já que sua *persona* poética o converte em uma nova possibilidade elegíaca, transformando-o em arte amorosa escrita em verso, com finalidade de ensinar a composição do gênero elegíaco, criando, assim, um código compositivo partilhado entre poetas, por isso, podemos considerar que Ovídio eleva a *Arte de amar* ao patamar de uma poética amorosa, sem que sua função como poesia seja perdida. A codificação erótica ovidiana possui duas importantes facetas: a primeira é textual, na qual o *auctor* expõe toda sua destreza no uso dos recursos retóricos e poéticos por meio de jogos textuais de interpretação ambígua (é essa ambiguidade que nos leva à segunda possibilidade de leitura do texto ovidiano); e a segunda faceta é imagética, por meio de recursos como alegorias e metapoesia, o vate ensina a sobreposição de imagens textuais que serão amplamente difundidas em elegias posteriores e, quando tomamos a figura feminina como exemplo, serviram de base para a composição pictórica ao longo de vários séculos.

### **A contribuição das Musas no surgimento dos gêneros literários**

Thays Marques Uchôa Cavalcante – UFPE

Elizandra Pereira dos Santos – UFPE

Neste pôster iremos apresentar a relação discursiva e não só alegórica entre as Musas e as suas influências inspiradoras na configuração dos gêneros literários. Os gêneros literários já estavam presentes como esboço ou alusão alegórica na concepção das Musas, mas surge a evidência de que essas habilidades foram retomadas no processo educacional na formação dos escritores. Das nove, seis estão associadas a gêneros literários: Clio à epopeia e à história, Caliope à retórica e à oratória, Melpomene à tragédia, Thália à comédia, Erato à lírica, Polímínia ao hino. As outras são: Terpsícore associada à dança, Euterpe à música e Urânia à astronomia. Do período mítico ao histórico-literário estas influências se tornaram sistemáticas no exercício da escritura. Suas invocações estão presentes não só em obras como as de Homero e a de Hesíodo, mas vão aparecer em autores latinos como Virgílio e Horácio e até mesmo autores do Renascimento e do Romantismo.

### **Homossexualidades masculinas romanas: um estudo do *Satyricon*, de Petrónio**

Fabrizio Sparvoli Godoy – USP

A sexualidade tornou-se tema historiográfico legítimo muito recentemente apenas. Sendo a historiografia inextricável a seu tempo, apenas com a inflexão vinda, a partir dos anos 1960 e 1970, de movimentos feministas e de liberalização da homossexualidade que mulheres e sexualidade passaram a ser pensadas no tempo. A História Antiga, sobretudo a Antiguidade Clássica, teve papel central nesse debate, posto que o Ocidente se construiu alocando nos Estudos Clássicos suas raízes culturais. No que concerne à homossexualidade, especial atenção tem sido dada à História da Grécia Antiga, e sua documentação, onde o modelo *erastes-eromenos*, do amor filosófico entre homens, exerceu fascínio e foi valorizado, ao ponto de “amor grego” tornar-se metonímia de homossexualidade. Roma, e sua documentação, por sua vez, tem sido colocada em segundo plano, seja porque, supostamente, haveria nela uma importação de valores sexuais gregos, seja porque, também supostamente, haveria nela uma importância central da figura do *uir*, cidadão pleno em direito e poder, que penetra, independentemente de gêneros, mas não é penetrado, moral que muito se afastaria do valorizado “amor grego”.

Feitas tais considerações, o projeto de pesquisa “Homossexualidades masculinas romanas: um estudo do *Satyricon*, de Petrônio” enseja buscar representações de papéis sexuais que fujam à norma e à sobrevalorização representadas pela figura modelar do *uir* romano.

**DIA 20 DE NOVEMBRO,  
das 16h às 16h30, no hall do Prédio Antigo**

### **O elemento lúdico no ensino da cultura clássica**

Isabella Cunha Lopes – UFJF

Nesse trabalho, discutiremos a importância da atividade lúdica no ensino da cultura clássica nas salas de aula do ensino fundamental brasileiro, sendo que as discussões feitas aqui podem ser estendidas a todas as áreas de ensino. Além disso, será também discutido como os meios lúdicos podem influenciar o aprendizado e o entendimento dos conteúdos, mostrando algumas atividades que desenvolvemos para apresentar a cultura clássica aos alunos do ensino fundamental.

### **Vida pública e República mista em Cícero**

Elias Nunes Alves Junior – UFC

Se o povo tende a fazer más escolhas, mas não abre mão de participar da vida pública do Estado, como equilibrar a "sabedoria" e preparo político de uns poucos com o "direito à igualdade" e de voto das massas? O filósofo e senador romano Cícero apresenta uma saída para estas complicações no governo: uma república mista, na qual haja "plataformas de governo" que combinem monarquia, aristocracia e democracia. O presente trabalho quer questionar como é possível, inspirado na Roma do século I a.C., este filósofo defender seu argumento. Seria a educação o caminho para a sabedoria de uns poucos se dispersar nas massas?

### **O uso de polidez para manutenção da *amicitia* nas epístolas ciceronianas**

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira – UFES

Propomo-nos, neste trabalho, a analisar a polidez utilizada pelo orador Marco Túlio Cícero nas *Epistolae ad Familiares* ao se comunicar com seus *amici*. Observaremos, então, a diferença dessas referências aos *amici* em contextos variados. O orador viveu durante o século I a.C., período no qual a comunicação entre aristocratas era em grande parte feita através de cartas. A troca de epístolas é um elemento importante da formação de redes de sociabilidade (conceito trabalhado por Georg Simmel), e buscaremos, através das cartas, investigar as diversas conformações desta rede através do conceito de *amicus*, observando em especial os diferentes contextos em que o termo é utilizado. Após isso, categorizaremos as cartas utilizando o modelo de análise de conteúdo de Lawrence Bardin. Utilizaremos também os conceitos de polidez propostos por Jon Hall para elucidar os efeitos causados pelo orador ao utilizar o vocabulário escolhido por ele e para auxiliar na categorização do *corpus* selecionado. Além disso, o conceito de cotidiano de Michel de Certeau será importante para auxiliar o trabalho com esse tema que envolve o dia a dia do orador. Desta forma, tentaremos compreender como Cícero representa a

*amicitia* e as relações de amizade ao utilizar determinados tipos de polidez em variadas situações.

### **Projeto de Antologia Bilíngue da Literatura Latina**

Rafael Ummen Cunha Peixoto – UFPE

José Alexandre Ferreira Maia – UFPE

Fundamentado no fato de que a língua portuguesa evoluiu da língua latina, o pôster analisa a hipótese de que na sua diacronia podem ser identificadas estruturas que preservam características morfológicas e sintáticas, semânticas e pragmáticas que poderão facilitar para o estudante neófito a sua introdução nos estudos da língua latina. A proposta é fazer um levantamento preliminar de gêneros e de textos da literatura latina onde possa ser identificado o enclave interpretativo.

### **Letras Clássicas na Escola IV**

Vinícius Moraes Tiago – UFJF

Fernanda Cunha Sousa – UFJF

Desenvolvido desde 2013, o projeto de Iniciação Científica "Letras Clássicas na Escola" tinha como proposição inicial compreender, de forma ampla, o papel da cultura clássica na formação do indivíduo como cidadão, avaliando suas possíveis relações com o currículo escolar brasileiro para o Ensino Fundamental e Médio. Com efeito, conforme constatado nas fases anteriores da pesquisa, há uma escassa referência à cultura clássica na legislação atual que define as diretrizes curriculares vigentes. Portanto, nesta fase do projeto, nosso principal objetivo é refletir sobre as possibilidades de elaboração de material didático complementar ao currículo do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio que dê suporte a abordagens interdisciplinares cujo eixo unificador seja a cultura clássica. Para tanto, partimos das *Metamorfoses*, de Ovídio, com vistas à elaboração de materiais que serão aplicados em contextos escolares através de atividades variadas, como jogos de tabuleiro, fantoches para contação de histórias, caça-palavras, entre outros. Está em processo de desenvolvimento ainda, em parceria com alunos do Instituto de Artes e Design da UFJF, a elaboração de um material didático que permita uma abordagem interdisciplinar através de jogos de interpretação, como RPG. A escolha das *Metamorfoses* se justifica por representar um dos mais importantes textos que revelam a identidade cultural percebida por um poeta do mundo clássico, além de ser composta de narrativas relativamente pequenas, consideradas uma das fontes primárias da representação mítica do mundo antigo (CONTE, 1999). Se a escola tem o papel de formar cidadãos para o futuro (conforme CNE/CEB 02/2012), tem, portanto, o dever de apresentar ao aluno seu lugar na tradição cultural ocidental. Assim, o projeto propicia, através do acesso ao repertório literário latino, uma experiência formativa relevante para todos os envolvidos, ao colocar em evidência uma das faces da construção de identidade brasileira, além de ampliar o repertório literário dos alunos.

### **Os temas e motivos da epigramática helenística na Elegia Erótica Romana: o entrecruzamento genérico entre epigrama e elegia e a poética clássica na esteira da emulação**

Gabriel Ismael Carrazzone Lacativa (UFOP)

É muito comum, sobretudo após o Romantismo, associar a poética clássica à rigidez, como se se tratasse de uma forma prescrita e estanque, encaixotada e vedada em seu

gênero. Essa é uma ingenuidade, todavia, dos comentadores modernos. Neste trabalho, pelo contrário, intenta-se demonstrar a fluência da poética clássica, na esteira da emulação, exemplificada pelo entrecruzamento de dois gêneros antigos: o epigrama helenístico e a elegia erótica romana. Assim, ele começa com a leitura e a análise de epigramas helenísticos e também de outras obras importantes dos mais notáveis epigramáticos, como se revela o caso de Calímaco de Cirene e seu Prólogo aos Telquines; a leitura foca sobre o que está sendo escrito, seu porquê e como são articuladas as tópicas. Há, em seguida, semelhante leitura e análise de elegias eróticas romanas, de autores como Álbio Tibulo, Sexto Propércio e Públio Ovídio, também tencionando explicitar seus temas, motivos e tópicas. Emparelham-se, portanto, o epigrama helenístico e a elegia erótica romana, de modo a esclarecer o lúdico caráter responsivo desses gêneros, que, como será demonstrado, não se correspondem apenas quanto ao metro. Será arrazoado, por fim, como esse entrecruzamento genérico, além de revelar a existente fluência da poética clássica, também denota a afinidade e a emulação entre as poéticas helenística e romana.

# MINICURSOS

## **Abordagem direta do Latim Clássico – Prof. Dr. João Bortolanza (UFU)**

O minicurso dirige-se àqueles que querem chegar mais rapidamente à leitura de textos em Latim Clássico. Partindo da proposta apresentada no livro *As bordas da Linguagem*, “Construindo um novo ensino de Latim nas Universidades” (Edufu, 2011, p. 337-347), aplicada em nossos Grupos de Estudo do Latim, busca-se conseguir uma nova metodologia de Ensino e Aprendizagem do Latim Clássico, tendo em vista que o aluno universitário tem menos tempo para conseguir sua proficiência em Leitura e Entendimento de Textos Latinos – um acervo de mais de 2 mil anos em todas as áreas do saber. Sendo o Português o Latim “em outro tempo e lugar”, é possível aplicar o método instrumental, que consiste sobretudo em “otimizar” o estudo de uma língua, reconhecendo primeiramente os Cognatos e as Recorrência fundamentais; identificando as estruturas morfossintáticas verbo-nominais das declinações e conjugações, com o uso de tabelas. Importante é vencer o aparente caos da frase latina, buscando o *Ordo consuetudinarius* dos termos na oração e das orações na Frase. Para essa abordagem, emprega-se o método dos três elementos-chave: Verbos, Cláusulas de ligação e Formas Nominais.

## **Economia e crise no mundo romano do século I a.C. – Prof. Dr. Deivid Valério Gaia (LHIA-IH/UFRJ)**

O último século da República romana é um verdadeiro laboratório de estudo para se trabalhar com o tema da economia e das finanças, pois é a época sobre a qual temos o maior número de documentação que revela o cotidiano da cidade de Roma, oferecendo assim ricas informações diretas e indiretas sobre a vida econômica. Nesse sentido, elaboramos este minicurso com o propósito de discutir questões ligadas à vida econômica e financeira do mundo romano durante o século I a.C., tendo como preocupação principal o estudo das crises financeiras. Iniciaremos discutindo questões gerais sobre a economia na Antiguidade – os debates atuais e perspectivas de estudo – para assim abordarmos o problema das crises de maneira mais específica. Dessa forma, tomaremos como exemplos as crises financeiras que ocorreram durante a Guerra Social (91 – 89 a.C.), a Conjuração de Catilina (63 a.C.) e a Guerra Civil (49 – 45 a.C.), a partir dos seguintes parâmetros: conceito e vocabulário de crise, a sua formação, o seu desenvolvimento e o papel desempenhado pelos poderes públicos para remediá-la. Partiremos da análise comparativa de *corpora* bem diversificados (literário, epigráfico e jurídico) e das discussões mais recentes da historiografia contemporânea.

## **História Antiga, Arqueologia Clássica e Cultura Material – Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco (Unifesp)**

Este minicurso discute vários níveis de inserção da cultura material nos Estudos Clássicos, mais especificamente, no seio das disciplinas Arqueologia e História. Sua primeira parte é ligada à discussão do conceito *cultura material* e sua aplicação, desde o

século XIX, no seio dos Estudos Elássicos, apoiado em debates sobre aculturação, em termos de helenização e romanização, as críticas na segunda metade do século XX e as novas perspectivas dos estudos de cultura material caracterizadas como leituras pós-colonialistas. A segunda parte discute as relações entre as disciplinas História Antiga e Arqueologia Clássica (a História Antiga é a história do mundo clássico? A Arqueologia Clássica é uma História Antiga a partir das coisas ou uma História da cultura material do mundo antigo?), destacando os pontos de aproximação, mas também as suas especificidades. Por fim, a terceira parte, completa o quadro apresentado nas duas primeiras partes, discutindo as fontes da História Antiga e da Arqueologia Clássica, a partir do debate sobre as fontes materiais, fontes escritas e conceitos similares (fonte escrita/textual é equivalente a fonte histórica? Fonte material é equivalente a fonte arqueológica? O que é documento?). Esses três temas, fortemente conectados, serão tratados a partir de discussões teóricas e estudos de casos.

### **Zoofilia Epigramática: Animais de Estimação em Epigramas Funerários da *Antologia Palatina* – Prof. Dr. Alexandre Agnolon (LEIR-UFOP)**

O presente minicurso objetiva discutir os cerca de vinte e cinco epigramas funerários, conservados na *Antologia Grega ou Palatina*, dedicados a animais de estimação, os poemas são de autoria de variada gama de poetas da época helenística, como Leônidas, Árquias, Ânite, Timnes, Meléagro, Antípatro, etc. Em um primeiro momento, tratar-se-á das supostas origens tumulares e votivas do epigrama, entendido como “inscrição”, para, em seguida, discutir a incorporação, agora em domínio propriamente poético, da matéria fúnebre, circunscrita no livro sétimo da *Antologia* sob a rubrica ἐπιγράμματα ἐπιτύμβια. A despeito da relação entre a ambiência pública e privada evidenciada amiúde pela inscrição – ainda que fictícia – sobre estela sepulcral, bem como os afetos que geralmente suscitam poemas dessa espécie, a hipótese que buscaremos demonstrar, a partir da análise dos referidos epigramas e em cotejo com outras fontes, inclusive romanas, é que o elogio fúnebre dirigido a animais de estimação é só ensejo para que o poeta desvele outra questão, de fundo e não menos importante: a própria poesia.